



**Sonia Maria de Carvalho**

**Merquior – Um liberal nos bosques de Academus**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Alexandre Montauray Baptista Coutinho

Rio de Janeiro

Abril de 2018



**Sonia Maria de Carvalho**

**Merquior – Um liberal nos bosques de Academus**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Alexandre Montaury Baptista Coutinho**

Orientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Júlio César Valladão Diniz**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio**

UFRJ

**Prof. Monah Winograd**

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas –  
PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2018.

Ancorada na contemporaneidade (por graciosa benevolência do tempo) presenciei a chegada de Marianne ao meu mundo. Marianne, a neta que a bênção dos deuses ou do acaso, pouco importa, fez acontecer em minha vida. Marianne, que tão somente por sua presença faz o tempo se revolver, entrecruzar, e se transformar em espelho, refletindo meus antepassados, meus filhos – dádivas da vida – e me lançando em fragmentos refratados rumo ao futuro. A ela, ofereço essa dissertação, meras migalhas da conversa da humanidade consigo mesma. O que induz e motiva essa oferta é a esperança de que um dia, parodiando o “poetinha”, ela possa dizer da avó que teve – falível, posto que humana, mas curiosa e corajosa enquanto viveu.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Sonia Maria de Carvalho**

Graduada em Pedagogia (UERJ- 1976). Diretora de Escola (1975-1979). Diretora do 5º Distrito de Educação e Cultura (1979-1982). Assessora do Ministro da Justiça, Gabinete RJ (1982-1986); Delegada substituta do SENAR/RJ, Ministério do Trabalho (1986-1987). SENAR/BSB (1987-1988). Chefe do Escritório da Secretaria Especial de Informática no RJ, SEI, Ministério da Ciência e Tecnologia (1988-1990). Chefe de gabinete do Procurador Geral, Procuradoria do INSS/RJ, Ministério da Previdência (1991-1993). Mediação e Arbitragem, Ministério do Trabalho, DRT/RJ (1993-1996). Graduada em Direito (UCAM). Sócia do Escritório de Advocacia BLATTER&GALVÃO (desde 1998).

### Ficha Catalográfica

Carvalho, Sonia Maria de

Merquior : um liberal nos bosques de Academus / Sonia Maria de Carvalho ; orientador: Alexandre Montaury Baptista Coutinho. – 2018.  
156 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2018.  
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. José Guilherme Merquior. 3. Intelectual. 4. Cultura. 5. Marxismo. 6. Ideologia. I. Coutinho, Alexandre Montaury Baptista. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD:800

## Agradecimentos

À PUC-Rio, pela bolsa de isenção, que me permitiu cursar o mestrado.

Ao Mestre, Professor e Pesquisador Alexandre Montaury, meu Orientador, pela competência da sábia maestria, exercida com virtuosidade, gentileza, eficiência e eficácia; pela paciência em me conduzir sem maniqueísmos redutores, com a grandeza de espírito própria daqueles que, acima das ideologias, prezam e respeitam a procura do saber; pela doação generosa de seus conhecimentos, fazendo que o aprender fosse vivido em profundidade, porém de forma amena e prazerosa, despido da sisudez das vetustas pedagogias pretéritas. A ele, meu respeito, carinho e gratidão.

Ao Mestre, Professor e Pesquisador Júlio Diniz, pelo grande acervo de conhecimentos, pela generosidade de compartilhá-los, pela coragem intelectual de incluir obras de Merquior na bibliografia das disciplinas que leciona. E pela sensibilidade de intuir, e a nobreza de caráter para apontar, que era chegada a hora de trazer as ideias do intelectual liberal José Guilherme Merquior para o debate e a crítica na Academia. A ele, meu respeito e carinho.

Ao Professor Fred Coelho que, desde a graduação, me incentivou a ingressar no mundo da pesquisa acadêmica, meu agradecimento especial pelo crédito que desde o início me outorgou.

À Professora Marília Rothier Cardoso, pelo olhar atento e perspicaz, pela paciência e isenção de espírito, e pelo exemplo de delicadeza no trato das ideias e das pessoas.

A José Guilherme Merquior por me fazer ultrapassar o limiar do hoje e adentrar de volta ao passado, confirmando a certeza na imortalidade de uma brilhante estirpe intelectual de linhagem sem fim.

A Léo Frederico Cinelli que há 36 anos é meu companheiro de vida, meu amado, meu amigo, meu irmão. Meu herói. Sem ele, essa viagem não existiria.

## Resumo

Carvalho, Sonia Maria de; Coutinho, Alexandre Montaury Baptista. **Merquior – Um liberal nos bosques de Academus**. Rio de Janeiro, 2018. 155 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação, situada na interseção entre a memória do passado, a herança cultural e a narrativa do moderno, versa sobre o intelectual liberal José Guilherme Merquior, crítico brasileiro com presença e atuação marcantes no debate cultural no Brasil a partir do final da década de 1950 até ao início dos anos 1990 da segunda metade do século XX. Recolhe depoimentos de pensadores, na sua maioria, assumidamente declarados ou reconhecidos, como posicionados no lugar da “esquerda” do espectro político-ideológico. Traceja um painel com as diversas etapas que pavimentaram a trajetória do pensador brasileiro. Percorre algumas de suas obras, garimpando e detectando características e nuances que indiquem seu semblante intelectual. Ao final, infere a atualidade de suas ideias e críticas, e sua eventual importância e inserção no debate cultural no presente.

## Palavras-chave

José Guilherme Merquior; intelectual; cultura, liberalismo e marxismo; ideologia e política.

## Résumé

Carvalho, Sonia Maria de; Coutinho, Alexandre Montauray Baptista (Conseiller). **Merquior – un libéral dans les bois d'Academus**. Rio de Janeiro, 2018. 156 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ce travail, situé à l'intersection de la mémoire du passé, de l'héritage culturel et du récit du moderne, porte sur l'intellectuel libéral José Guilherme Merquior, un critique brésilien d'une forte présence et performance dans le débat culturel au Brésil de la fin des années 1950 jusqu'au début des années 1990 de la seconde moitié du XX<sup>e</sup> siècle. On y a réuni des témoignages de penseurs, dont la plupart sont certes déclarés, ou reconnus, comme étant positionnés plutôt vers la «gauche» du spectre politico-idéologique. On y a dessiné un panneau avec les différentes étapes qui ont pavé la trajectoire de ce penseur libéral. On y a fait le parcours de quelques-unes de ses œuvres, tout en recueillant et en détectant des traits et des nuances qui indiquent son profil intellectuel. A la fin, on a pu inférer l'actualité de ses idées et de ses critiques, son éventuelle importance et son insertion dans le débat culturel de nos jours.

## Mots-clés

José Guilherme Merquior; intellectuel; culture, libéralisme et marxisme; idéologie et politique.

## Sumário

1 Introdução	10
2 Dos referenciais	23
2.1 Ambiência geopolítica	23
2.1.1 Contexto externo – Guerra Fria/poder quente	23
2.1.2 Contexto interno – Ditadura militar X Patrulhas ideológicas	27
2.2 Ambiência epistemológica	29
2.2.1 Ideologia – O poder na oração	30
2.2.2 Cultura – A narrativa das narrativas	34
2.2.3 Intelectual, quem você pensa que é?	44
3 Ecce Homo	53
3.1 O púbere crítico literário	53
3.2 Um juvenil diplomata	57
3.3 Genealogia das linhas de força	62
4 A forma e as ideias	68
4.1 A forma	68
4.2 Algumas ideias	77
4.2.1 Crítica à psicanálise	79
4.2.2 Crítica à arte de vanguarda	81
4.2.3 Crítica ao marxismo	84
5 Terceira Lei de Newton – Ação e reação	91
5.1 Traga-me a cabeça de Zumbi dos Palmares	93
5.2 “Terrorismo bibliográfico”	95
5.3 “É mentira muitas vezes repetida”	96
5.4 A crítica da crítica	98
6 Liberalismo social – Racio et ratio	105
6.1 Primeiro discurso	105
6.2 Último livro	109
6.3 Última palestra	112



6.4 Liberalismo merquioriano	117
7 Um semblante intelectual	121
8 Conclusão – A chave de Benjamin	134
9 Referências bibliográficas	146

# 1

## Introdução

*Venho a vós na certeza de que o diálogo, mesmo na eventual divergência, é a via régia do conhecer e da paixão que me anima: a paixão de compreender. O prêmio da vida acadêmica não é a discordância sem discórdia? [...]. Não desdenhastes minhas primeiras respostas; aceitai agora meus projetos de enigma, que vos ofereço pelo que são: meras migalhas da perene, silenciosa conversa da humanidade consigo mesma.* (José Guilherme Merquior, discurso de posse na Academia Brasileira de Letras – 11/3/1983)

O momento inicial da pesquisa ocorreu no segundo trimestre de 2016 quando, por sugestão do Professor Júlio Diniz, o pré-projeto original apresentado – *O Intelectual e o Poder* – foi delimitado, restringindo-se o campo de análise à trajetória de um intelectual específico. E o liberal José Guilherme Merquior deu rosto, forma e conteúdo à pesquisa. A partir daí, iniciou-se o levantamento e a coleta de material, inicialmente com a rápida releitura de alguns dos livros de Merquior em mãos do pesquisador, em concomitância com a frenética procura, através da internet, por referências pertinentes ao trabalho que se iniciava, fosse em artigos de jornal, livros ou revistas à disposição na web, enviando mensagens eletrônicas a variadas publicações e coletando vídeos disponíveis no Youtube. Enfim, quaisquer publicações que apresentassem dados e informações confiáveis sobre a obra e a pessoa de Merquior.

A vantagem da pesquisa em artigos publicados em jornais ou revistas residiu no fato de que, além de permitir o acesso a variadas análises críticas das obras de Merquior e de sua trajetória, tanto por afetos quanto por desafetos, essas publicações relatam fatos e acontecimentos versando a conjuntura político/cultural daquela época, bem como delineiam as práticas dos intelectuais naquele tempo, memorialística difícil de ser encontrada (algumas raras fontes são os livros *Patrulhas Ideológicas*, organizado por Carlos Alberto Pereira e Heloísa Buarque de Hollanda, e *Impressões de Viagem, CPC, vanguarda e desbunde*, da última autora citada). A desvantagem é que esse material é disperso e desorganizado, o que demanda uma dose extra de tempo e atenção por parte do pesquisador.

Os textos se reproduziam numa cadeia ininterrupta de referências e similaridades, levando a outros livros, outros artigos, a outros críticos. Tornou-se claro, então, que a obra de José Guilherme Merquior entrelaça um vasto universo de conhecimento – crítica e teoria literária, estética, filosofia, sociologia, economia, com articulações entre o político e o cultural – em amplo e múltiplo diálogo com

incontáveis vozes de uma extensa galeria de poetas, filósofos, escritores, antropólogos, linguistas e críticos, não só do passado remoto e do pretérito recente, como também com seus contemporâneos.

No terceiro e quarto trimestres de 2016, com a precisa e serena orientação do Professor Alexandre Montauray, procedeu-se, então, à leitura dinâmica desse material, realizando-se uma primeira clivagem, guiada por alguns critérios que já se esboçavam através do manuseio mesmo dos textos. E, sob a ditadura do tempo, perfilhou-se o método de selecionar especialmente a produção de intelectuais que mais de perto conviveram e interagiram com a pessoa e/ou com a obra de Merquior, e neles buscar aqueles instantes que saltaram como uma marca que pontua, um instrumento que fere e, como tal, pinçaram o olhar, a emoção, a atenção de seus confrades, admiradores ou antagonistas, contemporâneos seus ou não.

Na sequência, delineou-se o objetivo geral da dissertação: traçar o perfil intelectual do liberal José Guilherme Merquior, através das análises e depoimentos de seus pares, também intelectuais, com arco temporal abarcando a segunda metade do século XX, dando-se ênfase ao período entre o final dos anos 1950 até o mês de janeiro de 1991, data de sua morte. O trabalho, então, ganhou forma e figura de dissertação acadêmica.

Buscando a eficácia do processo de leitura e estudo adotou-se a estratégia de dividir e escalonar a pesquisa em fases distintas. A cada tema pesquisado correspondeu um dos capítulos, partes destacadas de compreensão praticamente autônoma, que guiaram todas as leituras e os procedimentos até a meta final. Com isso, pretendeu-se também aclarar as variáveis que são consideradas e ponderadas para a composição do perfil intelectual do sujeito objeto da pesquisa, detalhado no sétimo capítulo. Alguns capítulos foram ainda estruturalmente divididos em subcapítulos, questões que jaziam atocaiadas nos temas mais abrangentes, e que foram particularizadas em subitens independentes.

Deixa-se aqui de pormenorizar todos os procedimentos preliminares, indispensáveis à elaboração das sínteses – leituras, releituras, sublinhamentos, seleções, apontamentos, rascunhos e revisões. Mas, ressalta-se que esse método de corte em partes e subpartes inspirado em Jack, o estripador, mostrou-se eficaz para o desenvolvimento do trabalho.

O processo de comunicação pressupõe um acordo entre emissor e receptor para partilha de signos e significações, sob pena de frustrar-se o diálogo. A pes-

quisa científica reclama, para a condição mesma de seu reconhecimento enquanto tal, certa convergência de olhar: o que estou vendo é a mesma coisa que você está vendo, ainda que discordemos quanto a sua origem, constituição ou finalidade? Chamamos essa coisa pelo mesmo nome ou estaremos recorrendo a um único nome para designar coisas distintas?

Assim, perseguindo um mínimo consenso, necessário ao diálogo e à cognição eficientes, o segundo capítulo, **Dos referenciais** – ambiência geopolítica e ambiência epistemológica – é centrado em situar o background geopolítico e conceitual do arco temporal de inserção e abrangência da pesquisa. Versando o trabalho sobre um intelectual interagindo com outros intelectuais, nos níveis literário, cultural, político e ideológico em determinado espaço e tempo, faz-se necessário visualizar e entender o mosaico geopolítico – as forças da cultura política, externa e interna – que lhes servia de cenário, informando e dirigindo as atividades político/culturais de sua época.

Sem perder a dimensão do todo em que se inscreve como parte, entende-se que descrever as condições espaço/temporal no qual transitavam Merquior e seus pares, verificar as características do contexto sócio/econômico/político daquela época, na qual os diversos atores sociais produziam e interagiam, bem como a situação político/institucional em que inscreveram sua produção intelectual, conduz à compreensão do palco onde ocorreram a discussão e a crítica literária e cultural dos anos 1960 ao início dos 1990 no século passado, assim como contribui para desvelar o contexto mais amplo em que se dá a produção do conhecimento como um processo inserido na história. Conforme afirma o historiador francês Fustel de Coulanges, em *A cidade antiga*:

A história não estuda somente os fatos materiais e as instituições; o seu verdadeiro objeto de estudo é a alma humana; a história deve propor-se ao conhecimento daquilo em que essa alma acreditou, pensou e sentiu nas diversas idades da vida do gênero humano. (COULANGES, 1981, p. 97)

A partir de um resumo contextual abrangente procedeu-se à aproximação com a ambiência epistemológica dos textos, não só de José Guilherme Merquior, como também de seus pares, demais intelectuais que com ele interagiam, harmônica e/ou conflituosamente.

Reorganizando um elenco de saberes, criando as condições para que os assuntos do conhecimento sejam acessíveis por várias entradas, alguma precisão conceitual faz-se necessária no trabalho de pesquisa, sem o qual anula-se o intercâmbio cognitivo. Quando atuando imersa num background saturado de conceitos garantidos pelo senso comum, por vezes confusos e equivocados, ou polissêmicos, corre-se o risco de trilhar explanações lineares, construídas com argumentação aparentemente encadeada, porém, de cunho ambíguo, incongruente. E o risco de sua irrelevância acadêmica cresce exponencialmente. A abordagem eficaz para as análises inferenciais depende da interface assumida para o entendimento de fenômenos e de conceitos que, na área das ciências humanas, são por vezes fluidos e mutantes.

Na área cultural, a terminologia flutua ao sabor dos empréstimos ocasionais arrebanhados junto a diferentes disciplinas, como sociologia, economia, história, psicologia e antropologia. Essa polissemia discursiva, eventualmente, pode até apresentar consequências produtivas. Todavia, quase sempre, produz ambivalências e ambiguidades semânticas levando a impasses ou a perplexidades e equívocos.

O professor Teixeira Coelho, pesquisador e coordenador do Observatório de Políticas Culturais, na apresentação que faz do *Dicionário Crítico de Política Cultural* (COELHO, 1997, p. 8/15) confirma que a massa teórica que, na sua tarefa de mapeamento circula pelas diferentes vias culturais, vias líquidas, quase etéreas, não deve estar solidamente amarrada a um cais. Pelo contrário, melhor é que gire ao largo. Porém, afirma, não à deriva! Certa ancoragem é condição necessária para coibir o vaguear que dispersa e desfigura os objetivos últimos.

Quando se fala em cultura, por exemplo, de que exatamente se está falando? As discordâncias – e as hesitações – proliferam. Todavia, se por vezes é possível encontrar aqui e ali a definição pacífica de um termo, na maior parte das vezes faz-se necessário reconstruir a ideia por trás dele, resgatando-a mediante uma ação de arqueologia quase detetivesca, visando facilitar o entendimento dos fatos e fenômenos tratados.

O universo do trabalho abrange um ator social específico, o *homme des lettres*, integrante de uma elite cultural que pauta debates, difunde ideias e influencia a cultura em suas diversas plataformas de atuação, dentre elas livros, jornais, revistas, universidades. Assim, o processo de investigação da pesquisa alargou sua abrangência para compreender as diversas acepções contidas nos termos ideologia, cultura e intelectual, com suas nuances e níveis de complexidade.

No item específico versando os intelectuais, o capítulo apresenta, genericamente, os tipos sociais identitários através dos quais esses atores sociais sedimentam suas crenças e valores, conferindo sentido à sua atuação e construindo seus laços com a sociedade. Para fazê-lo, percorreram-se três universos bibliográficos: primeiro, da literatura que trata genericamente do tema – textos versando a história dos intelectuais; após, uma literatura imediatamente conexa – textos de pensadores políticos; e, finalmente, um círculo mais restrito – textos versando disputas e polêmicas entre intelectuais. Nomes como Jacques Le Goff, Vladimir Ilyich Ulyanov (conhecido pelo pseudônimo de Lenin), Antonio Gramsci e Norberto Bobbio apresentam seu entendimento acerca dos tipos de intelectual, observados pelo modo como agem e interagem nas diversas plataformas em que atuam. Como salienta Jean-François Sirinelli, citando Jacques Julliard “as ideias não passeiam nuas pela rua; elas são levadas por homens que pertencem eles próprios a conjuntos sociais”. E complementa: “E a exploração desse campo se fará pela reinserção dessas ideias no seu ambiente social e cultural, e por sua recolocação em situação num contexto histórico”. (SIRINELLI, 1996, p. 258)

O terceiro capítulo – **Ecce Homo** – busca retratar o entorno sócio/econômico/cultural de Merquior, com o objetivo de identificar o manancial de suas ideias, valores e crenças, através das pegadas e vestígios indicados por aqueles que com ele mais de perto conviveram. Busca resgatar suas circunstâncias pessoais originais, coletando dados e fatos que possam sinalizar os traços particulares, os caracteres que vão se aglutinando e, como setas, prematuramente passam a indicar a forma *mentis* desse intelectual: as pequenas idiossincrasias que particularizam e rascunham as sendas e veredas percorridas por seu intelecto, as tendências que começam a plasmar os afetos que animaram seu espírito, sua *anima*, sua alma, ou seja lá qual for a palavra com que se queira nomear a energia que fecunda e fertiliza os corpos humanos viventes. Para isso, foram selecionados alguns textos,

privilegiando-se aqueles em que o protagonismo é centrado no próprio Merquior, buscando as constantes, as invariáveis.

Traz depoimentos do jornalista José Mário Pereira, de Leandro Konder, filósofo marxista, de Sérgio Paulo Rouanet, diplomata e filósofo, de Roberto Schwarz, crítico literário e professor de Teoria Literária, de Luiz Costa Lima, professor da PUC-Rio, e de Antonio Candido (até hoje considerado “O grande crítico literário”) que retraçam seus primeiros passos na crítica literária e na diplomacia, como também analisam alguns de seus livros e desvendam as diversas injunções pessoais e contextuais a que Merquior estava submetido. Ou seja, as variáveis que instituíram as linhas de força de suas análises e críticas, e a formação de seu discurso – musculoso e contundente.

O quarto capítulo – **A forma e as ideias** – sobrevoa a forma e algumas ideias que constituíram sua produção intelectual a partir da passagem da crítica literária para a crítica cultural e política, registrando seus grandes campos de atuação, especialmente versando temas específicos, constantes em alguns de seus textos. No terreno arenoso e movediço das análises interpretativas, ausente a pretensão de conter a multifacetada obra merquioriana em protocolos teóricos, pretendeu-se tão apenas sublinhar algumas características de seu estilo e expor algumas de suas ideias.

Em itens ou subcapítulos, sempre a partir dos depoimentos recolhidos entre seus pares, resenha o evoluir de suas reflexões no tempo e no espaço, tracejando suas críticas à psicanálise, à arte de vanguarda e ao marxismo. Em síntese apertada, traz as ideias e teorias que constituíram sua produção intelectual a partir do início dos anos 1980 do século passado. Afora os autores mencionados foram incorporadas pesquisas anteriores, artigos, teses e estudos específicos sobre algum aspecto de determinadas obras de Merquior, consignando-se as devidas indicações bibliográficas.

O quinto capítulo **Terceira Lei de Newton – ação e reação**, consiste no relato de alguns episódios, uns pitorescos, outros constrangedores, dividido em três subcapítulos, partilhando o protagonismo com Darcy Ribeiro em “Traga-me a cabeça de Zumbi dos Palmares”; com Eduardo Mascarenhas e a Sociedade Brasileira de Psicanálise em “Terrorismo bibliográfico”; e com a professora Marilena Chauí em “É mentira muitas vezes repetida”. Relembra algumas das ideias que expôs em diversas entrevistas, traçando um painel das paixões e cren-

ças que refletem o clima de polarização político/ideológica que dominava o debate cultural naquele Brasil, naquela época. Tempo de posições extremadas, de exacerbação de conflitos. Não muito diferente do que ocorre na atualidade.

No sexto capítulo, **Liberalismo social – racio et ratio**, cotejando-se o primeiro discurso com as reflexões expostas no último livro, *O liberalismo antigo e moderno*, bem assim com a última palestra proferida, descortina-se o percurso de seu intelecto pela sinuosa, áspera e pedregosa estrada no rumo da procura do conhecimento, iniciando pelo juvenil diplomata que, guiado pela disposição mamútica de leitura, foi refinando suas ideias, as escoimando dos arroubos juvenis, até chegar ao experiente e maduro crítico político – apogeu de sua *racio et ratio* – o liberalismo social abraçado por ele nas esferas filosófica, cultural, política e econômica.

No sétimo capítulo, **Um semblante intelectual** – resgatando-se alguns prefácios, discursos e textos de Merquior, nos quais ele esboça como que uma autodefinição, trazendo depoimentos, conversas de coxia, pequenas confissões e inconfidências daqueles que com ele conviveram ao longo de sua curta vida, como também de alguns de seus pares da nova geração, formatou-se um *croquis* de seu intelecto.

No oitavo capítulo, **Conclusão – A chave de Benjamin**, a partir do pensador alemão Walter Benjamin, foram apreciados possíveis préstimos e serventia de uma pesquisa versando o intelectual liberal José Guilherme Merquior para o conjunto da sociedade, auscultando a existência, ou não, de poder de universalidade na obra merquioriana. Através do relato de alguns intelectuais da nova geração, que não o conheceram, da procura e do estudo de sua obra por vários jovens acadêmicos, inferiu-se a aptidão e o potencial de suas obras para ecoar e ressoar na pós-modernidade, tudo levando à crença de que José Guilherme Merquior ressurgiu do ostracismo e do silenciamento para vir entregar seu legado às novas gerações.

Em todos os capítulos são trazidas críticas e análises de diversos intelectuais conhecedores da obra de Merquior, uns mais intimamente, alguns de toda a obra, outros de apenas um ou outro livro. O recorte é feito em esparsa, porém consistente, fortuna publicada, abarcando as diferentes etapas da trajetória intelectual de Merquior.



O jornalista José Mário Pereira, em artigo publicado na obra organizada por Alberto Costa e Silva, intitulada *O Itamaraty na cultura brasileira* e reproduzido no site *Diplomatizando*, afirma que o próprio José Guilherme Merquior dividiu sua obra em duas categorias: grupo 1) crítica; e grupo 2) estética, cultura e política. No primeiro grupo se encontrariam *Razão do poema – Ensaaios de crítica e de estética*; *A astúcia da mimese – Ensaaios sobre lírica*; *Formalismo e tradição moderna – O problema da arte na crise da cultura*; *O estruturalismo dos pobres e outras questões*; *Verso, universo em Drummond*; *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira I*; *O fantasma romântico e outros ensaios*; *As ideias e as formas*; *O elixir do Apocalipse* e *De Praga a Paris – O surgimento, a mudança e a dissolução da idéia estruturalista*. E, no segundo grupo *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin – Ensaio crítico sobre a escola neo-hegeliana de Frankfurt*; *Saudades do carnaval – Introdução à crise da cultura*; *A estética de Lévi-Strauss*; *O véu e a máscara: ensaios de cultura e ideologia*; *Rousseau e Weber: dois estudos sobre a Teoria da Legitimidade*; *A natureza do processo*; *O argumento liberal*; *Michel Foucault ou O niilismo de cátedra*; *O marxismo ocidental* e *O liberalismo antigo e moderno*.

Contudo, parece difícil traçar limites precisos entre suas obras de crítica literária, crítica cultural e crítica política. Isso porque já desde *A astúcia da mimese – Ensaaios sobre lírica*, Merquior vinha registrando sua crítica ao estruturalismo e ao formalismo. Em *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin – Ensaio crítico sobre a escola neo-hegeliana de Frankfurt*, Merquior passeia pela discussão crítica da cultura. Da mesma, forma o faz de forma contundente em *Formalismo e tradição moderna – O problema da arte na crise da cultura*; *O estruturalismo dos pobres e outras questões*; *Saudades do carnaval – Introdução à crise da cultura*; *A estética de Lévi-Strauss* e *O véu e a máscara: ensaios de cultura e ideologia*.

Tudo leva a crer que sua passagem definitiva da crítica literária para o patamar da crítica político/cultural deu-se com o livro *As ideias e as formas*, publicado em 1981, quando, iniciando o prefácio, Merquior lança a pergunta “É possível atacar o marxismo, a psicanálise e a arte de vanguarda sem ser reacionário em política, ciências humanas e estética?” (MERQUIOR, 1981, p.11)

Em 1994, aos três anos de sua morte, o Instituto Tancredo Neves de Estudos Políticos e Sociais promoveu o que denominou de “Fórum Merquior”, trazendo

do relatos pessoais de alguns intelectuais que privaram com ele em vida, acompanharam de perto sua trajetória, ou tiveram contato estreito com sua obra, inclusive durante o processo de elaboração. Esses relatos foram reunidos e publicados com o título de *Merquior, Memorial Crítico*, e dentre os textos ali publicados a pesquisa registrou e utilizou, em momentos distintos, principalmente, os relatos de Sérgio Paulo Rouanet, Leandro Konder e Celso Lafer.

Nesse memorial crítico, Sérgio Paulo Rouanet, após declarar que o mundo intelectual de Merquior é “altamente complexo, quantitativa e qualitativamente” (ROUANET, 1994, p. 24), afirmou que o fio condutor para desvendar essa complexidade jaz nessa pergunta e na resposta afirmativa dada por Merquior. Essa declaração de Rouanet induz à crença de que, a partir daí, deu-se o salto que o tornou um militante, não do ideário liberal, com o qual de há muito havia cerrado fileira, porém da ferrenha crítica às práticas intelectuais por ele consideradas dogmáticas. Dessa época em diante datam seus livros *O elixir do Apocalipse* (1983); *De Praga a Paris – o surgimento, a mudança e a dissolução da ideia estruturalista* (1986); *A natureza do processo* (1984); *O argumento liberal* (1985); *Michel Foucault ou O niilismo de cátedra* (1985); *O marxismo ocidental* (1987) e *O liberalismo antigo e moderno* (1990), sendo que este último ele não chegou a ver publicado.

Por opção metodológica, os textos críticos, fortuna publicada, privilegiam, na sua maioria, pensadores assumidamente declarados e/ou reconhecidos, como posicionados na chamada “esquerda” do espectro político-ideológico. Dentre eles, Roberto Schwarz, crítico literário e professor de Teoria Literária, que no artigo “Atrevido, Merquior foi uma figura central”, publicado em 2015 na *Folha de São Paulo*, declarou: “A massa de referências artísticas, teóricas e históricas que Merquior mobilizava em seus estudos fazia dele um caso à parte em nossa crítica.” E aduziu: “A sua conversa inesgotável, sempre interessante e civilizada, que jorrava como uma força da natureza, era um espetáculo memorável.”

Aos depoimentos dos que conviveram com Merquior se acrescenta o de João Cezar de Castro Rocha, pesquisador, professor de Literatura Comparada da UERJ, ex-presidente (biênio 2016/17) e atual membro do conselho deliberativo da ABRALIC, e o de Marcus Vinicius de Freitas, titular de Teoria da Literatura na UFMG, traduzindo a surpresa da nova geração de acadêmicos que, ao tomar conhecimento da obra de Merquior, nela encontra, segundo Castro Rocha, a

análise e a crítica profundas de questões estéticas e culturais só mais tarde objetos de debate. Segundo o pesquisador da UERJ “Minha geração não leu Merquior, autor de livros fundamentais como *Formalismo e Tradição Moderna* (1974), que antecipou algumas questões estéticas só discutidas na década seguinte, de 1980”.<sup>1</sup>

A fim de prestigiar a tradição merquioriana de constante diálogo, na bibliografia de fundo foram trazidas análises e reflexões elaboradas por pensadores ainda hoje atuantes. Dentre esses, Terry Eagleton nos livros *A ideia de Cultura*, *Depois da Teoria* e *A morte de Deus na cultura*. Tanto Merquior quanto Eagleton, além de historicistas, desenvolveram seus temas a partir da releitura de elementos da filosofia hegeliana, e exercitam, cada qual transitando em seu peculiar campo ideacional, um olhar agudo e crítico acerca da Cultura, elaborando análises contestatórias que repercutem no cenário intelectual das discussões atuais.

Ao pensador inglês somam-se outros intelectuais de diferentes origens, nacionalidades e visões político-ideológicas, identificados com a modernidade. De Norberto Bobbio, um dos quadros mais lúcidos do Partido Socialista Italiano (PSI), avocam-se os livros *As ideologias e o poder em crise* e *O intelectual e o poder*, trazendo para o debate a sua coragem de confrontar o senso comum, que se erige em torno de qualquer construção teórica. Sua extrema racionalidade, aliada à prática da dúvida metódica, fez com que Bobbio tenha formulado questões que, ainda hoje, intrigam a todos que sobreviveram à queda do Muro de Berlim.

Boaventura de Sousa Santos, em *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes* contribui com o que chama de “pensamento abissal das epistemologias” modernas no ocidente, apontando que, assim como as culturas, as epistemologias também foram hierarquizadas e/ou suprimidas com o processo de colonização. Colonização que, no período da Guerra Fria, se expandiu e alcançou vários países ocidentais. Sua análise crítica versa aspectos sobre cultura, intersubjetividades e relações sociais no processo epistemológico. Enfatiza a necessidade de um diálogo e de um resgate de outras formas de saberes. Para ele, o conhecimento pós-abissal buscaria fazer esta ponte, bem como compreender a ecologia de saberes da modernidade.

---

<sup>1</sup>In FILHO, Antonio Gonçalves. “Uma coleção para o polemista maior”, *Cultura*, *O Estado de S. Paulo*, 2012. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,uma-colecao-para-o-polemista-maior-imp-,819676>; Acesso em 26/02/18.

Considerando-se que o conhecimento é uno, divisível tão só para fins pedagógicos e metodológicos, o acervo crítico do saber e/ou conhecimento do pesquisador constitui-se, na verdade, de incontáveis e não quantificáveis fontes, incorporadas e já sedimentadas ao longo do visto, do lido, do vivido. Algumas, já perdidas nas calendas do tempo, e que, no entanto, formam uma massa incrustada na memória, de impossível localização, mas que se faz presença. Nas escolhas, nos caminhos a percorrer.

Certamente a pesquisa, de provedora de conhecimento, não se deve traves-tir em reguladora do saber, não se constituindo em panteão para honrarias e muito menos em auto de destruição. *Et pour cause*, descartam-se os solilóquios ideoló-gicos. Ao final, incorporado ou denegado, o saber se amplia e se expande. Ressal-tando-se que conferir merecimento a um intelectual com inteligência e conheci-mentos acima da média, de há muito já reconhecidos por seus pares, não é o mes-mo que subscrever a totalidade de suas ideias.

Trabalhar numa abordagem sócio-histórica implica a preocupação de com-preender os eventos investigados, procurando suas possíveis relações, integrando o individual com o social. O ponto de partida para se construir conhecimento, sob esse referencial, é a realidade empírica por todos observável, ou seja, a correlação de forças produzidas entre os grupos sociais.

Para usar um jargão tomado dos estudos culturais pode-se entender que a produção intelectual dos diversos atores aqui citados representa um ato de fala pelo qual esses atores, individual ou coletivamente, almejam a legitimação de seus discursos como uma das estratégias para o alcance de seus objetivos, seja pela ocupação de espaços políticos e acadêmicos, seja pela busca de prestígio e reco-nhecimento nas diversas plataformas através das quais interagem na sociedade. Esse ato de fala se inscreve em circunstâncias sócio-históricas nas quais estão em disputa visões de mundo e valores ético-políticos. Nesse sentido, as opções teóri-cas e políticas assumidas por esses atores concorrem para a identificação dos tra-ços de pertencimento e reconhecimento que caracterizam e situam sua posição na sociedade e no conjunto das instituições.

Compreender essas circunstâncias históricas requer um sobrevoo em co-nhecimentos produzidos em campos científicos diversificados, distintos daquele consignado no objetivo geral da pesquisa. Tem-se, então, a apropriação de conhe-cimentos do campo da História, incorporando aos instrumentos de análise a per-

cepção dos historiadores, sem, contudo, pretender realizar uma análise de cunho histórico *stricto sensu*.

Certo é que para compreender um fenômeno, seja qual for a sua natureza, necessário se faz retrair sua história, buscar os caminhos que foram percorridos para que o fato ocorresse. O olhar retrospectivo fornece alguns elementos peculiares, os quais, mesmo não revelando sua exata forma e consistência, lhe desenham os contornos.

A pesquisa é exploratória, baseada em coleta e leitura de variadas fontes de diversas posições ideológicas, trazendo textos de autores de diferentes espaços, tempo e nacionalidades. Na análise e sistematização do material coletado foi conferido relevo a alguns textos e autores, valendo-se de resultados de pesquisas anteriores, em abordagem interdisciplinar, contemplando variados campos de conhecimento, tais como: crítica literária e cultural, filosofia, arte, sociologia, economia e política, entre outros. Na interpretação optou-se pelo método dialético, cotejando e correlacionando os textos uns com outros. Na exposição dos resultados, a síntese sinalizou a presença de convergências, dissensos e/ou contradições, manifestadas de modos distintos e em tempos diferentes, multiplicando as condicionantes dos fenômenos estudados, procurando inibir fossem estabelecidas relações biunívocas de causa e efeito.

Esse método mostrou-se eficaz para identificar, genericamente, como se processou a formação intelectual de Merquior, sob quais tensões político/institucionais, sopesar a atualidade de seus questionamentos e reflexões, inferir possíveis razões para o silenciamento de sua obra no debate literário e cultural na contemporaneidade. O presente estudo não é exaustivo ou mesmo detalhista, tão apenas apresenta uma visão panorâmica de questões que, ao fim, ajudaram a delinear uma silhueta, um semblante intelectual, nos limites aqui propostos, fazendo emergir, mais um contorno do que um perfil do liberal José Guilherme Merquior.

Jean-François Sirinelli, historiador francês, no ensaio “Os Intelectuais” (SIRINELLI, 2003) – contido na coletânea organizada por René Rémond e intitulada *Por uma história política* – afirma a dificuldade de empreender qualquer pesquisa versando os intelectuais. Por conta de seus contornos mutantes, diz Sirinelli, faz-se necessária uma dose extra de serenidade ao pesquisador, a fim de garimpar as invariantes nas variáveis, tentando discernir a longa duração a fim de

extrair abordagens férteis. Alerta que o trabalho passa obrigatoriamente pela penosa e longa pesquisa, análise e cotejo de elementos dispersos, tendentes a eludir o tom elegíaco.

Em verdade, situado na interseção entre a memória do passado, a herança cultural e a narrativa do moderno, na mística da *longue durée*, e repetindo a locução de José Guilherme Merquior que epigrafa a presente Introdução, o trabalho recolheu algumas migalhas e fragmentos da perene conversa do homem com todos os homens, da humanidade com ela mesma.

## 2

## Dos referenciais

*Supor, ou fingir, que essas coisas são simples não é ser claro – é apenas ser simplista, o que é muito diferente. (Merquior, A natureza do processo)*

Aqui, inicia-se pelos referenciais contextuais e conceituais colhidos nas obras de pensadores que se debruçaram sobre os fatos que marcaram os contextos geopolíticos da segunda metade do século XX, bem como sobre as ideias que subjazem aos principais conceitos aqui utilizados: a ideologia, a cultura e o intelectual. Suas descrições de conjuntura, definições conceituais, caracterizações de tipos identitários e conclusões, mais do que hipóteses possíveis, exibem o selo não só da probabilidade como, mais importante e confiável, da verossimilhança, eis que alicerçadas em pesquisas e documentos por eles analisados, e não contraditados em seu exposto conteúdo por outros pensadores da mesma estatura intelectual – conhecimento, experiência, e valor de testemunho – reconhecimento social e histórico.

### 2.1

### Ambiência geopolítica

*(...) já que nenhum conhecimento verdadeiramente crítico nasce apenas da contemplação – do ânimo dos homens deste tempo e de sua não pequena miséria. (Merquior, Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin)*

#### 2.1.1

#### Contexto externo

#### Guerra Fria/poder quente

No século XX as duas grandes guerras mudaram a face do mundo ocidental. Ao término do segundo conflito mundial a chamada Guerra Fria constituiu um novo Tratado de Tordesilhas e o mundo restou dividido em dois polos de influência. Nesse capítulo foi utilizado o livro *Era dos Extremos – o Breve Século XX: 1914 - 1991* (1994), de Eric Hobsbawm, historiador que discorre detalhadamente sobre o início da Primeira Guerra Mundial em 1914 até a queda da União Soviética, em 1991, assim como também o livro *Paz e guerra entre as nações* (2002), e os ensaios reunidos sob o título *Democracia e totalitarismo* (2002), de Raymond Aron, filósofo e sociólogo francês. Foi Aron quem cunhou a expressão “Guerra

Fria” para o período histórico que sucedeu a Segunda Guerra Mundial. E, no mesmo período, a célebre frase: “Guerra improvável, paz impossível”.

Recorreu-se, outrossim, ao livro *Guerra Fria*, de Robert J. McMahon (2012), norte-americano, historiador de Relações Exteriores que, sem os maniqueísmos de praxe, traz uma perspectiva fora do eixo europeu acerca do conflito.

McMahon declara que a imensa destruição ocasionada pela segunda guerra, além de deixar em ruínas grande parte da Europa e da Ásia, destroçou a antiga ordem. O sistema internacional eurocêntrico que havia dominado as relações mundiais nos quinhentos anos anteriores desapareceu e, em seu lugar, surgiram dois gigantes militares, duas superpotências, cada um tentando construir uma nova ordem mundial afinada com seus próprios valores e necessidades. Conforme McMahon, em termos estruturais amplos, as raízes da Guerra Fria estavam na interseção entre um mundo prostrado por um conflito global devastador e as receitas conflitantes que Washington e Moscou procuravam impor a esse mundo (MCMAHON, 2012, p. 12). O autor esclarece que:

Em suma, foram as aspirações, as necessidades, as histórias, as instituições de governo e as ideologias divergentes dos Estados Unidos e da União Soviética que transformaram as tensões inevitáveis no confronto épico de quatro décadas que chamamos de Guerra Fria. (MCMAHON, 2012, p.13/14)

Documentos obtidos após o fim da Guerra Fria, tanto dos arquivos do regime comunista como também dos Estados Unidos, até então inéditos, têm sido expostos contestando as noções de “expansionismo” russo ou norte-americano. O que as grandes potências fizeram foi determinar suas “esferas de influência”, buscando novas áreas de influência geopolítica no globo. (MCMAHON, 2012, p. 17)

Ausente aqui a pretensão de realizar uma análise de cunho histórico *stricto sensu*, intenta-se sublinhar os principais movimentos empreendidos pelas duas potências militares naquele período, fartamente documentados nos livros *Paz e guerra entre as nações*, de Raymond Aron, especificamente no capítulo XVI (ARON, 2002, p. 389/483) e no livro *A Era dos Extremos* (1984), de Eric Hobsbawm (HOBBSAWM, 1984, p. 15/470), afora as incontáveis teses, dissertações e análises disponíveis em publicações virtuais.

A Alemanha nazista, a grande derrotada da Segunda Guerra, teve o seu território controlado pelos países que formavam a base aliada durante o conflito:



EUA, URSS, França e Inglaterra. Em 1945, na Conferência de Potsdam, esses países dividiram o espaço alemão, inclusive a capital Berlim, em duas principais partes: de um lado, a Alemanha Ocidental, dominada pelas nações capitalistas; de outro, a Alemanha Oriental, dominada pelo comunismo da União Soviética. Como características gerais, afora a divisão territorial do mundo de acordo com a influência predominante de cada uma das potências, capitalista e comunista, podem ser citadas a disputa tecnológica, a corrida armamentista, a corrida espacial, os mecanismos sofisticados de espionagem – CIA e KGB – a busca de aliados e, por consequência, os conflitos regionalizados.

Também a criação de grandes estruturas de empréstimo e fomento, mecanismos estratégicos de ajuda financeira às diversas nações com o fito de impedir possíveis movimentos e conflitos armados pela outra potência. Dessa estratégia são exemplos o Plano Marshall e o Plano Colombo, por parte dos norte-americanos, o primeiro de ajuda aos países europeus ocidentais, e o segundo dirigido aos países da América Latina, da Ásia e da África. Do lado soviético, o plano Comecon ou Molotov, dirigido aos países sob a influência do comunismo.

Na área militar foram estabelecidos pactos militares: do lado capitalista, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é ainda hoje uma das organizações mais poderosas. Do lado comunista, o Pacto de Varsóvia, nos mesmos moldes da OTAN. Através desses mecanismos, consolidou-se a divisão do espaço territorial mundial entre os dois blocos de poder, cuja ocupação foi mais incisiva nos países do leste europeu, que impediam o trânsito livre dos cidadãos, dando azo à expressão “Cortina de Ferro” para designar os limites daqueles territórios.

Estando as áreas já configuradas na região europeia, as duas potências buscaram se expandir especialmente na América do Sul e na África, recorrendo tanto à diplomacia quanto à opressão para manter ou conquistar territórios. Era comum uma das potências apoiar grupos de guerrilheiros contra o governo instaurado, com o fim de gerar instabilidade e assim comprovar sua inviabilidade. O uso desse expediente não se limitou às superpotências: grupos políticos de todos os lugares do mundo iriam se utilizar deste estratagema ao chamar o grupo rival de “comunista” ou “capitalista”. Muitas vezes, o objetivo do grupo acusador era conseguir apoio (leia-se dinheiro, armas e soldados) da superpotência ou estimular reações nos setores das suas sociedades contra o grupo “comunista” ou “capitalista”. Essa tática política foi utilizada pelas duas potências, e é considerada como

uma das principais responsáveis pelas crises políticas e pelas guerras civis, algumas em curso ainda hoje, sobretudo na África.

Todavia, curiosamente, nesse período houve um grande avanço nas ciências humanas, na economia internacional, na tentativa de promoção e estabelecimento de relações pacíficas entre os Estados. A título de exemplos, citem-se o reconhecimento dos direitos da mulher: Convenção sobre Direitos Políticos das Mulheres de 1952/15; das crianças: Declaração sobre os Direitos da Criança de 1959/16; da autodeterminação das ex-colônias: Declaração de Outorga de Independência aos Estados e Povos Coloniais de 1960/17 e a Declaração sobre a Inadmissibilidade de Intervenção nos Assuntos Internos dos Estados e de Proteção de sua Independência e Soberania de 1965/18; da eliminação da discriminação racial: Declaração das Nações Unidas sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial de 1963/19, retomada em 1965/20, e a Convenção Internacional sobre a Supressão e Punição do Crime de Apartheid de 1973/21, e de reconhecimento de direitos humanos: Pacto Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais de 1966/22.<sup>2</sup>

Pesquisas e descobertas no campo científico e tecnológico também marcaram esse período. O mercado mundial foi abastecido por novos produtos, oriundos do *know how* militar, inclusive máquinas e equipamentos nas áreas da medicina nuclear e telecomunicações. Da mesma forma, o movimento denominado de contracultura atingiu o seu apogeu durante os anos da Guerra Fria. De acordo com Theodore Roszak os movimentos contestatórios foram amplificados por jovens das décadas de 1960 e 1970, filhos do chamado *baby boom* (expressão que define cerca 86 milhões de nascimentos entre 1946 e 1964, apenas nos Estados Unidos), criados na prosperidade econômica que os países desenvolvidos atingiram depois da Segunda Guerra. Esses jovens – diferente de seus pais que, pressionados pela depressão econômica ou pela guerra, precisaram rapidamente ingressar no mercado de trabalho – desejavam permanecer eternamente jovens. Não acostumados às convenções sociais mais rígidas do período anterior à guerra, e criados na abundância, a busca pelo prazer tornou-se o objetivo... (ROSZAK, 1972, p.87)

---

<sup>2</sup>Resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas, encontradas no site oficial da ONU: <http://www.un.org>. Acesso em 7/02/18.

Desenvolveu-se um “mercado jovem”, reforçando a ideia da juventude como um fim em si mesma. Lutavam pela “liberdade” limitada ou impedida pelas amarras tecnocráticas, e o grande inimigo tornou-se o “sistema” com suas infinitas redes de poder que aprisionavam o indivíduo (ROSZAK, 1972, p. 19; HOBBS-BAWN, 1985, p. 242; JACOBY, 1990, p. 66).

Em 1986 e 1987, diante de um processo de degeneração econômica do bloco comunista, URSS (Gorbachev) e EUA (Reagan) promoveram a assinatura de dois tratados internacionais, em Helsinque e Washington, colocando um fim na Guerra Fria. Dois anos mais tarde, em 1989, veio abaixo o ícone daquele mundo: o Muro de Berlim. A queda do Muro significou a queda do comunismo, devido a razões internas, sem confronto direto, e sem que significasse uma vitória do capitalismo, apesar deste ter sobrevivido melhor aos anos de crise e de instabilidade política do pós-guerra.

No final dos quarenta anos de duração da Guerra Fria, percebeu-se que a rápida evolução da ciência e da tecnologia, a imensa expansão dos meios de comunicação, a explosão demográfica, a formação e ascensão de novos grupos de pressão, dentre outros fenômenos sociais, conduziram ao aperfeiçoamento das estratégias e táticas de conquista e exercício do Poder. O período da Guerra Fria é considerado o marco da expansão da guerra ideológica na modernidade. A pretensão não seria mais o abate dos corpos dos antagonistas, mas a conquista dos corações e mentes. A poderosa arma estratégica passou a ser a ideologia.

### 2.1.2

#### Contexto interno

#### Ditadura militar x patrulhas ideológicas

No Brasil, em 1962, durante o governo João Goulart, no então Estado da Guanabara foi criado – por um grupo de intelectuais de esquerda em associação com a União Nacional dos Estudantes (UNE) – o Centro Popular de Cultura (CPC), com o objetivo de criar e divulgar uma “arte popular revolucionária”. Sua ideia norteadora, sistematizada no *Anteprojeto do Manifesto do CPC/UNE* (1962) era a de que a arte do povo é “de ingênua consciência”, “desprovida de qualidade

artística e de pretensões culturais” e sem outra função senão “a de satisfazer necessidades lúdicas de ornamento”.<sup>3</sup>

Essa disputa por corações e mentes, intensificada no governo João Goulart, exacerba-se a partir da tomada do poder pelo movimento civil/militar, quando a cultura e as artes se tornaram palco e arena do embate entre um renascente ciclo modernizador e o patrulhamento ideológico exercido pela esquerda.

A prática da censura e da intolerância não foi exclusividade da direita ou do regime. Era realmente dura a vida dos intelectuais e dos artistas naqueles tempos. De um lado, a censura do governo militar, e, de outro, as “patrulhas ideológicas”, integradas por universitários, jornalistas e artistas ligados ao Partido Comunista Brasileiro – então clandestino – que tinham a *missão* de rechaçar qualquer produção cultural não alinhada ao cânone por eles ditado.

Em *Patrulhas Ideológicas*, de Carlos Alberto M. Pereira e Heloísa Buarque de Holanda, as diversas entrevistas colhidas no final dos anos 1970 ressaltam que as “patrulhas ideológicas” entendiam que a oposição às ideias da esquerda constituía uma transgressão, desencorajando quaisquer iniciativas que questionassem os princípios ou fatos chancelados pelo ideário comunista. Esse quadro é especialmente comprovado pelos testemunhos de Carlos Diegues (p. 16/22); Nelson Motta (p. 36/43); Carlos Nelson Coutinho (p. 45/56); Caetano Veloso (p. 106/113); Waly Salomão (p. 132/141); Ana Carolina (p. 169/179); Fernando Gabeira (p. 181/199) e Chaim Samuel Katz (p. 212/220)<sup>4</sup>. Enquanto a ditadura prendia e desterrava, a esquerda – além da guerrilha – promovia terrorismo intelectual e expurgos.

Em 28 de agosto de 1979 foi sancionada a Lei da Anistia<sup>5</sup> e, em 16 de setembro de 1979, a primeira leva de exilados políticos – entre eles Betinho, “o irmão do Henfil”, e Fernando Gabeira – retorna ao Brasil. Em 1985, com o

<sup>3</sup> A história da criação, bem como a íntegra do Manifesto do CPC podem ser encontrados no site do CPDOC/FGV, em [http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro\\_Popular\\_de\\_Cultura](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/Centro_Popular_de_Cultura); Acesso em 10/01/18.

<sup>4</sup>HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. *Patrulhas ideológicas*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1980.

<sup>5</sup>BRASIL.Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Lei Nº 6.683, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Distrito Federal. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6683-28-agosto-1979-366522-normaatuizada-pl.html>; Acesso em 5/2/18.

falecimento de Tancredo Neves, José Sarney assumiu o primeiro governo civil em 21 anos, encerrando-se o período da ditadura militar. Em 1989, caiu o muro de Berlim, pondo fim a 44 anos do governo comunista na República Democrática Alemã, Alemanha Oriental. Grande parte do mundo celebrou. Outra parte restou perplexa.

Esse é tão só um esboço do contexto geopolítico e cultural da segunda metade do século XX. No Brasil, especialmente entre os anos 1960 até o final dos 1980, esse era o palco e o cenário, o clima e o tom onde as ideias circulavam, em que se elaboravam projetos de Brasil, onde a cultura se fazia, as artes eram discutidas, as obras eram criticadas, as invejas eram fermentadas, as vaidades cultivadas. E nesse cenário externo e interno, permeando e informando a produção cultural, artística e acadêmica é que José Guilherme Merquior, assim como todos os seus pares e contemporâneos, constrói sua trajetória intelectual – seus estudos, sua produção, seus textos, embates e polêmicas. Enfim, é nesse espaço e nesse tempo que traça e trilha seu percurso.

## 2.2 Ambiência epistemológica

*Mas nem mesmo a linguagem mais singela do mundo poderia dissipar, ou disfarçar, a complexidade dos fenômenos que se tentará compreender.... (MERQUIOR, A natureza do processo)*

Certo é que desde meados do século XIX o mundo ocidental vinha assistindo à mudança dos paradigmas científicos que haviam constelado os costumes até então. De um lado, o determinismo evolucionista de Darwin, retirando do Homem qualquer privilégio a ele concedido, quiçá por força do divino, quanto às demais espécies; de outro, o determinismo do inconsciente de Freud, que extirpou do homem a onipotência da vontade e a razão cartesiana como matrizes de seu comportamento; e o determinismo histórico de Marx, removendo o homem do centro ontológico dos fenômenos sociais, retirando o homem do Homem, subjugando-o às forças econômicas. Esses três “cavaleiros do Apocalipse” marcaram a produção do conhecimento e as suas teses redundaram em novos paradigmas epistemológicos. A maioria dos termos, especialmente na área das ciências sociais ou humanas, sofreu mutações em seus usos e acepções –

fenômeno perceptível e constatável nos textos de diversos críticos e estudiosos da literatura, da cultura e da política.

No presente trabalho, que versa sobre um intelectual interagindo com outros intelectuais nos níveis literário, cultural, político e ideológico, termos como “ideologia”, “cultura” e “intelectual” reclamam não uma definição pronta e acabada, mas uma breve descrição das ideias que subjazem em alguns de seus usos pelos diversos atores sociais aqui citados na busca de um mínimo consenso epistemológico.

### 2.2.1

#### Ideologia

#### O poder na oração

Não sendo este o espaço destinado a examinar em profundidade as férteis considerações de Paul Ricoeur, filósofo francês, sobre ideologia<sup>6</sup>, transcreve-se algumas de suas reflexões. Ricoeur afirma que “aquilo que precisamos, em nossos dias, é de um pensamento livre com referência a toda intimidação exercida por alguns, de um pensamento que tivesse a audácia e a capacidade de cruzar Marx, sem segui-lo nem tampouco combatê-lo.” (RICOUER, 2008, p. 74)

Dispondo-se a fazê-lo, Ricoeur prossegue e trata da função geral da ideologia, ligando o fenômeno ideológico à “necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si próprio, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar” (RICOEUR, 2008, p. 77/78). Essa autorrepresentação estabelece uma relação com o ato fundador da comunidade. A recordação do evento fundador propicia o consenso social e induz à sensação de coesão e pertença. Porém, conduz ao convencionalismo nos valores. E, nesse caso, a ideologia é justificadora do *status quo*.

Quanto à motivação social, a ideologia “é para a práxis social, aquilo que é para um projeto individual, um motivo” – ao mesmo tempo o que justifica e o que compromete. Outras características são a simplificação e a esquematização, pelas quais a ideologia fornece uma visão de conjunto, não só do grupo que a sustenta, mas também da história e do mundo circundante. Essa visão esquematizada traz, inevitavelmente, um empobrecimento do rigor do pensamento, por privilegiar a

---

<sup>6</sup> RICOUER, Paul. *Hermenêutica e Ideologias*, Editora Vozes, RJ, 2008.

eficácia na transmissão de ideias. E, por isso, acrescenta o autor, tudo pode tornar-se ideológico: ética, religião, filosofia. (RICOEUR, 2008, p.78/79)

Ricoeur cita Jacques Ellul, para quem o fenômeno ideológico é “a mutação de um sistema de pensamento em sistema de crença” (RICOEUR, 2008, p. 79). Assim, o valor epistemológico da ideologia encontra-se no nível da opinião, ou doxa, do raciocínio argumentativo que se impõe não pela demonstração, mas através da persuasão. A codificação da visão do mundo fornecida pela ideologia é necessariamente uma simplificação, que não ultrapassa o nível cultural médio do grupo. Desde o momento fundador, surge um vocabulário específico e uma simplificação conceitual que tendem a estereotipar a linguagem.

A quarta característica da ideologia é a implicação do sujeito dentro dos seus esquemas. Afirma Ricoeur que “o código interpretativo de uma ideologia é algo mais em que os homens habitam e pensam do que uma concepção que possam expressar” e acrescenta: “A possibilidade de dissimulação, de distorção, que se vincula, desde Marx, à ideia de imagem invertida de nossa própria posição na sociedade, procede dela”. (RICOEUR, 2008, p. 80)

Por último, o quinto aspecto é a sua temporalidade, que se traduz numa tendência para a inércia. No dizer do autor “o novo só pode ser recebido a partir do típico, também oriundo da experiência social”. Ou seja, a ideologia tende a permanecer a mesma enquanto os fatos e as situações mudam. Nesse quadro, o que não é assimilável ao sistema de ideias vigente é rejeitado, pois “todo o grupo apresenta traços de ortodoxia, de Intolerância à marginalidade” (RICOEUR, 2008, p.80/81). Aqui se insere a função de dissimulação, predominante quando se produz a conjunção entre a função geral de integração e a de dominação, que se vincula aos aspectos hierárquicos da organização social.

Para Ricoeur, uma das questões principais é saber qual o valor epistemológico do saber ideológico, ou seja, se é possível existir um conhecimento objetivo, se é possível um ponto de vista sobre a ação que esteja liberto da condição ideológica do conhecimento comprometido com a práxis (RICOEUR, 2008, p. 87). Aqui, parece residir a rejeição do filósofo à concepção negativa da ideologia do marxismo, que entende a ideologia como um sistema de representações do mundo através do qual a classe dominante legitima a sua posição privilegiada face às classes dominadas. Ricoeur ressalta a impossibilidade de se falar de ideologia “de um lugar não ideológico chamado ciência” (RICOEUR, 2008, p.87), no qual o

sujeito que investiga e produz conhecimento possa retirar-se de modo a não interferir naquilo que conhece, e observá-lo de fora, eis que ela, a ideologia, desempenha também o papel mediador de acesso ao real. A teoria social não consegue se libertar inteiramente da condição ideológica, não podendo se subtrair à mediação ideológica a que estão submetidos todos os membros do grupo social.

Ricoeur menciona que em *Ideologie und Utopie* (1929) Karl Mannheim mostra como se dá a invasão pela ideologia “à posição de todo aquele que empreende aplicar ao outro a crítica ideológica”. Para Mannheim, embora o marxismo tenha tido o mérito de mostrar que a ideologia é uma estrutura de pensamento própria de um grupo, classe ou nação, falhou ao não aplicar a si mesma a “manobra da desconfiança e da suspeita”, que aplicou à religião e à classe que chama de “dominante”. Se o tivesse feito, deixaria de ser ciência combatente e passaria a ser uma sociologia do conhecimento, tendo por objetivo esclarecer “o condicionamento social de todo o pensamento” (RICOEUR, 2008, p.98/99).

Sem poder aceder a um ponto de vista totalmente imparcial, a visão de mundo do indivíduo é necessariamente mediada pela cultura em que se formou, os valores e os sistemas de crença nos quais imergiu e que apontam para as opções tomadas ao longo da vida. Esses sistemas ideológicos podem não ser totalmente conscientes para o indivíduo. Nesse contexto, o que se exige, para Mannheim, “é uma disposição contínua para reconhecer que todo o ponto de vista é particular a uma certa situação, e para investigar, pela análise, em que consiste esta particularidade”.(RICOEUR, 2008, p. 100)

A consciência dessa dimensão ideológica do saber permite diminuir a distorção, propiciando que se aumente a distância entre o sujeito que conhece e a coletividade em que se integra, expandindo a objetividade epistemológica. Perceber o fenômeno contribui não só para alargar a capacidade crítica do pensamento, como também para evitar que um conjunto de interesses alojados em algum segmento partidário seja proposto como natural, e imposto como resultado de uma suposta, e isenta, preocupação com o bem comum. (RICOEUR, 2008, p. 100)

Após essas considerações de um filósofo acerca do fenômeno ideológico, avocam-se aqui as reflexões de um pensador cuja obra é essencialmente voltada para o estudo dos fenômenos políticos – Norberto Bobbio, que no seu *Dicionário de Política*, publicado originalmente em 1983, afirma que a palavra ideologia comporta duas tendências gerais: “significado fraco” e “significado forte”. No



“significado fraco”, designaria “um conjunto de ideias e de valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os comportamentos políticos coletivos”. Já o “significado forte” “tem origem no conceito de Ideologia de Marx”, e “é um conceito negativo que denota o caráter mistificante de falsa consciência de uma crença política, noção da falsidade: a Ideologia é uma crença falsa”. (BOBBIO, 1998, p.585)

Ao estudioso da política vem se juntar Terry Eagleton, filósofo britânico voltado para a crítica cultural. No livro *Ideologia* (1997), logo na introdução, ele afirma: “O estudo da ideologia é, entre outras coisas, um exame das formas pelas quais as pessoas podem chegar a investir em sua própria infelicidade”. Aduz ainda que: “O que induz homens e mulheres a confundir-se, de tempos em tempos, com deuses ou vermes é a ideologia”. E complementa: “é em razão das ideias que homens e mulheres vivem e, às vezes, morrem” (EAGLETON, 1997, p.12/13). Para ele, a ideologia refere-se especificamente à maneira como as lutas pelo poder são levadas a cabo no nível da significação (EAGLETON, 1997, p. 106).

Para temperar a perspectiva eurocêntrica avoca-se o texto de Robert Alan Dahl, professor norte-americano de ciência política, que, com igual objetividade e pragmatismo, características herdadas do colonizador anglo-saxão, no livro *A moderna análise política* publicado originalmente em 1966, após refletir genericamente sobre o que seja ideologia, coloca a pergunta que considera fundamental: “todas as ideologias têm a mesma validade moral e prática?” E ele mesmo responde: “nada apoia a tese de que todas as ideologias são igualmente morais e eficazes”. (DAHL, 1970, p.37/40)

Hannah Arendt no livro *Origens do Totalitarismo* (2012) – publicado no original em 1951 – a partir do estudo de dois casos concretos, parece concordar com Robert Dahl quando estabelece uma relação direta entre ideologia e totalitarismo. Através da análise dos períodos de Stalin na URSS e de Hitler na Alemanha, a filósofa alemã afirma que o totalitarismo utiliza a “ideologia” como instrumento essencial para explicar absolutamente e de maneira total o curso da história: “os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro” (ARENDR, 2012, p.521). Arendt aduz que

Aquilo de que o sistema totalitário precisa para guiar a conduta dos seus súditos é um preparo para que cada um se ajuste igualmente bem ao papel de carrasco e ao

papel de vítima. Essa preparação bilateral, que substitui o princípio de ação, é a ideologia.” (ARENDT, 2012, p. 520).

Diz ainda que a ideologia impõe, desde o início, o seu caráter irrecusável, infalsificável. Arendt demonstra os processos lógicos pelos quais a ideologia é utilizada para que ninguém jamais comece a pensar; ou, para tornar o pensamento dos indivíduos impotente, irrelevante e sem influência para o sucesso ou o fracasso do poder. Afirmar ainda que uma ideologia arruína todas as relações com a realidade e constrói um mundo logicamente coerente, porém fictício. Em lugar das fronteiras e dos canais de comunicação entre os homens individuais, constrói um cinturão de ferro que os cinge de tal forma que é como se a sua pluralidade se dissolvesse em Um-Só-Homem de dimensões gigantescas... (ARENDT, 2012, p.518). Necessário, aqui, trazer a voz própria da filósofa, evitando eventuais desvios de seu preciso entendimento e locução:

Nesse ponto, o argumento mais persuasivo – argumento muito do gosto de Hitler e de Stalin – é: não se pode dizer A sem dizer B e C, e assim por diante, até o fim do mortífero alfabeto. Parece ser esta a origem da força coerciva da lógica: emana do nosso pavor à contradição. [...] O governo totalitário só se sente seguro na medida em que pode mobilizar a própria força de vontade do homem para forçá-lo a mergulhar naquele gigantesco movimento da História ou da Natureza que supostamente usa a humanidade como material e ignora nascimento ou morte. (ARENDT, 2012, p.524)

A autora finaliza trazendo uma afirmação, quase um alerta:

O súdito ideal do governo totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas aquele para quem já não existe a diferença entre o fato e a ficção (isto é, a realidade da experiência) e a diferença entre o verdadeiro e o falso (isto é, os critérios do pensamento). (ARENDT, 2012, p.524)

## 2.2.2

### Cultura

#### A narrativa das narrativas

Compondo quase que uma trilogia, caminhando num crescendo hermenêutico, Terry Eagleton dedicou-se, em três de seus livros, a examinar as variadas ideias que subjazem no fenômeno cultural. Em *A ideia de cultura* (2011), esmiúça a temporalidade e a historicidade do conceito de cultura, nas várias acepções do termo; prossegue em *Depois da teoria* (2010) analisando suas assonâncias, disso-

nâncias, seus usos e abusos, elaborando a crítica dos estudos culturais; e, em *A morte de Deus na cultura* (2016) desvenda sua função oculta, dissimulada, quiçá inconsciente, de tamponamento do vazio existencial, cavado com a morte do divino pelo ilusório e enganoso ateísmo contemporâneo. Aponta como os órfãos do transcendental alocam a cultura no lugar de Deus, como dimensão apriorística, englobante, situada acima e além do dado empírico, usada como ponto de partida e núcleo essencial do pensamento pós-moderno, imbuída da pretensão de esclarecer o universo lógico e gnosiológico, de ponderar os valores – o Bem, o Mal, a Justiça, a Verdade – e de responder aos anseios e às angústias da existência humana.

Em *A ideia de cultura*, publicado em inglês no ano 2000, com linguajar tintado de fina ironia, Eagleton declara que cultura é uma ideia tão essencial para a esquerda quanto é vital para direita, o que torna a sua história social confusa e ambivalente (EAGLETON, 2011, p.11). Afirma que, na virada do século XVIII para o XIX, seu sentido semântico transmuda-se: de sinônimo de civilização passa a ser quase seu antônimo (EAGLETON, 2011, p.20). Seu conceito é deslocado do individual para o social, com a percepção de que a cultura é uma questão de desenvolvimento total da personalidade e ninguém pode realizar isso estando isolado.

No final do século XIX, diz ele, a palavra “civilização” adquire conotação imperialista. Variedades do aristocracismo passam a nutrir simpatia pelo *volk* (povo) e repudiam o *burgherr* (burguês). O conceito de cultura transmuda-se em querela entre tradição e modernidade. Citando Raymond Willians, o filósofo e crítico literário aduz que conforme substantivo independente, cultura como processo ou produto só passa a ser importante no final do século XIX, quando a antropologia foca seu interesse nas culturas primitivas (ou selvagens), especializando ali seus estudos. No século XX, o exotismo aflora em roupagem pós-moderna, romantizando a cultura popular. Com agudeza irônica, Eagleton descreve a nova indumentária:

Ela é mais tribal do que cosmopolita, uma realidade vivida num nível instintivo muito mais profundo do que a mente e, assim, fechada para a crítica racional. [...] Numa inversão curiosa, os selvagens agora são cultos, mas os civilizados, não. (EAGLETON, 2011, p. 25)

A partir daí, a palavra cultura gira em seu próprio eixo para significar uma identidade específica, seja nacional, sexual, étnica, regional, ao invés da transcendência dela mesma. Como essas diversas identidades se veem e se sentem como oprimidas, a cultura, que fora concebida como um reino de consenso, é transformada em raia de combate (EAGLETON, 2011, p.60), deixando de ser parte da solução e se tornando parte do problema. Não mais a dimensão elevada e profunda do humano, que a todos irmana; agora é a arena política do conflito, que separa; não mais o valor, a solidariedade, mas sim a moeda corrente do combate político. A cultura torna-se um “saber como”, não mais um “saber por quê”. Não mais Cultura, tão apenas cultura. No alcance aparentemente ilimitado da definição antropológica de cultura, no entender de Eagleton ela se torna ampla e restrita demais para ter alguma valia. (EAGLETON, 2011, p.51)

Antes de Eagleton, em 1984, no ensaio “Os modos das modas culturais”, o semiólogo Umberto Eco já afirmara que “uma cultura que não gere modas é uma cultura estática”. Ainda sustentou que “não houve e não há modas na cultura hopi ou na cultura aloresa. Porque não há processo”. Explica:

[...] O trabalho de uma cultura consiste em produzir não só saber especializado como também saber espontâneo e difuso, [...] mas também em fazer brotar dele conexões, coincidências, outro saber especializado, num movimento mais ou menos ordenado em que o mal entendido quase sempre se torna Serendipite<sup>7</sup>. (ECO, 1984, p. 211/212)

Ou seja, do pretérito o semiólogo italiano Eco fez eco ao inglês Eagleton: o conceito dilargado pela antropologia cultural resultou em uma acepção de cultura restritiva do processo cultural. Acerca da antropologia cultural, no ensaio “Cultura como espetáculo”, Eco faz uso de sua peculiar crítica irônica: “[...] mesmo após décadas de antropologia cultural (que nos ensinou que até as posições defecatórias fazem parte da cultura material de uma comunidade) [...]”. (ECO, 1984, p. 214)

Para Eagleton, surge a necessidade de ir além e com a ajuda de Raymond Williams, utilizando como exemplo a diferença entre a Literatura e a cunhagem de moeda, aduz que nesta a significação está dissolvida no fator funcional, ou de

---

<sup>7</sup> ECO, Umberto. In *Viagem na irrealidade cotidiana*. Nova Fronteira, RJ, 1984.

funcionalidade, e conclui: “Todos os sistemas sociais são significantes, envolvem significados, mas nem todos eles são sistemas significativos ou culturais” (EAGLETON, 2011, p. 51/52).

Já desde o início, Eagleton encaminha sua investigação para outro patamar de reflexão. Considerando a natureza como matéria constitutiva do “eu”, afirma que “natureza significa tanto o que há em nossa volta como o que está dentro de nós, e os impulsos destrutivos internos podem ser comparados às forças anárquicas externas” (EAGLETON, 2011, p. 15). Segundo Eagleton, o que nos assemelha à natureza é o fato de que, “como ela, temos de ser moldados à força”. Entretanto, “diferimos dela uma vez que podemos fazer isso a nós mesmos, introduzindo assim no mundo um grau de reflexividade a que o resto da natureza não pode aspirar” (EAGLETON, 2011, p. 15). Estabelece uma relação íntima, fundamental, entre a natureza do homem e a necessidade de cultura:

Mas a própria necessidade de cultura sugere que há algo faltando na natureza – que a nossa capacidade de ascender a alturas além daquelas de nossos pares na natureza, os outros animais, é necessária porque nossa condição natural é também bastante mais “inatural” do que a deles. (EAGLETON, 2011, p. 16)

E chega ao íntimo dessa relação complexa natureza-indivíduo-cultura:

Há outro sentido em que a palavra “cultura” está voltada para duas direções opostas. Ela sugere uma divisão dentro do “eu”: entre aquela parte de nós que se cultiva e refina e aquilo dentro de nós que constitui a matéria própria desse refinamento. (EAGLETON, 2011, p. 15)

Trazendo Clifford Geertz e Raymond Williams, o crítico inglês afirma que “a cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2011, p. 54). Portanto, concebe a cultura em um plano mais amplo, o que evidentemente alarga o horizonte do conceito, na medida em que abarca vários eixos de reflexão, como, por exemplo, os valores éticos, o que se confirma pela sua sugestão de cultura como forma de “sujeito universal”:

Como forma de sujeito universal, ela [cultura] designava aqueles valores que compartilhávamos simplesmente em virtude de nossa humanidade comum. [...] ao ler, ou ver ou escutar, nós deixávamos em suspenso nossos eus empíricos, com todas as suas contingências sociais, sexuais e étnicas, e dessa forma nos tornávamos nós mesmos sujeitos universais. (EAGLETON, 2011, p. 60)

Eagleton refere que nos tempos mais modernos, “ela [cultura] se tornou superespecializada, refletindo obedientemente a fragmentação da vida moderna em vez de procurar consertá-la”. (EAGLETON, 2011, p. 59). E finaliza suas reflexões afirmando: “Vimos como a cultura assumiu uma nova importância política. Mas ela se tornou ao mesmo tempo imodesta e arrogante. É hora de, embora reconhecendo seu significado, colocá-la de volta em seu lugar”. (EAGLETON, 2011, p.184)

No segundo livro da trilogia, *Depois da teoria* (2010), Eagleton observa e registra o mal-estar teórico da academia ocidental. Inicia com a afirmativa: “A idade de ouro da teoria cultural há muito já passou” (EAGLETON, 2010, p. 11) e traça a ascensão e a queda da teoria cultural desde a década de 1960 até a de 1990, explorando suas perdas e ganhos. O autor sustenta que o sucesso da teoria cultural entre os críticos da literatura de há muito já passou, restando sofrer as suas consequências. Afirmar que se vive numa época em que as barreiras entre a alta e a baixa cultura romperam-se e os acadêmicos “[...] trabalham com temas sensacionalistas como vampirismo [...], seres biônicos e filmes pornô [..]” (EAGLETON, 2010, p. 15), que os pós-modernos apenas mudaram “o foco de classe e nação para etnicidade”.(EAGLETON, 2010, p. 26)

Eagleton retrata a briga, a esperança e o desafeto que caracterizaram a cultura quando a produção cultural se entrelaçou com apelos revolucionários de diversos tipos e em diversos lugares, e o stalinismo e o capitalismo subjugaram os idealistas da época, capturando e colonizando os discursos da cultura ao ativismo político-ideológico. Prossegue afirmando que

estudantes da cultura, com frequência, tendem a ser politicamente radicais, se não facilmente disciplinados. Porque temas como literatura e história da arte não têm um óbvio retorno material, tendem a atrair aqueles que olham com suspeita as noções capitalistas de utilidade. (EAGLETON, 2010, p. 63)

E, mais uma vez, serve-se da ironia: “A mera falta de propósito é uma questão profundamente subversiva”. (EAGLETON, 2010, p.63)

O autor se vale da literatura inglesa do século XX para exemplificar a desorientação cultural dos literatos: “[...] estudantes de engenharia química, em geral, saem mais facilmente da cama do que estudantes de arte e de inglês” (EAGLETON, 2010, p. 64). Desorientação que serve, afirma, como a abertura de por-

tas para os “*despolitizados*’ dos anos 80 e 90” (EAGLETON, 2010, p. 65). Procura demonstrar como a contracultura dos anos 1960 e 1970 gerou o pós-modernismo dos anos 1980 e 1990 e, especialmente, de que modo o marxismo tornou-se irrelevante no atual contexto. Com sagacidade, observa:

Foi irônico que o pensamento pós-moderno criasse tamanho fetiche em torno da diferença, dado que seu próprio impulso era apagar as distinções entre imagem e realidade, verdade e ficção, história e fábula, ética e estética, cultura e economia, arte culta e arte popular, esquerda e direita política. Ainda assim, enquanto os corretores e financistas estavam tornando Huddersfield e Hong Kong cada vez mais próximas, os teóricos culturais batalhavam para mantê-las separadas. Enquanto isso, o Fim da História foi complacentemente decretado a partir de uns Estados Unidos que pareciam cada vez mais em risco de terminar com ela de verdade. Não mais existiram conflitos mundiais importantes. Mais tarde ficaria claro que os fundamentalistas islâmicos não estavam prestando suficiente atenção quando esse anúncio foi feito. (EAGLETON, 2010, p. 75)

Aqui, o semiólogo Umberto Eco também se irmana ao inglês. No ensaio “A multiplicação dos mídias”<sup>8</sup>, em que analisa a reação aos meios de massa, o italiano afirma:

Tudo que foi dito nos anos 60 e 70 tem de ser revisto. Naquela época éramos todos vítimas (quem sabe até justamente) de um modelo dos *mass-media* que era uma cópia daqueles das relações de poder: um emissor centralizado, com planos políticos e pedagógicos precisos, controlados pelo Poder (econômico ou político), as mensagens emitidas através de canais tecnológicos reconhecíveis (onda, canais, fios, aparelhos caracterizáveis como um vídeo de cinema ou tevê, um rádio, a página de uma revista) e os destinatários, vítimas da doutrinação ideológica. Teria bastado ensinar os destinatários a “ler” as mensagens, a criticá-las, quem sabe se teria chegado à era da liberdade intelectual, da consciência crítica... Foi igualmente o sonho de Sessenta e Oito. (ECO, 1984, p. 179)

Retornando a Eagleton, salienta ele que a maior diferença entre modernismo e pós-modernismo é que o pós-modernismo é “ainda muito jovem para se lembrar de uma época na qual existiam (assim diziam os rumores) verdade, identidade e realidade, e em que não sentia nenhum abismo estonteante sob seus pés” (EAGLETON, 2010, p. 89), e, por isso, paira despreocupadamente sob a proteção do ar “pós-trágico”. Critica o que chama de latente conservadorismo no pós-

<sup>8</sup>ECO, Umberto. “A multiplicação dos mídias” In *Viagem na irrealidade cotidiana*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

moderno que se inclina, favorável e inflexivelmente, para análises de micronarrativas, aduzindo que “exatamente no ponto em que começamos a pensar pequeno, a História começou a agir grande”. E arremata: “A conclusão inescapável é que, mais uma vez, a teoria cultural tem que começar a pensar de maneira mais ambiciosa [...] para que possa buscar compreender as grandes narrativas nas quais está agora enredada.” (EAGLETON, 2010, p. 107/108).

Eagleton explica que a teoria cultural perdeu por não ter dado suficiente atenção a questões como o mal, a objetividade, o sofrimento, a morte, a verdade, a metafísica etc. E detalha a sua tese: “uma nova teoria cultural não remeterá ao passado, não explicará o presente, não prometerá um futuro, mas narrará como se chegou ao estado atual. Ou, noutros termos, compreenderá as grandes narrativas nas quais o mundo se encontra enredado” (EAGLETON, 2010, p. 108). Com perspicácia, vale-se do princípio aristotélico da não contradição para sustentar que há algumas verdades que se podem dizer absolutas, contrapondo-se aos “relativistas absolutos”:

Nenhuma ideia é tão impopular na teoria cultural contemporânea como a de verdade absoluta. [...]. Começamos, então, buscando defender essa noção notavelmente modesta e eminentemente razoável. [...]. Em círculos pós-modernos menos sofisticados, sustentar uma posição com convicção é visto como desagradavelmente autoritário, enquanto ser difuso, cético e ambíguo é, de algum modo, democrático.” (EAGLETON, 2010, p. 147).

Dentre outros exemplos brinca com a proposição “há um tigre no banheiro” Ora, se há um tigre no banheiro, não se pode dizer que “talvez” haja um tigre no banheiro, ou que de um ponto de vista há um tigre no banheiro, mas não de outro ponto de vista. Então, a proposição “há um tigre no banheiro” é (absolutamente) verdadeira. Chamar a verdade de absoluta quer dizer apenas que um dos pontos de vista está errado. (EAGLETON, 2010, p. 150). Trocando em miúdos, defensores da verdade não são, necessariamente, dogmáticos e autoritários.

Sobre a objetividade, o autor destila seu humor irreverente: “Esta é a situação invejável dos sapos, que sabem, por instinto, como fazer o que é melhor para sapos fazerem. [...]. Ser um sapo bom e não um sapo mau é viver uma gratificante vida de sapo”(EAGLETON, 2010, p. 155). E prossegue “[...] nossa intuição nos diz que seres humanos foram feitos para algo mais do que cometer assassinatos e mastigar batatas fritas” (EAGLETON, 2010, p. 159). A brincadeira revela a defe-



sa daquilo que, fora da academia, é conhecido como “natureza humana”. Defesa, aliás, conforme citado anteriormente, já iniciada em *A ideia de cultura*.

Ainda nas pegadas e trilhas de Aristóteles, adentra na questão das virtudes – para que a vida humana seja digna de ser vivida – expressão de T.S. Eliot que Eagleton registra em *A ideia de Cultura* à p. 160. Pelos títulos dos capítulos – Verdade, virtude e objetividade; Moralidade; Revolução, fundamentos e fundamentalistas; A morte, o mal e o não-ser – percebe-se que Eagleton declara guerra aos prejuízos da teoria cultural na atualidade. “Moralidade” é mais um dos temas rechaçados pelos teóricos da cultura, diz ele. Aponta os equívocos dos amoralistas e explica o conceito do termo, afirmando que não se trata de “algo um tanto embaraçoso”, nem “de um nome de fantasia para oprimir outras pessoas”, nem sobre sexo, ou sobre policiar quem não deve praticá-lo (EAGLETON, 2010, p. 193). “Considerando que na década de 1960, fazer sexo era uma espécie de obrigação sagrada, assim como usar rímel ou cultuar os antepassados, a moralidade rapidamente cedeu lugar ao estilo. Ou, na verdade, à política”. E ainda complementa: “Ética era para os que problematizavam ir para a cama uns com os outros, não para os tipos políticos”. (EAGLETON, 2010, p.193)

E explicita o conceito introduzindo o valor “cooperação” que o autor tomou dos socialistas, os quais, por sua vez, forçoso é reconhecer, o tomaram da velha noção de caridade do cristianismo. Ao final, adverte que, na nova época de globalização e terrorismo, o pacote de ideias conhecidas como pós-modernista não dá mais conta, e aponta a necessidade de os intelectuais contemporâneos se engajarem num conjunto de tópicos que foram ignorados pela academia: fundamentalismo/revolução, religião/ética, ser/não-ser. *Depois da teoria* é provocativo, chegando ao cerne de questões polêmicas, mas fundamentais à vista das grandes transformações do mundo e da cultura, e propõe à teoria cultural um grande desafio: “[...] romper com a ortodoxia bastante opressiva e explorar novos tópicos”, afirmando que “não pode haver vida humana reflexiva sem ela”. (EAGLETON, 2011, p. 297)

No terceiro livro da trilogia, *A morte de Deus na cultura*, “aquele terrível Terry Eagleton” (dizem que é assim que o Príncipe Charles o chama), argumenta que a cultura dispensou Deus, ou como induz o título, o matou. Afirmando que “o ateísmo não é tão fácil quanto parece” (EAGLETON, 2016, p. 9), investiga as contradições, dificuldades e significados do desaparecimento de Deus na era mo-

terna. Com base em um vasto espectro de ideias e problematizações desde o Iluminismo até os tempos modernos, o autor demonstra como Deus sobreviveu ao racionalismo do século XVII, e prossegue até a ascensão do islã radical, expondo a forma sombria como o divino ressurgiu nos últimos tempos, questionando como é possível viver num mundo supostamente sem fé e que, por outro lado, está ameaçado pelo radicalismo religioso.

Esmiuçando o pensamento dos filósofos, de religiosos e da massa, Eagleton deixa claro que o Iluminismo não tinha como objetivo se livrar do divino, e sua investida contra a religião era antes de tudo uma questão política mais do que teológica: o projeto não era substituir o sobrenatural pelo natural, mas descartar uma fé bárbara e ignorante em favor de outra, racional e civilizada, a tentativa de sair da dualidade entre uma religião excessivamente mundana, regida pela lógica terrena, e uma crença totalmente alheia a ela, demasiadamente transcendente (EAGLETON, 2016, p.15). Todavia, realmente, Deus desapareceu nas obras de arte, músicas, livros, enfim, no meio cultural. Vários substitutos foram colocados em seu lugar, e a figura do Divino fica sempre presente, mesmo quando não há relação direta com Ele:

Da Razão Iluminista à arte modernista, todo um espectro de fenômenos imbuiu-se da missão de providenciar formas substitutivas de transcendência, preenchendo o vazio deixado pela ausência de Deus. Um dos esteios da minha tese é que o mais eficiente desses substitutos tem sido a cultura, no sentido amplo da palavra. (EAGLETON, 2016, p. 9)

A Razão é um conceito adorado e compreendido pela elite intelectual, mas não se faz compreender para a gente comum. O Deus está por demais presente no meio do povo, mesmo sendo um Espírito Invisível, matá-lo, mesmo que simbolicamente, levaria um longo tempo (EAGLETON, 2016, p. 58). Então, foi necessário criar mitos ou símbolos que se associassem à Razão, tornando-a substituta da religião e seus rituais e sacrifícios. (EAGLETON, 2016, p. 161)

Aqui, novamente, no ensaio “O sagrado não é uma moda”, o semiólogo Umberto Eco fez coro com Eagleton quando afirmou “Contudo, a propósito desses fenômenos, é preciso distinguir entre religiosidade institucional e sentido do sagrado.” (ECO, 1984, p. 113) E explicita

Esse Deus tornado leigo e infinitamente ausente acompanhou o pensamento con-

temporâneo sob vários nomes e explodiu no renascimento da psicanálise, na redescoberta de Nietzsche e de Heidegger, nas novas antimetafísicas da Ausência e da Diferença. [...] com a crise seja do otimismo marxista seja daquele liberal, essa religiosidade do vazio de que somos entretecidos invadiu o próprio pensamento da assim chamada esquerda. (ECO, 1984, p. 115)

Umberto Eco finaliza questionando se essas teologias, que nomeia de negativas, estarão gerando o que chama de “uma nova idade média”: “Ou seja, ver se através desses fenômenos culturais não está se perfilando uma nova idade média de místicos leigos, mais propensos ao retiro monástico do que à participação cidadina”. (ECO, 1984, p. 115)

Em consanguinidade com essas afirmações do semiólogo italiano, relembre-se que já no livro *A ideia de cultura*, o crítico inglês Eagleton afirmara “Se existe uma história e uma política ocultas na palavra ‘cultura’ há também uma teologia” (EAGLETON, 2011, p. 16). E, em *A morte de Deus na cultura*, Eagleton questiona se a cultura teria se tornado o discurso sagrado de uma era pós-religiosa:

À medida que se esvai o poder da religião, suas diferentes funções são redistribuídas como precioso legado para os que aspiram a se tornar seus herdeiros. O racionalismo científico se apropria de suas certezas doutrinárias, enquanto a política radical herda sua missão de transformar a face da Terra. A cultura, no sentido estético, preserva algo da sua profundidade espiritual. Na verdade, as ideias estéticas (criação, inspiração, unidade, autonomia, símbolo, epifania e assim por diante) são em sua maioria fragmentos deslocados de teologia. (EAGLETON, 2016, p.161)

O parentesco das reflexões do semiólogo italiano com as do crítico inglês parece provir das franjas do passado remoto, originadas de uma indagação primitiva, inicial. Terry Eagleton, em *A ideia de cultura*, o primeiro livro de suas reflexões sobre o fenômeno cultural, parece apontar, se não uma resposta, um caminho:

Nós nos assemelhamos à natureza, visto que, como ela, temos de ser moldados à força, mas diferimos dela uma vez que podemos fazer isso a nós mesmos, introduzindo no mundo um grau de autorreflexividade a que o resto da natureza não pode aspirar. Como autocultivadores, somos argila em nossas próprias mãos, ao mesmo tempo redentores e impenitentes, padre e pecador em um só e mesmo corpo. (EAGLETON, 2016, p.15/16)

### 2.2.3

#### Intellectual, quem você pensa que é?

*Vossas ideias, bem as compreendo, mas qual a vossa sede?* (CHEVALIER apud BARREIS, *As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias*, 1980)

A blague sugerida no título intenta na verdade, expressar com humor a dificuldade detectada por vários pensadores, eles também intelectuais, em definir o que seja o intelectual. De acordo com o historiador francês especialista em Idade Média, Jacques Le Goff, no livro *O Intelectual e a Idade Média*, o nascimento do intelectual como um novo tipo identitário pressupõe a divisão de trabalho na urbe (LE GOFF, 1957, p.8). E essa divisão teria ocorrido na Idade Média. Acrescenta ainda que naquela sociedade ideologicamente controlada pela Igreja, enquadrada por uma burocracia eclesiástica, os intelectuais medievais eram “orgânicos”, ao estilo gramsciano – fiéis servidores da Igreja e do Estado. (LE GOFF, 1957, p.17/21)

Já a professora francesa Elizabeth Badinter, nos três volumes da obra *As paixões intelectuais*, apresenta um painel sob o prisma dos desejos e paixões que consumiam os intelectuais no século XVIII. No primeiro deles, abarcando o período entre 1735 e 1751, e subintitulado de *Desejo de glória*, Badinter afirma que não havia ainda distinção entre o “homem de ciência” e o “homem de letras”. E que os objetivos da Academia de Ciências “são claros: banir os preconceitos e o dogmatismo para trabalhar coletivamente pelo progresso das ciências puras e aplicadas”. Declara ainda que Fontenelle, porta-voz da Academia, lembra aos colegas “no decorrer das controvérsias, que eles devem eximir-se de tomar partido enquanto a matéria não for esclarecida, sob pena de cair no sistematismo.” (BADINTER, 2007, v.1, p. 25)

No segundo volume, *Exigência de dignidade*, período entre 1751 e 1762, citando D’Alembert, para quem liberdade, verdade e pobreza “são as três palavras que os homens de letras deveriam ter sempre em mente”, Badinter acrescenta

Esse austero tríptico é a expressão de um novo orgulho do intelectual, que também se chama exigência de dignidade. De que servem a glória, os títulos e a riqueza, se têm como preço o compromisso e a dependência? (BADINTER, 2007, v. 2, p. 12).

E no terceiro volume, *Vontade de poder*, abrangendo a época entre 1762 e

1778, Badinter inicia afirmando que

A vontade de impor seus pontos de vista – *libido dominandi* – nunca foi tão forte. Como conseguiram marginalizar seus inimigos irreductíveis, são considerados um partido único, que dita sua lei a uma opinião pública ávida de modernidade. (BADINTER, 2009, v.3, p. 11)

E finaliza lançando uma questão que repercute ainda hoje:

O desejo de glória e a vontade de poder parecem ter-se desenvolvido em detrimento da exigência de dignidade. No século XVIII, esta dizia respeito à independência do filósofo em relação aos grandes. Em outras palavras, à recusa da cortesia. Hoje, a maior força é a opinião pública. É ela, e somente ela, que outorga glória e poder, por obra e graça dos meios de comunicação. Os intelectuais mudaram de senhor, mas não de escravidão. Serão capazes, para se libertar, de abrir mão de tão doces paixões? (BADINTER, 2009, v. 3, p. 275)

A filósofa Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo* (2012) analisa o famoso caso Dreyffus, originado a partir do artigo “*J'accuse*”, de Émile Zola, publicado em 1898 defendendo um oficial francês judeu acusado de traição à pátria. Arendt distingue o “caso Dreyfus” do processo Dreyfus. Segundo ela, as paixões fervorosas, os personagens envolvidos na carta, todas as *dramatis personae* do processo pertencem ao século XIX. E só pôde sobreviver em função de dois elementos que cresceram em importância durante o século XX: o ódio aos judeus e a desconfiança geral em relação à máquina de poder do Estado. “Não é o processo Dreyfus com seus julgamentos, mas o caso Dreyfus em suas implicações, que traça a antevisão do século XX” (ARENDT, 2012, p.101). Arendt enfatiza uma mudança fundamental no que se concebe como arena pública. Segundo a filósofa, “toda a vida política da França durante a crise Dreyfus se passou fora do Parlamento” (ARENDT, 2012, p. 116). A arena política, o debate em torno das questões da época, transferiu-se para outro espaço: os meios de comunicação de massa.

Para o sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett, no livro *O declínio do homem público*, o caso Dreyfus teria sido a separação irreversível das personalidades pública e privada. Sennett analisa o momento de publicação da carta e aborda a questão sob a perspectiva do esmaecimento da linha divisória entre vida pública e vida pessoal. É a figura de Zola que Sennett aponta como característica peculiar da ascensão da personalidade privada tornando-se referên-

cia pública. Consoante Sennett:

O que está em jogo no fato de um jornalista falar a respeito de sua coragem e de suas “noites assombradas” não é a sua sinceridade. O que está em jogo é a maneira pela qual tais convicções, pouco importa o quão profundamente sentidas, são transmitidas a uma plateia. (SENNETT, 1988, p. 303)

Tanto Arendt quanto Sennett assinalam a separação entre a vida da comunidade e a vida do Estado: seja, conforme Arendt, pela completa falência de credibilidade das instituições públicas; seja, segundo Sennett, pela separação irreversível das personalidades pública e privada, e a predominância desta última como referência de comportamento. De todo modo, o caso Dreyfus constituiu-se como referência para o papel do intelectual na luta contra a injustiça, fazendo com que a defesa empreendida por Zola em “*J'accuse*” seja vista como a defesa de conceitos humanistas mais gerais, como a verdade e a justiça. A partir desse episódio foi partejada a figura do “intelectual público”, *homme de lettre*, o intelectual como cidadão do mundo, protótipo do pensador humanista, aquele que ocupa o espaço público em defesa de uma causa ou de uma ideia em nome da humanidade, em defesa de valores caros a todos os homens: a vida, a liberdade de ser, estar, pensar e agir.

Na literatura política, as classificações de Lenin, depois acrescidas pelas de Gramsci, já se tornaram clássicas. Ambos os autores hierarquizam os intelectuais em alguns tipos delineados a partir de suas crenças políticas, e a maior ou menor adesão ao receituário informado pela luta de classes, a ideologia marxista.

No site The Marxists Internet Archive encontra-se a íntegra do livro *Que fazer*, de 1902, no qual Vladimir Lenin se debruça sobre a relação, polarizada por ele, entre teoria e prática social, entre intelectuais e proletariado, entre os revolucionários e a sociedade. Sua teoria da “consciência” (pode-se ler do Partido ou da Revolução) supõe uma cisão: o operariado é incapaz de entender e quebrar a herança cultural da situação anterior, e deve receber do exterior conhecimentos próprios de um outro universo teórico, e serão os intelectuais aqueles que fornecerão esses conhecimentos políticos – a ideologia revolucionária – ao proletariado. Todavia, ainda segundo Lenin, não é qualquer intelectual que poderá fornecer essa ideologia revolucionária, porém somente a figura chamada por ele de “bacilo revolucionário”. Conforme suas palavras: “Muito frequentemente, a luta econômica

reveste-se de um caráter político de forma espontânea, isto é, sem a intervenção desse ‘bacilo revolucionário que são os intelectuais’” (LENIN, 1902, p. 100).

Para Lenin, o intelectual revolucionário é aquele que, frente à realidade social – todas as tendências sociais e todos os fenômenos cotidianos na sua totalidade – a interpreta e constrange para a dimensão da luta de classes. Estabelece a diferença entre o “intelectual revolucionário” e o que chama de “artesão político” ao definir este último como aquele que não interpreta a totalidade da vida social no esquema da luta de classes. Lenin iguala o modo de agir dos intelectuais ao dos jornalistas, restrito à tarefa organizativa. Desse modo, repórteres e jornalistas são também a face do “intelectual revolucionário profissional”, em suas palavras um “exército de pessoas obrigadas ‘pelas suas funções’ a serem onipresentes e oniscientes” (LENIN, 1902, p.79). Essa onisciência seria a marca do já agora “revolucionário profissional” – forjado com elementos da vida intelectual, todavia, não sendo mais intelectual, haja vista possuir um tipo superior de conhecimento da totalidade: transmuda-se em “agente”, expressão leninista reforçando o caráter de “ação militar” em que estaria envolvido. Seria a “consciência onisciente absoluta” que educa o restante da sociedade. E detalha:

[...] E nós, Partido de luta contra toda opressão econômica, política, social, nacional, podemos e devemos encontrar, reunir, instruir, mobilizar e pôr em marcha esse exército de homens oniscientes (LENIN, 1902, p. 79).

Antonio Gramsci (1891-1937), político italiano e militante comunista, em textos retirados de seus *Cadernos do Cárcere*, sob o título “Os intelectuais e a organização da cultura”, publicado originalmente em 1949, fazendo acenos ao universo de Lenin empresta ao conceito de intelectual uma conotação de formulador da hegemonia da classe que chama de subalterna (o proletariado). Orgânico, em síntese, é o intelectual quem participa, quem age, quem ajuda na formulação de uma nova hegemonia ou se engaja na manutenção da hegemonia existente. A organicidade vem do comprometimento, da participação na ação política, seja ela hegemônica ou contra-hegemônica. Sob essa ótica, amplia o conceito de intelectual e afirma: “Todos os homens são intelectuais [...], mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1968, p.10).

Ainda nas pegadas de Lenin, Gramsci organiza diferentes níveis hierarquizados de intelectuais, definindo o “intelectual orgânico” propriamente dito, que

seriam os efetivamente distribuidores das ideias, papel que atribui aos artistas, de todos os vetores da produção artística (escritores, músicos, poetas, etc.), ao político, ao técnico, ao jornalista, ao professor, ao bibliotecário, ao empresário, ao líder religioso ou sindical, dentre outros.

Segundo Gramsci, a política passa a ser considerada como prática pedagógica homogeneizadora, cabendo ao intelectual orgânico distribuir o saber produzido pelo Partido, conforme prescrito por Lenin, e acima transcrito. (LENIN, 1902, p.79)

Essa hierarquização, adesão vertical compulsória de uma categoria na outra imediatamente superior, é questionada por outros intelectuais, que a entendem como estrutura autoritária no campo do conhecimento, prática de taylorismo (e fordismo) intelectual na produção cultural.

Norberto Bobbio, intelectual, e um dos quadros mais lúcidos do Partido Socialista Italiano (PSI), no livro *As ideologias e o poder em crise* (1988), no ensaio sob o sugestivo título “O intelectual desobediente”, dentre outras considerações, afirma:

Uma prova dramática da difícil relação entre intelectuais e poderes nos é dada quase que diariamente pelos casos cada vez mais frequentes e cada vez mais clamorosos de dissensos nos países socialistas, onde os dissidentes são homens de estudo, cientistas, escritores, artistas, ou, no significado mais rigoroso do termo, “intelectuais”. (BOBBIO, 1988, p. 85)

E acrescenta: “... o dissídio está na própria natureza das tarefas e das responsabilidades de cada uma das partes, e é a expressão, nada mais nada menos, do plano diverso em que se colocam a teoria e a prática, o pensamento e a ação.” (BOBBIO, 1988, p.85)

Em outro livro, *Os intelectuais e o poder – Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea* (1996) – Bobbio se debruça sobre quais valores devem nortear a relação do intelectual com o poder, analisa a prática dos intelectuais sob a ótica dos valores éticos e afirma que a designação intelectual é introduzida quando se trata do problema da

[...] incidência (ou da falta de incidência) das idéias sobre a conduta dos homens em sociedade [...], com particular referência a um [...] conjunto de sujeitos especí-



ficos, considerados como criadores, portadores e transmissores de idéias [...]. (BOBBIO, 1996, p. 109)

E traz uma formulação útil ao estudioso dos intelectuais:

Seja qual for o modo em que venham a ser definidas a natureza e a função do intelectual (definição que normalmente é dada como pressuposta) não é possível alcançar uma definição restritiva o suficiente para tornar plausível um juízo de absolvição ou de condenação global. Todos inocentes, todos culpados. (BOBBIO, 1966, p. 9)

Sendo o presente trabalho direta, ou tangencialmente, vinculado à história dos intelectuais, é pertinente trazer aqui a conhecida contenda entre Camus e Sartre, de conotação universal, perante a inteligência ocidental no século XX. A que-rela exemplifica as delicadas relações dos intelectuais uns com os outros, bem como a intensidade de suas crenças e paixões. Nesse tópico, o livro *Século dos Intelectuais* (2000), de Michel Winock, historiador francês, analisa a rixa que envolveu Albert Camus e Jean Paul Sartre num embate ideológico, nos anos 1950, em plena Guerra Fria.

Albert Camus, filho de um operário da indústria e de uma empregada doméstica analfabeta, gosta de gente do povo, dos bares onde se contam histórias. Ao mesmo tempo, possui elegância de atitudes e de estilo, detesta a grosseria. “Detesta tudo o que denota populismo e tem horror à demagogia: ele não precisa chegar ao povo, ele é o povo”. Camus foi recusado pela Universidade por ser tuberculoso. Essa é a descrição inicial de Camus feita por Michel Winock (WINOCK, 2000, p.522).

Jean Paul Sartre, filho de um oficial de marinha e de uma dona de casa, após a morte do pai foi morar na casa do avô, professor de alemão na Sorbonne. Ingressou na École Normale Supérieure, onde se graduou em 1929 e foi contemporâneo de intelectuais de renome como Raymond Aron, Maurice Merleau-Ponty, Jean Hippolyte e Claude Lévi-Strauss. Tanto Sartre quanto Camus defendiam o engajamento político do intelectual. Diferiam, contudo, quanto à obrigatoriedade: Sartre o entendia como obrigatório, Camus discordava. Sartre preconizava a revolução e “vai continuar radicalizando seu pensamento. Camus sai da revolta e professa a moderação, a reforma, em conformidade com um desespero atuante, um humanismo ateu, um espírito de fraternidade sem ilusão.” (WINOCK, 2000, p. 533)

Segundo Winock, na revista *Calibã*, de novembro de 1948, Camus situa assim sua política de relativo engajamento:

A democracia não é o melhor dos regimes. É o menos mau. Experimentamos um pouco de todos os regimes e agora podemos compreender isso. Mas esse regime só pode ser concebido, realizado e sustentado, por homens que saibam que não sabem tudo, que se recusem a aceitar a condição proletária e nunca se conformem com a miséria dos outros, mas que se recusem justamente, a agravá-la em nome de uma teoria ou de um messianismo cego (WINOCK, 2000, p. 533/534).

À p. 649, Winock relata:

Em junho (de 1956), *Le monde* publica o relatório secreto de Khrushchov revelado no XX Congresso do PC da União Soviética, ocorrido no fevereiro precedente. Essa denúncia dos crimes de Stalin, até então conhecidos oficiosamente, que de repente são escancarados, atordoa os militantes comunistas. (WINOCK, 2000, p. 649)

Em janeiro de 1957, Sartre publica um triplo número de *Temps modernes*. Ele próprio participa com um volumoso artigo de 120 páginas, “Le phantome de Stalin” (O fantasma de Stalin) e, em repúdio à invasão da Hungria pelo Exército Vermelho, se afasta do comunismo soviético, afirmando: “Já foi a época das verdades reveladas, das palavras de evangelho: no Ocidente, um Partido Comunista só pode existir se assegurar o direito ao livre exame”. (WINOCK, 2000, p. 656/657)

Jean-François Sirinelli, no ensaio “Os intelectuais”, na antologia organizada por René Rémond<sup>9</sup>, debruçou-se sobre a constituição da história intelectual como campo autônomo de estudo nas últimas décadas. E aponta algumas noções comumente utilizadas para o estudo dos intelectuais, como itinerário, geração e sociabilidade. Para o autor, a história política dos intelectuais necessariamente está vinculada à pesquisa e à exegese dos textos, sobretudo impressos, “primeiro suporte dos fatos de opinião”, “em cuja gênese, circulação e transmissão os intelectuais desempenham um papel decisivo”. (SIRINELLI, 2003, p.245)

Por sua vez, a história social dos intelectuais exige a análise sistemática de elementos diversos e dispersos, principalmente com finalidade prosopográfica (descrição dos traços, da figura, do porte) dos itinerários (SIRINELLI, 2003, p.

<sup>9</sup>SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª ed. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2003.

238). Assim, uma proposta de história dos intelectuais, para Sirinelli, deveria ser elaborada a partir da observação baseada na circulação e no *dégradé* (modificação gradual dos matizes) entre três níveis: ideologias, cultura política e “mentalidades coletivas”. (SIRINELLI, 2003, p. 246, 261/262)

Sirinelli afirma que com o interesse pelas duas guerras retornou o interesse pela história dos intelectuais, adormecida, segundo ele, mais por uma ausência de olhar do que por descrédito. Todavia, tornou-se um campo autônomo na interseção entre a História das Culturas, a Social e a Política. A seu juízo, pode-se subordinar a História Intelectual à História da Política, haja vista que as duas são quase íntimas. (SIRINELLI, 2003, p. 232)

O autor sustenta que novos estudos poderiam se dar com a história cíclica dos engajamentos dos intelectuais. Como exemplo cita a postura dos intelectuais franceses na guerra da Argélia, que deixou um lastro de influências nas novas gerações de intelectuais franceses. No Brasil, a partir da década de 1960, quicá no “lastro de influências” dos pensadores franceses – o famigerado francocentrismo – ancorados nas universidades públicas, os intelectuais não só buscaram formas institucionais de intervenção fora dos muros protegidos da universidade, como também consolidaram uma “interpretação do Brasil” que pretendeu romper, pela esquerda, com as concepções vigentes. Esse tipo de abordagem foi uma das referências para caracterizar o engajamento político dos intelectuais no período dos anos 1960 e nos seguintes, retratado nas diversas entrevistas do já citado livro *Patrulhas Ideológicas*.

O historiador francês recomenda esboçar mapas dos grandes eixos de engajamento dos intelectuais, passando tanto pelo gênero biográfico, quanto pela perspectiva de trajetórias cruzadas, como no caso de Sartre-Aron ou Sartre-Camus, acima resumido (SIRINELLI, 2003, p. 251/252). Sirinelli também discorre sobre as “redes” de sociabilidade que se constituem entre os intelectuais no seio do “pequeno mundo estreito” que dividem em torno de suas respectivas plataformas de atuação (SIRINELLI, 2003, p. 248/249). Nessas redes, acrescenta ele, se definem também as posições de atração e amizade, de hostilidade, a ruptura, a briga e o rancor. Do mesmo modo, nelas se definem as posições antagônicas e, sugere o autor, pela análise desses antagonismos é possível captar o movimento de ideias, podendo ser entendidos (os antagonismos) a partir de como se interpene-

tram com as ideologias. (SIRINELLI, 2003, p. 249)

Sirinelli assinala ainda que, no pré-Guerra, os intelectuais de direita eram estatística e ideologicamente dominantes. O que leva à conclusão de que, no pós-guerra, os intelectuais de esquerda assumiram a posição de dominância. Salienta mais um aspecto que remete às influências exercidas pelos intelectuais, lançando outras perguntas: Por que algumas “ideologias” – ao mesmo tempo princípios de inteligibilidade e elementos de identidade para os intelectuais – se aclimatam no meio intelectual, adquirem vigor em certos terrenos e se enfraquecem em outros momentos? (SIRINELLI, 2003, p.258)

O autor traz à baila a crucial questão da responsabilidade do intelectual. Segundo Sirinelli, ao contrário da imagem que transmitem, os intelectuais erraram muitas vezes (SIRINELLI, 2003, p. 259). Apesar de não citado pelo historiador francês, exemplifica-se aqui com a postura adotada por Sartre em relação ao stalinismo, e a de Foucault frente ao aiatolá Khomeini e o golpe no Irã, na década de 1970. O autor argumenta que é falacioso o alegado “sacrifício político” de um grupo por seus ideais, alegação que apenas pretende fazer crer, como prerrogativa política exclusiva, sejam eles, os intelectuais, os únicos a perceber as questões, a possuir e a deter a solução mais correta. O autor mostra que, ao contrário, na maioria das vezes, essa perspectiva apenas encobre a defesa das próprias ideias (SIRINELLI, 2003, p.259/260). Sobre esse tema, Sirinelli alerta que o critério de análise não pode girar em torno de maniqueísmo (SIRINELLI, 2003, p. 261). Conclui que o caminho seria destrinchar as relações entre ideologias dos intelectuais e a cultura política da época estudada. E finaliza:

Entre o coro dos intelectuais e a peça cheia de “clamor de fúria” que é representada na frente do palco, urdiram-se relações complexas, cuja observação toca o âmago do político e faz, portanto, dessa história dos intelectuais uma história a seguir, em todos os sentidos do termo. (SIRINELLI, 2003, p.262)

### 3

## Ecce Homo

[...] a luta entre a estrutura e o acaso reflete a natureza aberta do ser, a sua intimidade com o nada, a sua manifestação escandida entre a configuração e a dissolução, entre o desenho na areia e a água que o desfaz. (MERQUIOR, *A astúcia da mímese*)

A pretensão de esboçar a forma *mentis* do intelectual Merquior procura seguir em ordem cronológica, visando facilitar a circunscrição dos acontecimentos naquele tempo, de memória remota para muitos. Aqui, recolhem-se dados, fatos e acontecimentos relatados pelo jornalista e editor José Mário Pereira, em depoimento por ele prestado para a obra *O Itamaraty na cultura brasileira* (2001). José Mário foi, por longo tempo, o mais próximo colaborador de Merquior, privando de sua intimidade. Após sua morte, autorizado pela família, teve acesso irrestrito ao seu arquivo pessoal, sendo considerado, ainda hoje, depositário da memória de Merquior.<sup>10</sup>

Recolhe-se também informações amealhadas no longo artigo “O enigma Merquior”, publicado pela *Folha de São Paulo* em 15/07/2001, ao se completar dez anos da morte do crítico brasileiro, de autoria de André Singer, professor de ciência política da USP, jornalista, Secretário de Imprensa do Palácio do Planalto (2005-2007) e porta-voz da Presidência da República no primeiro governo Lula (2003-2007).<sup>11</sup>

Os depoimentos vão sendo intercalados por remissões que avançam e recuam no tempo e no espaço. Assim, pretende-se imprimir movimento ao texto que, nesse capítulo, desliza e roça no biográfico.

### 3.1

#### O púbere crítico literário

*O passado não prepara o presente historial; não obstante, na exasperação negativa da sua essência, contém a base do salto: o ponto de apoio da ruptura que o contesta.....* (MERQUIOR, *A astúcia da mímese*)

Gerado e domiciliado na média classe média carioca, José Guilherme

<sup>10</sup> PEREIRA, José Mário. “O fenômeno Merquior” In SILVA, Alberto Costa e (org.). *O Itamaraty na cultura brasileira*. Instituto Rio Branco, Brasília, 2001. Disponível em <http://old.olavodecarvalho.org/convidados/0122.htm>; Acesso em 13/01/18.

<sup>11</sup> SINGER, André. “O enigma Merquior”. *Folha de São Paulo*, 2001, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200105.htm>; Acesso em 5/12/17.

Merquior saiu da Tijuca, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, e acabou em Paris, cidade de seu primeiro posto diplomático e, ironia da vida, de sua derradeira aparição pública e última palestra. Tendo iniciado sua trajetória como crítico literário, foi diplomata e “imortal” na Academia Brasileira de Letras. Como diplomata, serviu em Paris, Bonn, Londres e Montevidéu, foi Embaixador no México e Embaixador Permanente do Brasil junto à UNESCO.

Nascido em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial, em uma família sem registro ou vocação intelectual, conforme relato de Marco Rodrigo Almeida na *Folha de São Paulo*, na seção “Ilustríssima”, em 2015, desde cedo Merquior impressionava pela inteligência acima da média. Seu irmão Carlos Augusto conta que ele carregou um livro até na primeira vez em que foram ao Maracanã, ainda garotos, ver um jogo do Fluminense. Leu durante todo o jogo, só tendo interrompido a leitura quando saiu um gol. Então, olhou para o campo e perguntou de que time era o homem de camisa preta – era o juiz, conta o irmão.

Da primeira viagem a Paris, aos 15 anos, voltou com a mala cheia de livros e o busto pesado de Voltaire. E, adolescente, ganhou do pai a abertura de uma conta sem limite na grande e famosa livraria Leonardo da Vinci, no centro do Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Lafayette, onde sua precocidade já se destacava.<sup>12</sup>

Merquior não praticava esportes, saía pouco de casa, nunca teve muita habilidade para atividades práticas, aos 16 anos se apaixonou por uma colega de escola um ano mais velha e nunca mais se separaram. Na universidade cursou Direito e Filosofia, e entre os professores a quem mais se afeioou está Dirce Cortês Riedel, de Literatura, a quem dedicou seu livro sobre Drummond, lançado na década de 1970, afirmando que ela “despertou em mim o amor da literatura do nosso tempo”. No início da década de 1960 Merquior dava aulas de estética em seu apartamento em Santa Teresa a alunos atraídos por um anúncio de jornal que ele mandou publicar.

Conta a lenda, na voz de José Mário, que em 1959, Reynaldo Jardim, responsável pelo caderno “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*, recebeu pelo correio um texto tão bom de crítica literária que resolveu publicá-lo, mesmo sem

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Marco Rodrigo. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>; Acesso em 2/02/18.

conhecer o autor. O suplemento saía aos sábados e o editor continuou recebendo alguns textos por via postal. Porém, certo dia, o artigo lhe foi entregue pessoalmente. Na redação, ao receber o envelope das mãos de um menino, o jornalista lhe disse: “Olha, diga a seu pai para aparecer”. E então, ouviu: “Mas eu sou José Guilherme Merquior”.

Em 1960, aos 19 anos, Jardim o convidou a assumir a coluna de crítica de poesia e estética do suplemento. Segundo José Mário, numa nota intitulada “Bilhete de editor”, publicada em 30 de abril de 1960, pode-se ler:

A primeira colaboração de JGM nos chegou como centenas de outras através de nossa seção Correspondência. Bastou ler o primeiro artigo para constatarmos que estávamos frente a um legítimo escritor amplamente capacitado a colaborar conosco. Publicamos o artigo e tempos depois chegou outro comprovando a categoria intelectual de seu autor. Mais um ou dois artigos de JGM vieram às nossas mãos sem que o conhecêssemos pessoalmente.

Naquele suplemento dominical do *JB Merquior* assinou mais de cinquenta ensaios entre 1959 e 1962, alguns de página dupla. Os temas são estéticos, literários e filosóficos. Há apreciações devastadoras sobre livros de poetas – *O pão e o vinho*, de Moacyr Félix, em 07/05/1960; *O dia da ira*, de Antonio Olinto, em 20/08/1960; *Operário do canto*, de Geir Campos e *Vento geral*, de Thiago de Mello, em 12/06/1960; *Ode ao crepúsculo*, de Lêdo Ivo e *Três pавanas*, de Gerardo Mello Mourão, em 03/06/1961. Mas há também elogiosas considerações sobre Cassiano Ricardo e Murilo Mendes.

Leandro Konder (1936-2014), filósofo marxista, conheceu Merquior em 1961 em um festival de cinema soviético. Conta que se aproximou de “um jovem de rosto rechonchudo, que falava pelos cotovelos”, conforme declarou ao jornal *O Globo* em 1991. Na conversa, Konder citou um texto de Merquior, e ouviu: “Mas Merquior sou eu”. A partir daí, apesar das diferenças ideológicas, tornaram-se amigos. Konder confirma a lenda do crítico adolescente que, naquele tempo, parecia inclinado à esquerda. “Muita gente achava que ele não existia”.<sup>13</sup>

Em 1962, sem conhecê-lo pessoalmente, Manuel Bandeira o convidou para organizar com ele a antologia *Poesia do Brasil*. E em 1963, Carlos Drummond

<sup>13</sup> SINGER, André. “O enigma Merquior”. *Folha de São Paulo*, 2001, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200105.htm>; Acesso em 5/12/17.

de Andrade lhe ofertou um poema como presente de casamento. Merquior colaborava então com as revistas *Praxis*, *Senhor*, *Cadernos brasileiros* e *Arquitetura*. Sobre ele, em 15 de julho de 2001, na *Folha de São Paulo*, no artigo “A crítica total”, Luiz Costa Lima afirmou:

Quanto a *Razão do Poema*, há que dizer que seu livro de estreia não era tão-só a obra de um autor extremamente jovem, mas que, reunindo artigos escritos originalmente entre 1962 e 1964, fora composto quando o autor estava entre os 20 e os 22. Deixo de lado o espanto por sua pouca idade e busco compreender suas linhas de força.<sup>14</sup>

Para aquilatar a produção merquioriana na crítica literária, ninguém melhor do que Antonio Candido, por todos considerado o mais importante crítico literário brasileiro. Em conferência proferida no PEN Club, em junho de 1991, reproduzida em parte na contracapa da reedição de *Razão do poema* pela editora Topbooks, em 1996, encontram-se as palavras de Antonio Candido sobre Merquior, ora transcritas em longa, e necessária, citação:

[...] foi sem dúvida um dos maiores críticos que o Brasil teve, e isto já se prenunciava nos primeiros escritos. Lembro como sinal precursor o ensaio que escreveu bem moço sobre “A canção do exílio”, de Gonçalves Dias, fazendo uma descoberta que dava a medida de sua imaginação crítica – entendendo-se por imaginação crítica a capacidade pouco frequente de elaborar conceitos que têm o teor das expressões metafóricas ou o vôo das criações ficcionais. Estou falando do seguinte: ao comentar a afirmação costumeira que o famoso poema é tão bem realizado porque não tem adjetivos, ele mostrou que a sua eficiência provém na verdade do fato de ser todo ele, virtualmente, uma espécie de grande expressão adjetiva, uma qualificação sem qualificativos, devido à tonalidade do discurso. Num de seus ensaios mais recentes ele disse que a falta de informação filosófica prejudicava a maioria da crítica brasileira. Ora, deste mal ele estava galhardamente livre. A sua acentuada vocação especulativa e a vasta erudição que a nutria lhe permitiram fazer do trabalho crítico uma investigação que não se satisfazia em descrever e avaliar os textos, mas desejava descobrir o sentimento entesourado e em seguida ligá-lo a outros produtos da cultura. Daí um cruzamento fertilizador, característico do seu trabalho: o pensador José Guilherme Merquior era capaz de expor os seus pontos de vista com a expressividade de um escritor versado na melhor literatura, enquanto o crítico José Guilherme Merquior era capaz de interpretar os textos ou traçar a articulação dos movimentos com a capacidade dialética de discriminar e integrar, própria da mente filosófica. Por isso, poucos foram tão capazes de associar o impulso do pensador ao olhar do leitor penetrante. Nele, era notável a combinação de gosto fino, argúcia analítica, precisão da síntese e transfiguração reflexiva.

<sup>14</sup> LIMA, Luiz Costa. “A crítica total”. Mais, *Folha de São Paulo*, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200110.htm>; Acesso em 8/02/18.



Não espanta que, sendo dotado de tais qualidades, Merquior tenha podido com igual maestria fazer análises finíssimas e construir visões integradoras. Ele sabia desmontar a fatura dos textos sem os reduzir à mecânica formalista e inscrever as obras na sequência temporal sem deslizar para o esquema. Sobrevoando esses dons, a linguagem adequada, expressiva, cheia de flama, parecendo comunicar à página o ritmo trepidante que foi a sua vida de impetuosa dedicação às coisas mentais.<sup>15</sup>

A expressão de Antonio Candido – “o ritmo trepidante que foi a sua vida de impetuosa dedicação às coisas mentais” – parece confirmar que, em Merquior, a atividade cultural se confundia com sua própria vida, e, quiçá, seja a chave para explicar muitas de suas escolhas e caminhos.

### 3.2 Um juvenil diplomata

*O acaso é invencível, inabólvél por qualquer lance de dados, e nada acontece senão talvez constelações. (MERQUIOR, A astúcia da mimese)*

Apesar de produzir seus textos e transitar com desenvoltura no contexto cultural da expansão do ensino superior no Brasil e no mundo, e, por conseguinte, assistir à rápida evolução da cátedra como o espaço de maior prestígio e autoridade para a expressão intelectual, Merquior preferiu prestar concurso para o Itamaraty. Muito se especula acerca das razões que o levaram à carreira diplomática, em preterição à vida acadêmica. Algumas pistas parecem levar se não à certeza, pelo menos a algumas hipóteses: a uma, sua “impetuosa dedicação às coisas mentais” não se adequava ao estilo das práticas acadêmicas, sempre contidas e formatadas pelos limites do universo acadêmico, aquele espaço intelectual a que Sirinelli chama de “pequeno mundo estreito”, que os intelectuais dividem em torno de suas respectivas plataformas de atuação (SIRINELLI, 2003, p. 248/249). A duas, sua ânsia pela procura do conhecimento o impelia a buscá-lo ao longe, nos centros originários de sua produção. Essa segunda hipótese é robustecida pelo fato de que, oriundo da média classe média, Merquior tinha conhecimento de que somente os mais ricos poderiam contar com os meios necessários para permanência prolongada no exterior. E, certamente, devia saber que, dentre as muitas repartições públi-

<sup>15</sup> CANDIDO, Antonio. In MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema*. Editora Topbooks, RJ, 1996.

cas e autarquias do Estado brasileiro, o Ministério das Relações Exteriores (MRE), sempre se constituiu como um espaço agregador de letrados. Nomes como Raul Bopp, João Guimarães Rosa, Vinícius de Moraes e João Cabral de Melo Neto integraram os quadros do Itamaraty.

Considerado por muitos presidentes da República como de somenos importância, o Itamaraty permitia um ambiente propício para o aprimoramento e o debate intelectual. Afinal, o alto nível das provas de admissão e a perspectiva de uma carreira repleta de viagens internacionais atraíam uma classe média altamente letrada, caso de Merquior. Tanto que, como orador de sua turma do Instituto Rio Branco, após afirmar que o governo na época (o de João Goulart) se fez sensível aos desejos do povo, prosseguiu declarando: “Nós nos sentimos alegres por iniciar uma carreira de perfil internacional precisamente quando o Brasil oficializa a percepção desse sentimento popular”. (MERQUIOR, 1994, p. 148)

Segundo o crítico Nelson Ascher, em artigo nomeado “A canonização do bom reaçã”, na seção Ilustríssima, da *Folha de São Paulo*, em 23/08/2015:

Algumas décadas atrás, um brasileiro que quisesse se manter em dia com a cultura internacional tinha de ser milionário, diplomata ou exilado político. A carreira diplomática permitiu a José Guilherme Merquior beneficiar-se do que as universidades ofereciam de melhor – grandes professores (Lévi-Strauss, Ernest Gellner), centros de pesquisa e bibliotecas – sem ter de se submeter à sua ideologia ou politicagem interna. Não se tratava de desprezo – como atestam suas teses, doutoramentos e o ingresso na Academia Brasileira de Letras – pelas formalidades e instituições, mas, sim, da constatação de que, nas disciplinas humanísticas, universidade e universalismo haviam se tornado antônimos, enquanto a liberdade de pensamento dera lugar ao dogmatismo e à pregação.<sup>16</sup>

E José Mário Pereira, em seu depoimento, afirma que Merquior reconhecia que, apesar de alguns contratempos, devia ao Itamaraty o fato de poder ter realizado sua peculiar trajetória intelectual. Enfim graduado em Direito e Filosofia, Merquior prestou concurso para o Itamaraty em 1962, e foi o primeiro colocado. Conta José Mário Pereira que, por especial empenho de Merquior, San Tiago Dantas, ministro da Fazenda do governo João Goulart, foi o paraninfo da turma de

<sup>16</sup> ASCHER, Nelson. “A canonização do bom reaçã” In Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671789-a-canonizacao-do-bom-reaca.shtml>; Acesso em 14/02/18.

1963 do Instituto Rio Branco, da qual Merquior foi escolhido orador, tendo defendido em seu discurso o princípio da autodeterminação, tema na ordem do dia com o processo de descolonização na África.

Aduz José Mário que, sob o impacto da morte de San Tiago Dantas, ocorrida em seis de setembro de 1964, Merquior, então terceiro secretário no Ministério de Relações Exteriores, escreveu um artigo e, como era de praxe, o enviou ao chefe do Departamento Consular e de Imigração do Itamaraty, solicitando “juízo favorável à publicação do referido texto”. Contudo, no parecer final, lê-se: “Só poderá ser autorizada a publicação se o funcionário escoimar do artigo toda opinião política, na forma dos regulamentos em vigor. Nada há a opor aos merecidos elogios pessoais”. Percebe-se assim, que também no Ministério das Relações Exteriores (MRE) a atividade intelectual é contida e formatada pelos limites daquele universo diplomático – pequeno mundo estreito que os diplomatas dividem.

De toda forma, quando ingressou no Itamaraty, José Guilherme Merquior já era reconhecido nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro, devido em muito aos comentários de Nelson Rodrigues – para quem Merquior parecia ter nascido com 900 anos de idade e que com apenas 17 anos já havia lido todos os livros que alguém poderia ler.<sup>17</sup>

De maneira similar, o filósofo Raymond Aron, impressionado com a erudição demonstrada por Merquior durante uma conferência na Universidade de Brasília, chegou a dizer que “*ce jeune homme a tout lu*”.<sup>18</sup>

No artigo de Marco Rodrigo Almeida, na Ilustríssima, da *Folha de São Paulo*, de 23/08/2015, o embaixador Luiz Felipe Lampreia, ministro das Relações Exteriores no governo Fernando Henrique Cardoso, afirma “Naquele ano houve dois concursos para nossa turma. Ele foi o primeiro colocado em um, eu em outro. Isso criou certa solidariedade entre nós”. E acrescenta

Merquior priorizou a parte intelectual à atuação rotineira de um diplomata. Não tinha vocação para ser negociador comercial, como eu fui. Notabilizou-se pelo

<sup>17</sup>VIEIRA, Marcos Vinicius de Araújo. “José Guilherme Merquior, um diplomata de 900 anos” Revista *Juca*, nº. 5, disponível em <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/JucaIrb/pt-br/file/Edi%C3%A7%C3%B5es/REVISTA%20JUCA%2005%20-%20final.pdf>; Acesso em 15/02/2018.

<sup>18</sup>LA FER, Celso et al. *José Guilherme Merquior, Diplomata*, Brasília, Fundação Alexandre Gusmão, 1993.

brilho intelectual, como João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Vinicius de Moraes.”<sup>19</sup>

No mesmo artigo, o embaixador Marcos Azambuja, formado em 1957 no Itamaraty, conta que Merquior chegou ao Instituto Rio Branco com grande reputação. “Sempre que tínhamos alguma dúvida sobre qualquer assunto, íamos falar com ele. Era uma pessoa realmente extraordinária, agradabilíssima.” E faz uma descrição curiosa acerca do colega. “Ele tinha uma cara redonda, risonha, ao mesmo tempo angelical e demoníaca. Tinha uma impaciência tremenda com as pessoas que pensavam o lugar-comum.”

Em depoimento prestado ao CPDOC em 2008, o diplomata Gelson Fonseca Junior confirma a voracidade de Merquior pela leitura:

**G. F.** – O Merquior era um personagem extremamente cativante, um homem de uma inteligência infinita e... O Nelson Rodrigues dizia dele que... quando ele tinha dezessete anos, já tinha lido todos os livros que alguém podia ler. E realmente. Eu conheci o Merquior quando eu tinha dezenove ou vinte anos, e era impressionante. Você ia a casa dele, Merquior era pouco mais velho que eu, devia ter vinte e três ou vinte e quatro anos, era uma casa coalhada de livros. E a impressão que você tinha é de que ele tinha lido todos os livros. Aquelas coleções francesas da... como é? – da Gallimard, que tem todos os clássicos, estava tudo na parede. E ele falava daqueles livros com uma intimidade enorme.<sup>20</sup>

Após o movimento civil/militar de 1964, Merquior foi chamado a prestar depoimento, sob suspeita de ligações com grupos de esquerda, provavelmente, ao juízo de José Mário Pereira, por ter realizado conferências no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), extinto pelo governo militar, bem como participara da organização de um festival de cinema russo no MAM e, em Brasília, ajudara a coordenar uma exposição de fotógrafos cubanos. No acervo de Merquior, hoje em posse da É Realizações Editora, encontra-se a cópia do processo administrativo aberto contra ele em 11 de setembro de 1964, e traz nove perguntas, inclusive sobre formação universitária, filiação partidária e opinião sobre o novo governo. A oitava pergunta indagava acerca dos conflitos ideológicos no mundo moderno, respondida por Merquior já anunciando seu credo no diálogo:

<sup>19</sup> ALMEIDA, Marco Rodrigo. “O conformista combativo”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 23/08/2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>; Acesso em 2/2/18.

<sup>20</sup> JÚNIOR, Gelson Fonseca. “Depoimento, 2008.”. CPDOC, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1658.pdf>; Acesso em 05/02/18.

Uma das características do mundo moderno é o pluralismo, [...] É evidente que a solução dos conflitos ideológicos mais gritantes do nosso tempo deverá ser buscada através da prática de uma atitude em que prevaleça o espírito de franco debate e o ânimo de solidariedade internacional.<sup>21</sup>

Aos 23 anos, o jovem diplomata defendeu suas ideias e, ao final, foi absolvido. No entanto abriu uma polêmica acerca de uma possível tendência sua à esquerda. Apesar de inegável a sua imensa curiosidade intelectual, a qual poderia ter alimentado certa simpatia juvenil pela esquerda, seus pares do Itamaraty acham que não. “Não era de esquerda nem de direita, mas de centro”, afirmou Lampreia. Leandro Konder, um de seus mais diletos amigos, afirma com a convicção amparada pela intimidade:

Houve um primeiro momento em que ele estava muito entusiasmado pelo pensamento de Heidegger. Naquele tempo não havia, digamos, elementos de esquerda no seu pensamento. O seu contato com a esquerda era apenas de “malhação” de maus poetas de esquerda. Não eram malhados por serem de esquerda, mas por serem maus poetas. (MERQUIOR, 1994, p. 44/45)

Prossegue Konder: “Eu o conheci no momento em que ele já estava se afastando de Heidegger. Houve certa aproximação em torno de interesses comuns por Lukács e, por extensão, por Marx.” (MERQUIOR, 1994, p. 45)

E, realmente, Lukács é uma das referências do segundo livro de Merquior, *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin* (1969), primeiro tratamento sistemático sobre a Escola de Frankfurt, que Merquior dedicou à memória de San Tiago Dantas. Segundo o professor de teoria literária na Universidade Federal do Pará, Gunter Karl Pressler, Merquior teria sido o primeiro do mundo a analisar sistematicamente a Escola de Frankfurt: “Este estudo foi publicado antes da referência sempre citada sobre a Escola de Frankfurt: *A Imaginação Dialética*, de 1973, do americano Martin Jay”, diz o professor alemão.<sup>22</sup>

Em 1966, Merquior seguiu para seu primeiro posto internacional, em Paris, como terceiro-secretário, por força da política pragmática do Ministério de

<sup>21</sup>ALMEIDA, Marco Rodrigo. “O conformista combativo”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 23/08/2015, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>; Acesso em 2/2/18.

<sup>22</sup>ASCHER, Nelson. “A canonização do bom reaca”. In Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671789-a-canonizacao-do-bom-reaca.shtml>; Acesso em 14/02/18.

Relações Exteriores, privilegiando contatos e negócios com países do primeiro mundo, e premiando seus mais preparados diplomatas designando-os para o chamado “Circuito Elizabeth Arden”, conjunto de capitais dos países mais importantes para a política externa mundial – Roma, Londres, Paris e Washington, incluindo Berlim e Tóquio. Mais tarde, Merquior foi designado para Bonn, Londres, Montevidéu, novamente para Londres, a seguir foi embaixador no México, e mais uma vez em Paris, onde estava como embaixador junto à UNESCO, quando descobriu a doença que o mataria nos Estados Unidos, em janeiro de 1991.

Segundo José Mário, a carreira de Merquior no Itamaraty foi rápida e brilhante, apesar de ter sofrido algumas perseguições, citando, por exemplo, que Azeredo da Silveira, ministro das Relações Exteriores no governo de Ernesto Geisel, perseguiu Merquior o quanto pôde, por identificá-lo como amigo de Roberto Campos. Quando Merquior foi promovido, Azeredo mandou-lhe um telegrama de cumprimentos. Imediatamente recebeu outro de Merquior repudiando as felicitações.

### **3.3 Genealogia das linhas de força**

A passagem da crítica literária para a cultural foi extensão natural dos estudos de literatura. A ponte entre uma e outra fase já vinha sendo realizada em seus textos. Pelo relato de José Mário, em todos os postos onde esteve Merquior procurou difundir a cultura brasileira. A exemplo de Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto, através da diplomacia vivia e fazia cultura: ao chegar a um país em missão diplomática, logo aproximava-se dos ensaístas e escritores que considerava relevantes. No primeiro posto no exterior, Paris, 1966, participou durante quatro anos dos seminários de antropologia no Collège de France, ministrados por Lévi-Strauss, de quem se tornou amigo. Doutorou-se em Letras pela Sorbonne e foi orientando de Raymond Cantel, com tese sobre Carlos Drummond de Andrade aprovada com louvor em junho de 1972. Após remeter os capítulos para Drummond, Merquior aguardou por meses a resposta do poeta, que finalmente chegou:

Sei muito pouco de mim e duvido muito – você vai achar graça outra vez – de minha existência. Uma palavra que venha de fora pode trazer-me uma certeza positiva ou negativa. A sua veio com uma afirmação, uma força de convicção que me iluminou por dentro. E também com uma sutileza de percepção e valorização

crítica diante da qual me vejo orgulhoso de nobre orgulho e ... esmagado. Eis aí, meu caro Merquior. Estou feliz, por obra e graça de você, e ao mesmo tempo estou bloqueado na expressão dessa felicidade.

Em Londres, 1975, fez seu segundo doutorado, em Sociologia e Ciência Política, na London School of Economics sob a orientação de Ernst Gellner, de quem se tornou amigo e introdutor de sua obra no Brasil. Sua tese de doutorado foi sobre a teoria da legitimidade em Rousseau e Weber, publicada depois pela Routledge & Kegan Paul, e que, em 1990, ao final do prefácio à edição brasileira, Merquior qualificou como “meu livro mais elaborado” (MERQUIOR, 1990). Livro que, embora tenha suscitado na Inglaterra grande interesse acadêmico, elogiado por Peter Gay, John Hall e Wolfgang Mommsen, especialista em Weber, passou despercebido no Brasil.

Roberto Campos, então embaixador na Inglaterra, afirmou

[...] Tive o bom senso de dispensá-lo da rotina da embaixada, encorajando-o a fazer seu doutorado em Sociologia e Política na London School of Economics. Sua tese doutoral contribuirá mais para a cultura brasileira, disse-lhe eu, que os relatos diplomáticos que dormirão o sono dos justos nos arquivos do Itamaraty.<sup>23</sup>

Entre 1979 e 1981, Merquior serviu no Uruguai, tornando-se amigo de Gilberto Mendonça Teles, com quem trocava frequentes cartas. Em 1987, designado embaixador do Brasil no México, lá criou a cátedra Guimarães Rosa, e tornou-se íntimo do poeta e ensaísta Octavio Paz. A convite de Paz voltaria ao México, já doente, para o seminário “*El siglo XX: La experiencia de la libertad*”, organizado pela revista *Vuelta* e a Televisa, participando do debate sobre “*La nueva Europa, Estados Unidos y America Latina*”, ao lado de Daniel Bell, Hugh Thomas, Mario Vargas Llosa e Jean François Revel. Teve alguns livros editados pelo Fondo de Cultura Económica, a mais prestigiosa editora mexicana, e colaborou em revistas como *Vuelta*, de Octavio Paz e Enrique Krause; *Cuadernos y Libros Americanos*, de Leopoldo Zea, e *Nexos*, de Hector Aguilar Camín. De acordo com José Mário, foi Enrique Krause, historiador que Merquior estimava por sua cora-

<sup>23</sup> CAMPOS, Roberto. Discurso de Posse, Academia Brasileira de Letras. Outubro/1999, disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/roberto-campos/discurso-de-posse>. Acesso em 15/01/18.

josa revisão da história mexicana, quem melhor escreveu sobre Merquior depois de sua morte, no artigo “O esgrimista liberal”. (KRAUSE, 1992)

[...] sua maior contribuição à diplomacia brasileira no México não ocorreu nos corredores das chancelarias ou através de relatórios e telex, mas na tertúlia de sua casa, com gente de cultura deste país. [...] A Embaixada do Brasil se converteu em lugar de reunião para grupos diferentes e até opostos de nossa vida literária. Lá se esqueciam por momentos as pequenas e grandes mesquinhez e se falava de livros e ideias e de livros de ideias. Merquior convidava a gregos e troianos, escrevia em nossas revistas e procurava ligar-nos com publicações homólogas em seu Brasil. [...] Merquior cumpriu um papel relevante: foi uma instância de clareza, serenidade e amplitude de alternativas no diálogo de ambos os governos.

Quando se candidatou à Academia Brasileira de Letras não imaginava que a disputa com Arnaldo Niskier se prolongaria por mais de um ano. Na primeira votação ninguém conseguiu quórum. Niskier tinha em Austregésilo de Athayde, presidente da casa, seu mais poderoso aliado. Marcou-se nova eleição para meses depois. E em novembro de 1982, Merquior elegeu-se depois da longa disputa, vencendo por 22 votos contra 15 dados a Niskier e um a Geir Campos. Escreveu seu discurso de posse num fim de semana, e no dia da cerimônia, 11 de março de 1983, chegou à Academia Brasileiras de Letras de táxi. Nada que sugerisse o poder que lhe era atribuído, afirma José Mário.<sup>24</sup>

Diz-se que uma das melhores maneiras de recriar o pensamento de um homem é reconstituir sua biblioteca. Ainda pelo relato de José Mário, a biblioteca de Merquior foi construída atendendo às suas urgências intelectuais. Nos primeiros anos predominaram os temas literários.

Ao se mudar para Paris, doou à Universidade Nacional de Brasília (UNB), cerca de mil livros, afora os que deixou no Rio, na casa da mãe e no escritório do pai. Numa passagem pelo Rio, abriu várias caixas de livros: separou alguns, deu alguns ao jornalista que fez o relato, e doou o resto para a instituição onde o pai trabalhava. Havia de tudo nessas caixas, até uma inusitada *Méthaphysique du strip-tease*, de um tal Denys Chevalier, que ofertou ao amigo José Mário, afirmando, às gargalhadas, tratar-se de “leitura fundamental”.

Chegando a Paris, Merquior intensificou a compra de livros de sociologia

<sup>24</sup> Disponível em <http://diplomattizando.blogspot.com.br/2013/08/jose-guilherme-merquior-um-intelectual.html>. Acesso em 18/02/18.



e antropologia, correspondendo ao período de seu curso com Claude Lévi-Strauss, de quem se tornaria amigo. Quando em Londres, avultam na sua biblioteca as obras de cunho liberal, principalmente de Weber e Rousseau, usadas para a redação da tese de doutorado na London School of Economics.

Após sua morte, seu acervo foi adquirido pela Biblioteca do Banco do Brasil, antes voltada para assuntos técnicos, e hoje uma importante fonte de consulta nas áreas de Arte, Literatura e Ciências Sociais. Ali, na “Sala José Guilherme Merquior” é conservada sua biblioteca, composta por 9.500 títulos abrangendo Filosofia, Estética, História, Literatura etc. Dentre seus destaques encontram-se a edição de 1879 das Tragédias de Eurípedes com texto em grego e uma coleção da revista *Senhor*, um marco nas artes gráficas do país.<sup>25</sup>

No longo depoimento, o jornalista José Mário ressalta o método de trabalho de Merquior. Afirma que ele fazia, de início, numa letra miúda, um pequeno roteiro, que com os anos foi ficando cada vez mais reduzido e taquigráfico. Não usava fichas ou computador, e quando começava a escrever, sempre à mão, fosse em inglês ou francês, o texto ia saindo pronto, sinônimo de uma grande organização mental, conclui o jornalista narrador. Estudioso de tempo integral, Merquior sempre ironizou a sua “tão propalada erudição”. A certeza de que o conhecimento é infinito o fez, obsessivamente, tomar contato com tudo o que considerava relevante em várias línguas, através de inúmeros jornais e revistas especializadas, que devorava com apetite.

Entrar com ele numa livraria (ocasião que vivenciou, afirma o jornalista José Mário, inúmeras vezes com Merquior, no Brasil e no exterior) era uma experiência intelectual indescritível: ele conhecia tudo. Segundo José Mário, ele era capaz de comprar um livro apenas se um trecho o interessasse. Para exemplificar a memória prodigiosa de Merquior, o jornalista relata que, uma vez, de férias no Rio, recebeu uma ligação dele perguntando se possuía uma obra de Pierre Manent sobre o liberalismo porque precisava confirmar uma citação. E, quando o jornalista abriu o livro, ouviu de Merquior: “Veja no capítulo tal... Diz mais ou menos assim?” E citou *ipsis litteris*, o parágrafo inteiro.

Conforme José Mário, o pensamento maduro de Merquior forjou-se prin-

---

<sup>25</sup>Disponível em <http://www.bibliotecasbb.com.br/pesquisa/>; Acesso em 25/01/18

principalmente no convívio de intelectuais como Raymond Aron, seu mestre e amigo; Ernst Gellner, o antropólogo e teórico do nacionalismo, cuja refutação epistemológica da psicanálise exerceu fascínio sobre ele; Perry Anderson, o teórico do Estado absolutista e editor da *New Left*, com quem gostava de debater as questões teóricas do marxismo; o crítico literário Harry Levin; o historiador Arnaldo Momigliano, que o ajudou no enfrentamento crítico à obra de Foucault; Leszek Kolakowski, autor de uma história intelectual do marxismo que Merquior lia, relia e recomendava; Lucio Coletti, analista das contradições da dialética; e Norberto Bobbio, por suas reflexões sobre a democracia e o liberalismo.

José Mário acrescenta algumas particularidades acerca de Merquior: simples, bem-humorado, adaptado às trivialidades da vida mundana, gostava de comer bem, de viajar, de ouvir boa música, de admirar bons quadros, e não ligava para bebida. De pele muito branca, não podia ficar muito tempo ao sol. Era fascinado por detalhes, a ponto de, assistindo a uma adaptação para o cinema da obra de Proust, chamar atenção do amigo para as costas da atriz Ornella Muti. Gostava de contar e ouvir piadas, inclusive eróticas, e divertia-se em compor dedicatórias usando nomes famosos. Admirava os aforismos de Lichtenberg, a obra de Musil, Canetti e Borges, de quem ganhou um livro sobre Spinoza, que há anos procurava. Tornou-se amigo de Glauber Rocha, a quem considerava, “com a lucidez da sua loucura, o melhor sismógrafo da turma de 60”. Nos últimos tempos quase não lia romances, mas leu e gostou de *Viva o povo brasileiro!*, de João Ubaldo Ribeiro. Até o fim acalentou projetos, entre os quais o de um longo ensaio sobre o modernismo. E permaneceu lúcido até o dia de sua morte.

O pano de fundo de sua trajetória parece se desenhar na sede de conhecimento, na voracidade pelos livros, na capacidade de digerir e metabolizar tudo que lia. O jovem que se tornava adulto em plena era de Aquarius, tempos de contracultura, em seus primeiros textos já deixava inscritas algumas marcas: o tom polêmico, aliado a uma petulância estilística destemida que o jovem crítico, talvez envaidecido pelo convite de um poeta da grandeza de Manuel Bandeira, dizia ter aprendido da “atitude artística e crítica de 22”, referindo-se àquela pretérita geração que imbuída de irreverência iconoclasta atacou todo o tradicionalismo de formas e de ideias. (MERQUIOR, 1963, p.8)

Essa prematura irmandade com os modernistas pode ser constatada no en-

saio “A poesia modernista”, publicado em 1962, e depois incorporado ao primeiro livro de Merquior, *Razão do poema*, publicado em 1965, no qual afirma “a certeza de que o espírito de 22 se conserva absolutamente vivo, e ainda mais vivo, porque depois dessa data e da fundação da grande obra dos modernistas, nada mais alterou verticalmente a poesia brasileira”. Para ele, um dos feitos realizados pelo modernismo de 22 teria sido produzir “uma literatura telúrica de primeira grandeza”, na conquista definitiva da nacionalidade literária, mas que também “respondeu à exigência de universalizar-se, guardando no seu vigoroso senso de lugar uma dimensão profundamente humana”. (MERQUIOR, 2013, p.40/41)

E assim, brasileiro e internacional, provinciano e cosmopolita, conservador e iconoclasta, sem abdicar da dimensão humana, talvez se possa dizer que o espírito modernista de 22 nutriu e alimentou as linhas de força de Merquior.

Porém, tudo que aqui e agora se disse poderá ser desmentido pelo silenciado, pelo ainda ignorado, pelo texto e o pretexto atocaiados na forma e nas ideias...

## 4

### A forma e as ideias

#### 4.1 A forma

*No ensaio-come-forma, a radicalização filosófica e aguçamento da crítica social não se distinguem mais. (MERQUIOR, Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin)*

Traço marcante de seus textos a forma ensaística domina a cena na obra merquioriana. Tendo ingressado na crítica literária pela via do ensaio jornalístico, quase a metade de seus livros constitui-se de coletâneas de textos antes já publicados em jornais e revistas, ou pronunciados como conferências. Como exemplo, citem-se o primeiro deles, *Razão do poema* (1965), como também *As idéias e as formas* (1981) e o último que viu publicado – *Crítica* (1990).

Mesmo naqueles concebidos como um *continuum* monográfico, dos quais são exemplos *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin* (1969), *A natureza do processo* (1982), *O argumento liberal* (1983), *Michel Foucault ou o niilismo de cátedra* (1985), *O marxismo Ocidental* (1987) e o derradeiro, publicado só após sua morte, *O liberalismo antigo e moderno* (1991), Merquior adotou a forma ensaística.

Em *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, confessa, de início, que usou “da liberdade expositiva própria ao gênero ensaístico” (MERQUIOR, 1969, p. 16). E das páginas 113 a 118 realiza elaborada análise da forma ensaística de Benjamin e Adorno. Também em *De Anchieta a Euclides* diz que pretende “fazer deste livro um volume basicamente acessível”, e adverte “...recusei-me a toda erudição de cunho rebarbativo e a todo excesso de terminologia especializada”. (MERQUIOR, 1996, p.7)

Em *A natureza do processo* (MERQUIOR, 1982, p.10) e em *O argumento liberal* (MERQUIOR, 1983, p.11) afirma que “permanece o compromisso de escrever tanto quanto possível aquém do jargão, mas além do chavão”. Já antes, em *Saudades do carnaval, introdução à crise da cultura*, em texto datado de 1970 – “Roteiro da nossa questão” – Merquior afirmara:

Enfim, uma palavra sobre o método de exposição. Adotei a abordagem livremente prismática do ensaio, não o desdobramento sistemático do estudo acadêmico. A invocação de autoridades científicas se deve tão-somente a que

refletir sobre a interseção dos resultados das pesquisas de especialistas eminentes – e, em geral, mal conhecidos no Brasil – me pareceu, de longe, preferível à ridícula pretensão de delinear mais uma interpretação “pessoal” da história do Ocidente. Aos leitores, a quem peço atenção sem pedir indulgência, caberá medir a maior ou menor validez desta mistura de liberdade ensaística e argumentação escrupulosa. (MERQUIOR, 1972, p. 12, *in fine*)

Os escritos curtos e fundamentais de Walter Benjamin – o único frankfurtiano originário admirado por Merquior – dão conta de quão envolventes e, reconheça-se, consistentes, podem ser os textos ensaísticos. Todavia, a tentativa de Merquior em evitar quaisquer lacunas, característica de seus ensaios, é prejudicada pelo limite de páginas, fazendo parecer que as conclusões seriam diversas se o assunto sofresse uma análise exaustiva. Contudo, a análise intertextual de seus escritos comprova que, mesmo aqueles não dispostos num contínuo sistemático, seus ensaios não são dispersos nem fragmentários, mas se ligam e dialogam uns com os outros à vista de sua coerência temática, provindo dos mesmos campos de força que vertebram sua obra.

Em *As ideias e as formas*, no ensaio inicial que leva o mesmo nome, Merquior reconhece que naquela época de especialização acadêmica e de academicição da crítica o projeto de discorrer sobre formas e ideias em artigos de revista ou jornal, certamente, provocaria a suspeita de superficialidade. Por isso, explicita que não se trata de esboçar um panorama de toda a cultura intelectual e estética, mas, tão apenas, de crítica – “de crítica motivada antes de tudo pelo reconhecimento da carência de debate intelectual nas culturas latino-americanas” – e, para tanto, a forma escolhida foi o “relance ensaístico, por definição impermeável à mirada enciclopédica”. (MERQUIOR, 1981, p. 15/16)

Flora Süssekind, em “Rodapés, tratados e ensaios”, publicado no livro *Papéis colados*, partindo do embate entre a chamada crítica de rodapé (ou impressionista) e a crítica de cátedra (ou acadêmica) afirma que uma vez desbancada a hegemonia do rodapé na década de 1960, e com o surgimento no meio acadêmico de uma nova linguagem crítica em vias de firmar poder e prestígio no cenário literário nacional, surge uma terceira via que desagua na forma ensaio. Isso porque, diz ela, incomodados com o confinamento intramuros da nova crítica literária, cuja linguagem mais técnica e terminológica dificultava o alcance de maior público, “... muitos críticos ‘especialistas’ buscaram textos de intervenção mais imediata na vida cultural [...] e jamais abandonaram uma dicção ensaística”.

(SÜSSEKIND, 2003, p.34)

E não classifica Merquior nem como crítico de rodapé (“ora mais próximo do noticiarista, ora do cronista”) e, por óbvio, nem como “o universitário de modo geral”, mas como “teórico, desdobramento do personagem anterior e *tendo como marca distintiva indescartável a autorreflexão*”. (SÜSSEKIND, 2003 p. 43) (grifos nossos)

Para Merquior, tanto a produção literária em verso ou em prosa, quanto a análise da obra deveriam se constituir na “lógica da realidade”. A noção merquioriana de realismo deve ser procurada no extenso horizonte no qual transita e tramita seu conceito de mimesis. Seu entendimento da realidade afasta-se da visão cartesiana, propondo um gênero de lógica numa concepção mais larga da razão, como se fora a mistura de lógica conceitual abstrata, sensibilidade cognitiva e apreensão do concreto quase aos moldes de Lévi-Strauss, roçando a “ciência do concreto”, o que talvez tenha levado Miguel Reale a chamá-lo de “paladino da realidade concreta”. (REALE, 1994, p.167)

Segundo Reale, uma das manifestações de sua *racionalidade concreta* se revela na disposição para a polêmica. Em *Figuras da inteligência brasileira*, Reale especula: “Em poucos escritores senti tão intensa e viva a angústia de comunicação e participação, o que, de um lado, explica a natureza dialógica de seus estudos, em permanente cotejo com posições afins ou contrárias, e, de outro, a preocupação de nunca deixar críticas sem resposta [...]”. (REALE, 1994. p.165-183)

Em *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* O professor da UERJ João Cezar de Castro Rocha perfilha uma concepção de polêmica que muito se aproxima da prática merquioriana. Castro Rocha entende que esse enfrentamento nem sempre converge para um duelo de ideias, escapando do *argumentum ad res* (o confronto de ideias), para cair no *argumentum ad hominem* (o ataque deliberado à pessoa do oponente), revestindo-se de caráter bélico. Porém, a importância da polêmica, segundo esse autor, reside no fato de que os polos opostos se estudam metodicamente, assimilam as posições opostas e, principalmente, formalizam suas posições com rigor, a fim de expressar enfaticamente suas opiniões.

Atualmente, segundo ele, “a polêmica propriamente dita não tem voz, pois não se trata de disputar a hegemonia intelectual, mas de acomodar-se ao discurso vitorioso da vez” (ROCHA, 2011, p. 65). Instaura-se assim o marasmo, para o

qual a saída é a revitalização da polêmica. Uma de suas teses é de que a polêmica pode renovar as bases de um sistema intelectual, pois origina o que o autor chama de “sistema interno de emulação”:

a polêmica supõe a criação do que sugiro denominar “sistema interno de emulação”, uma vez que confronta no interior de um mesmo registro discursivo, levando-os ao exame interessado dos textos do adversário. Vale dizer, a rivalidade de opções, sejam ideológicas, sejam estéticas, constitui um elemento dinâmico que favorece a estruturação sistêmica, seja do sistema intelectual, seja do sistema de artes, pois a necessidade de desautorizar a argumentação do adversário depende da exposição dos próprios pressupostos. (ROCHA, 2011, p. 70/71)

Essa é a posição de Merquior. Na polêmica merquioriana predomina a dimensão do diálogo, conforme ressaltado por Miguel Reale, e assumido pelo próprio Merquior no final de seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 1983<sup>26</sup> – “na certeza de que o diálogo, mesmo na eventual divergência, é a via régia do conhecer e da paixão que me anima: a paixão de compreender”. Ou seja, polêmica como oportunidade privilegiada de se produzir conhecimento, colocando em confronto duas opiniões, duas ideias ou duas posições ideológicas distintas. Alguns registros seus são reveladores: à p.12, no prefácio de *As ideias e as formas*, ao agradecer a José Mário Pereira Filho, Merquior aduz que ele “acompanhou com lúcido interesse a montagem desta coletânea de análise e combate”. Também em *O elixir do Apocalipse* encontra-se a defesa de “uma boa polêmica teórica”

Aliás, uma boa polêmica teórica não faria mal algum ao nosso panorama crítico, há vários anos bastante letárgico – e é nessa letargia que se compra muito gato por lebre, especialmente na ronda de mistificações sibilinas e oraculares como a lacanagem ou o desconstrutivismo. (MERQUIOR, 1983, p. 56)

Merquior instrumentalizou a polêmica não só como dispositivo dialógico a fim de fazer circular as ideias, como também para testar sua pertinência. Essa veia polêmica, “start” do embate de ideias, estratégia extensora do intelecto, afasta o pensamento hegemônico, desfavorece os estereótipos e as categorias intelectuais redutoras que bloqueiam a apreensão de novas hipóteses, expandindo a atividade cognitiva. Ela foi utilizada por Merquior consigo mesmo – eis que, leitor voraz,

<sup>26</sup>Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-guilherme-merquior/discurso-de-posse>

não se submetia aos livros, mas discutia, lutava e combatia com eles. Quem sabe trilhando as pegadas de Walter Benjamin, a quem admirava, e que em *Rua de mão única* afirmou “só quem é capaz de aniquilar é capaz de criticar”, acrescentando “Polêmica significa aniquilar um livro em poucas de suas frases. A polêmica genuína põe um livro diante de si tão amorosamente quanto um canibal prepara para si um bebê.” (BENJAMIN, 2011, p.30)

Tanto Sérgio Paulo Rouanet quanto Miguel Reale não lhe negam o qualificativo de polemista, eis que polemizava também com diletos amigos seus. Em abril de 2011, na mesa-redonda em homenagem aos 70 anos de Merquior, após se questionar qual lado do homenageado destacaria, Rouanet, envolto nas próprias memórias da “época inocente, essa em que tomávamos partido, aos berros, em bistrôs parisienses, a favor da diacronia, como Sartre, ou da sincronia, como Lévi-Strauss...” prossegue

Eu próprio fui uma vítima do talento combativo de José Guilherme, a propósito de Michel Foucault. Passados muitos anos, estou hoje convencido de que eu estava completamente errado e que José Guilherme estava inteiramente certo nas opiniões sobre Foucault. Realmente, para me preparar para nossa mesa-redonda, fui reler um pouco o que nós escrevemos sobre Foucault e cheguei à conclusão de que hoje em dia eu concordaria em quase tudo com José Guilherme. Na época, a questão era saber em que medida Foucault poderia ser considerado um filósofo irracionalista, na linha de Nietzsche, de Heidegger, de Derrida, de Deleuze, do chamado pós-estruturalismo francês. Eu contestava essa designação de Foucault como filósofo irracionalista. Eu dizia, ao contrário, que Foucault era um filósofo iluminista, só que de um Iluminismo bastante especial. Uma das características do Iluminismo é a de crítica permanente. Como Foucault é permanentemente crítico, ergo, Foucault deve ser considerado um filósofo iluminista. E Merquior, com toda razão, achou de um simplismo absolutamente assustador esse tipo de equação de pensamento crítico com o Iluminismo.<sup>27</sup>

Em *Razões do Iluminismo*, no ensaio “O Sagitário do presente”, Rouanet afirma que “O livro de José Guilherme Merquior sobre Michel Foucault é de longe a síntese mais completa, mais bem documentada e mais brilhantemente escrita que já li até hoje sobre o pensador francês.” E pontua o brilho e a impaciência de Foucault com os menos sagazes

<sup>27</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Mesa-redonda em homenagem aos 70 anos de José Guilherme Merquior”. 2011. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/PLAQUETE-JG%20Merquior%20-%2070%20anos%20de%20nascimento-PARA%20INTERNET.pdf>; Acesso em 19/12/2017.



O livro não é benevolente com Foucault; mas, pelo que conheci dele, ele preferiria ser criticado com lucidez a ser elogiado sem inteligência. Quando o entrevistamos em 1970, em Paris, eu e Merquior ficamos impressionados não somente com seu brilho torrencial e preciso, como também com a impaciência que demonstrava com seus críticos menos perspicazes... (ROUANET, 1998, p. 193)

Além de Rouanet, apenas como exemplo, citem-se Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder, amigos fraternos com quem Merquior travou polêmicas acaloradas. No ensaio “Tarefas da crítica liberal, ideologia e intolerância”, em crítica ao “patrulhamento ideológico”, Merquior ressalta o embate de ideias travado com Carlos Nelson Coutinho: “Pouquíssimos fazem como um Carlos Nelson Coutinho, e topam defender suas ideias, em vez de atacar pessoas.” (MERQUIOR, 1981, p. 31)

Ou seja, a concepção merquioriana de polêmica realizou-se na prática como exercício democrático de manifestação e defesa de ideias, ausentes quaisquer epítetos e qualificações grosseiras, amiúde usados contra ele por aqueles com alcance intelectual *au rez-de-chaussée*.

Seus livros revelam um constante diálogo com outros pensadores. Como exemplo, em *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, com linguagem clara – um dos seus traços – de início Merquior detalha as ideias dos três ícones da esquerda, e em seguida as critica, apontando o “reducionismo” das análises de Adorno e Marcuse, imputando-o à dificuldade dos pensadores alemães em expandi-las além de suas raízes ideológicas, de tradição marxista. Considera-os negativistas, mas reconhece que suas contribuições para a crítica social, através da análise da cultura, merecem consideração (MERQUIOR, 1969, p.15/16). Walter Benjamin recebeu tratamento generoso, confirmando a admiração do brasileiro pelo crítico alemão. (MERQUIOR, 1969, p. 166/186)

Esse incontestado dialogismo aponta um traço de seus textos que se amasia ao magistério, eis que, além de formular as perguntas, ele ia além e seu desiderato educativo e pedagógico se desnudava na explicação dos fenômenos, fosse o literário, o cultural, o político. Característica que, ainda embrionária, já se esboçava no púbere crítico literário que se anunciara para dar aulas particulares de estética. A “advertência”, feita à guisa de prefácio em *Formalismo e tradição moderna*, confirma sua intenção (ou vocação?) pedagógica:

À exceção dos “Fragmentos de história da lírica moderna”, todos os ensaios contêm amplas referências bibliográficas. É esperança do autor que elas sirvam – tanto ou mais do que estes escritos – para ampliação e aprofundamento do debate universitário e extra-universitário sobre problemas estéticos no Brasil. (MERQUIOR, 1974, p.3)

Esse “dialogismo pedagógico” também se revela em *De Praga a Paris*, quando Merquior afirma

livro que não é em absoluto destinado, única ou especialmente, ao leitor já familiarizado com o estruturalês ou com a linguagem pós-estruturalista, porém, escrito no desejo de que os leitores não especializados possam tirar proveito da minha descrição, mesmo rejeitando o meu julgamento. (MERQUIOR, 1991, p.8)

Merquior, que transitava e produzia fora dos limites da universidade, e se dirigia intra e extra espaço acadêmico, discutiu autores, obras e correntes de pensamento muitas vezes contrários às suas próprias convicções. Trouxe e divulgou, sem subserviência, o conhecimento que hauria diretamente dos centros europeus e norte-americanos, quebrando o *muro de silêncio* atrás do qual se confinavam obras consideráveis na produção cultural de qualquer país. Seu ideário liberal não admitia a censura intelectual, o silenciamento de autores e de ideias.

Prática que, chamada de “leitura ecumênica” pelo professor Castro Rocha no posfácio da recente edição de *O liberalismo: antigo e moderno* (ROCHA, 2011, p.315), havia sido assumida por Merquior desde muito jovem, do que dá conta sua declaração em *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin* – eis que, para ele, divulgar não significa adesão acrítica e deslumbrada, esclarecendo

O leitor verá que nem sempre, ao expor as teses dos críticos da cultura estudados aqui, estou de acordo com elas. [...]. Tanto quanto possível, procurei separar a exposição do julgamento. Sendo as obras desses autores, em sua maioria, desconhecidas no Brasil, valia a pena consagrar mais espaço à divulgação de seus conceitos. (MERQUIOR, 1969, p. 15)

Essa postura, de inegável contorno liberal, que parece ter nutrido e incentivado em Merquior não só a linguagem ensaística como também a veia polêmica, características de sua peculiar persona intelectual, é ressaltada pelo professor Castro Rocha, no posfácio da recente edição de *O liberalismo antigo e moderno*.

Afirma ele que o esforço merquioriano em dedicar-se à análise e à divulgação do pensamento alheio, especialmente da produção intelectual, retoma o legado de Oswald de Andrade e amplia seu escopo. (ROCHA, 2011, p.316). O que leva o professor da UERJ a declarar que no pensamento merquioriano “valoriza-se a autonomia frente a dogmas, estimulando-se o experimentalismo frente a tradições cristalizadas”. (ROCHA, 2011, p.319)

No ensaio “Mestre Sérgio”, em *O argumento liberal*, escrito por ocasião da morte de Sérgio Buarque de Holanda, Merquior deixa claro o porquê de se sentir irmanado ao espírito do modernismo da década de 1920, ressaltando a “capacidade de assimilar e transmitir cultura como quem respira dos nossos modernistas mais cultos [...] [que] demonstram sem exhibir e irradiam sem inculcar”, reputando-a à “condição de homem de letras”, figura substituída pela “cultura setorializada (e tantas vezes pedantocrática) do intelectual universitário que ora todos somos”. (MERQUIOR, 1983, p. 232)

Não sem razão o professor Castro Rocha intitulou Merquior de “nosso mais autêntico pensador oswaldiano” (ROCHA, 2011, p. 90/91). Bem antes, em 1986, em entrevista à Revista *Folhetim*, Merquior imputou a si mesmo o epíteto de “anarquista cultural”, cujo sentido, explicitou, seria do

[...] pleno reconhecimento de que você vive num mundo em que ciência, arte, isto é, conhecimento, produção estética [...] são coisas submetidas a revisões muito rápidas, a mudanças não menos rápidas e a uma flexibilidade muito grande, conforme esse prisma caleidoscópico de valores sociais que caracteriza a alma da sociedade moderna.<sup>28</sup>

Sua personalidade intelectual se dilargava na troca de correspondência com outros intelectuais e com políticos, numa prática que se poderia chamar de “dialogismo epistolar”, consequência natural “daquela intensa e viva angústia de participação e comunicação na vida cultural e política”, detectada por Reale.

No artigo “O Carpeaux dos outros”, publicado na 5ª edição da Revista *Café Colombo*, o professor Castro Rocha, com acesso aos arquivos e à correspondência de Merquior declara que “embora o volume maior das missivas diga

<sup>28</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. “A visão de mundo de José Guilherme Merquior.” In *Liberalismo: antigo e moderno*. 3ª ed. ampl. É Realizações Editora, 2014. São Paulo.

respeito à troca com brasileiros, deve-se registrar o número igualmente considerável de mensagens com pensadores e escritores de vários países.”

E acrescenta:

[...] sua correspondência envolve poetas, romancistas, jornalistas, críticos literários, cientistas políticos, sociólogos, filósofos, diplomatas e mesmo políticos, compondo um arco de interesses e um horizonte de preocupações de um alcance pouco comum – e isso em qualquer latitude.<sup>29</sup>

Transcreve-se aqui, trazida por José Mário no artigo publicado na obra *O Itamaraty na cultura brasileira*, parte da carta enviada por Merquior a Gilberto Freyre, escrita em julho/agosto de 1972, elaborando a “defesa” de Lévi-Strauss:

[...] discrepo de sua porretada em Lévi-Strauss, o senhor sabe muitíssimo bem que não se trata de nenhum “mediocrão”. Conheço bem a obra dele, fui seu aluno no Collège de France durante quatro anos. *Tristes tropiques* é um texto saborosíssimo, de riqueza montaigniana, mas não é, como o senhor não ignora, uma coisa central na obra científica de L.S. O que aí se diz sobre um certo Brasil (especialmente paulista) não é, afinal, tão injusto quanto o senhor sugere. [...] E L.S. não “desemburrou” no Brasil – desemburrou nos Estados Unidos, em contato com Jacobson, etc. Aliás, mesmo que ele tivesse sido realmente injusto com o Brasil, e daí? Não deveríamos nós – e Gilberto Freyre a *fortiori* – aplicar nossa indulgente tolerância brasileira ao caso? Tolerância que se desdobraria em objetividade de juízo, permitindo o reconhecimento do valor da obra de intelectuais menos amigos do Brasil.<sup>30</sup>

E uma outra, que enviou de Londres a José Sarney, então presidente da República, em 15 de abril de 1985, com percuciente análise da conjuntura política, e na qual, sem abandonar seu jeito irreverente e irônico, advoga o reatamento das relações com Cuba:

Outro gesto de grande charme para a esquerda: reatar relações com Cuba. Eles fi-

<sup>29</sup> ROCHA, João Cezar Castro. “Dossiê Merquior – O Carpeaux dos outros”. Correspondência, vida intelectual e pensamento. Revista Café Colombo, nº.5, ano 2, 2016, Pernambuco.

<sup>30</sup> PEREIRA, José Mario. “O fenômeno Merquior”. In SILVA, Alberto Costa e. (org.) *O Itamaraty na cultura brasileira*. Instituto Rio Branco, 2001, Brasília. Disponível em <http://old.olavodecarvalho.org/convidados/0122.htm>; Acesso em 19/12/17.

cariam meio ano digerindo este pitêu, obrigados a achar que “pô, esse Sarney até que não é assim tão reaçã...” Cuba hoje não oferece maiores perigos na América do Sul. O guevarismo já era. E o reatamento tem pelo menos três vantagens para nós: a) abriria um significativo potencial de exportações brasileiras; b) permitiria ao Brasil influir, em boa medida, na conduta internacional de Havana, como faz o México, em sentido moderador e realista; c) evitaria que, no futuro, nosso reatamento se desse a reboque de uma reconciliação diplomática Cuba/USA, reconciliação essa, a médio prazo, tão certa quanto o foi o reconhecimento de Pequim por Washington, na década passada.

## 4.2 Algumas ideias

*[...] as ideias não são nem o conceito nem a forma da realidade, mas tão somente a transitória configuração do dado num sistema de interpretação fadado a decair, e a só em parte sobreviver. Uma arrumação das estrelas ao gosto do limitado alcance do olhar humano. (MERQUIOR, A astúcia da mímese, 1972, p. 23)*

Já desde seus primeiros ensaios, Merquior discorre sobre a arte e a cultura ocidental a partir do registro de uma crise. Dois de seus livros da metade inicial da década de 1970 possuem como subtítulo a expressão “crise da cultura” – *Saudades do carnaval: Introdução à crise da cultura* (1972), e *Formalismo & Tradição Moderna: o problema da arte na crise da cultura* (1974). No primeiro, à guisa de Nota Liminar, à página 12, ele afirma:

Mas a necessidade de ficar mais perto dos tempos modernos e atender à inclinação profana do espírito contemporâneo nos levou a principiar por sua paidéia laicizada: o humanismo da Renascença. Seguindo o seu rastro histórico, é que deparemos com a moldura sociológica da crise da cultura moderna. (MERQUIOR, 1972, p.12)

Esses textos podem ser entendidos como o diagnóstico dessa crise. Percebe-se neles um esforço de não se deixar engolfar por uma moral derrotista. Seu compromisso era com a inteligência, o inteligível, militando a favor da racionalidade na análise do papel da cultura no sistema social.

Dentre seus muitos livros – vinte e um (21) publicados em vida e um último após sua morte – escolhe-se aqui, e apenas como um dos recortes possíveis, realizar um sobrevoo panorâmico em algumas ideias expostas em dois deles – *As ideias e as formas* e *O elixir do Apocalipse* – os quais, salvo melhor juízo, demarcam seu embarque definitivo e irreversível na crítica político/cultural.

Em *As ideias e as formas* (1981), Merquior lança no prefácio a pergunta: “É possível atacar o marxismo, a psicanálise e a arte de vanguarda sem ser reacionário em política, ciências humanas e estética?” (MERQUIOR, 1981, p.11).

E em *O elixir do Apocalipse* (1983), parece brincar com as profecias acerca do declínio e do fim, que jamais chegam, da civilização ocidental, profetizados pelo que chamou de “irracionalismos utópicos”.

Sérgio Paulo Rouanet, em “Merquior: obra política, filosófica e literária”, palestra originalmente apresentada no Fórum Merquior, promovido pelo Instituto Tancredo Neves, em 1994, e reproduzida como um dos posfácios à 3ª edição de *O liberalismo antigo e moderno*<sup>31</sup>, após declarar que o mundo intelectual de Merquior é “altamente complexo, quantitativa e qualitativamente” (ROUANET, 1994, p. 24), afirmou que o fio condutor para desvendar essa complexidade jaz naquela pergunta, e na resposta afirmativa dada por Merquior.

Essa declaração de Rouanet reforça a crença de que, a partir dali ele teria assumido definitivamente, não a ideia liberal, com a qual já havia há muito cerrado fileira, mas a militância como crítico ferrenho das ideias e práticas intelectuais dogmáticas. Desse período em diante seguem-se seus livros de crítica mais contundente: *O elixir do Apocalipse* (1983); *A natureza do processo* (1984); *O argumento liberal* (1985); *Michel Foucault ou O niilismo de cátedra* (1985); *De Praga a Paris* (1986) e *O marxismo ocidental* (1987).

Neles, sempre engajado no *a priori* filosófico do humano, com verve enfática elaborou a crítica dos conceitos que considerava fetichizados, utopias cosmológicas alienantes, totalizantes e totalitárias, voltando-se contra a alienação nas suas formas niilistas e irracionais, perceptíveis na adesão aos dogmas que, a seu juízo, dominavam aquele período. Com rara coragem moral e intelectual, reconhecida e cantada por seus pares, defendeu uma crítica liberal e combateu o pensamento hegemônico, centrando e sustentando sua rejeição ao que considerava os três grandes mitos da segunda metade do século XX: a psicanálise, a arte de vanguarda e o marxismo.

<sup>31</sup> ROUANET, Sérgio. “Merquior – Obra política, filosófica e literária”. In *Merquior - Memorial Crítico*. Instituto Tancredo Neves de estudos políticos e sociais. 1994, Brasília.

#### 4. 2.1

##### Crítica à psicanálise

Segundo Rouanet, Merquior abraçava a concepção iluminista do homem, e o primado da inteligência sobre as paixões. A razão, o mais alto atributo do homem, não é vulnerável às investidas da obscuridade. Ipso facto, ainda conforme Rouanet, a existência de uma razão “possessa”, a serviço do delírio, era profundamente alheia a Merquior. Rouanet lembra que, por isso, ele evitava o conceito marxista de ideologia, falsa razão a serviço do poder, e rejeitava o conceito de racionalização – a possibilidade de o sujeito mentir sem noção de que está mentindo. A hipótese de que grande parte da vida psíquica do indivíduo se desse numa esfera inconsciente era execrável para Merquior. (ROUANET, 1994, p.28)

À vista de seu ethos racional e realista, Merquior negava à psicanálise qualquer estatuto científico, uma ciência inexplicavelmente inclusiva que incorpora aos seus fundamentos teóricos até mesmo o contraditório, devoradora das críticas recebidas, sempre interpretadas como resistência: quanto mais refutada mais irrefutável ela se autoproclamava. Desse modo, garante sempre o triunfo do analista, pois, quando o paciente o aprova, lhe dá razão, mas, quando o contradiz, trata-se apenas de um sinal de resistência, o que de novo lhe dá razão. (ROUANET, 1994, p.29)

Em *As ideias e as formas*, no ensaio “A superstição analítica”, Merquior analisa a natureza dos conceitos freudianos e seu teor de ciência. Ao final, afirma que “[...] as ideias de Freud viraram a ‘gíria do nosso tempo’ (Lionel Trilling) e a era do ‘homo psychologicus’ passou a confundir libertação psíquica do indivíduo com uma patética propensão a consumir egos postícios”. (MERQUIOR, 1981, p. 180)

No ensaio “O avestruz terapêutico”, em *O elixir do Apocalipse*, Merquior inicia por afirmar que “a psicanálise não é uma medicina da mente”, mas sim “uma enfermidade do intelecto, um projeto iluminista que virou superstição burguesa”. E brinca “O animal totêmico do freudismo devia ser o avestruz, que tem fama de onívoro e, ao mesmo tempo, quando confrontado com dificuldades, enfia a cabeça no solo para não ter que tomar conhecimento delas...” (MERQUIOR, 1983, p.63/66)

Suas críticas se embasavam no fato de que “as taxas de recuperação exibi-

das pela psicanálise são das mais baixas”, situação agravada, segundo ele, pela “concepção ferozmente antipsiquiátrica da psicanálise”. Para ele, o “efeito hiatrogênico da análise é inegável: a terapia induz à moléstia”, citando Karl Krauss, que afirmou que “na psicanálise o diagnóstico vira uma doença”. (MERQUIOR, 1983, p. 70)

E, com seu peculiar gosto pela blague, afirma

Desconfio que a próxima edição do perspicaz Tratado Geral dos Chatos, de Guilherme Figueiredo, trará um capítulo especialmente consagrado ao chato analisando que decretando “todo mundo neurótico”, não descansa enquanto não vence a “resistência” (ou torra os países baixos) dos amigos e até conhecidos, no ignóbil afã de prostrá-los no divã. (MERQUIOR, 1983, p. 70)

Na terceira parte do ensaio – Narcisismo de grupo – como denuncia o título, ele se volta contra o que considera o narcisismo do analisando, manejando a ironia que tão bem dominava:

Dá para o analisando culto se sentir um verdadeiro Sócrates – e bota volúpia nesse escafandrismo interior... Ainda ontem, a voga dos existencialismos não fez tudo para estimular “a verdade de cada um”, a busca da “autenticidade” e outros mitos do ego pós-burguês? (MERQUIOR, 1983, p. 70)

Avança, explicando

[...] o eu que mergulha em suas próprias águas não volta com uma verdade biográfica – retorna antes com uma narcisística *estetização* da existência de cada um. [...] certamente, a análise infla em cada peito o sentido da própria importanciazinha, numa pífia caricatura do individualismo moderno. (MERQUIOR, 1983, p.71)

E termina fazendo troça com Freud: “Pobre Freud, que ainda se considerava um racionalista...” (MERQUIOR, 1983, p. 72)

Sergio Paulo Rouanet, em *Mal-estar na modernidade*, tentou desculpar a ojeriza de Merquior à psicanálise, não se apercebendo que sua explicação tornava consistente a crítica merquioriana:

Que dizer de tanta agressividade? Os que passaram pela experiência analítica sabem como é difícil discutir com os que não a viveram. O diálogo acaba sendo um diálogo de surdos, porque o crítico simplesmente está falando de coisas sobre as quais não tem um conhecimento direto. Além disso, um fairplay mínimo nos im-



pede de usar intuições que devemos ao processo psicanalítico. Dizer que a veemência do nosso interlocutor se deve a uma atitude defensiva, a uma angústia diante da análise, seria provavelmente verdadeiro mas irrelevante, porque as regras do jogo da argumentação pública nos proibem de invocar no debate um saber privilegiado e incomunicável. (ROUANET, 1993, p. 294-303)

Porém, em artigo publicado na *Folha de São Paulo* em julho de 2001, intitulado “Um roteiro intelectual”, ainda discorrendo sobre as críticas de Merquior a Freud e à psicanálise, Rouanet afirmou:

Mas Merquior era tão diabolicamente inteligente que tinha razão mesmo quando não a tinha. O freudismo não é irracionalista, e nisso sua crítica estava fora de foco, mas está cercado de irracionalismo por todos os lados – e por isso essa crítica provocou devastações saudáveis. Quando ouvimos em certos institutos de formação psicanalítica palavras como “satori”, mais associadas ao zen-budismo que aos ensinamentos de Freud, ou somos informados de que a relação de transferência é uma corrente mística, uma “singularidade inefável”, que circula de inconsciente a inconsciente, somos tentados a dar razão a José Guilherme Merquior e a consagrar-nos, como os behavioristas, a estudar os conflitos existenciais dos ratos.<sup>32</sup>

#### 4. 2. 2 Crítica à arte de vanguarda

A crítica de Merquior à arte de vanguarda se estira e alonga-se em vários ensaios, não só em *As ideias e as formas* e em *O elixir do Apocalipse*. Merquior dedicou grande parte de sua obra a questões estéticas. Foi de crítica literária seu livro de estreia, *Razão do poema*. E o último que viu publicado em vida, *Crítica*, é uma coletânea de ensaios sobre arte e literatura.

Em “As contradições da vanguarda” (1965), integrado ao livro *As ideias e as formas* em 1981, Merquior não atacava toda e qualquer arte vanguardista, mas advertia que “especialmente em algumas experiências concretistas” a experimentação formal praticada violava as fronteiras naturais da linguagem viva, que “nenhuma arte pode desprezar” sob pena de sua incomunicabilidade. O que leva, segundo Merquior, a que “Leigos e críticos, todo mundo, acaba por julgar a vanguarda um círculo fechado de indagações-em-si, o severo circuito do *experimento*,

<sup>32</sup> ROUANET, Sergio Paulo. “Um roteiro intelectual”, Mais, *Folha de São Paulo*, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200108.htm>; Acesso em 27/12/2017.

*logo sou [...]*”. Esse “experimental”, em nada identificado com a pesquisa estética – “direito permanente consagrado entre nós pelo gênio de Mário de Andrade” – faz que “essa vanguarda padeça de ‘uma perturbadora esterilidade’. Torna-se improdutiva e incomunicante; esvazia-se; esvanece-se. Faz-se de vanguarda, verdadeira vã guarda.” (MERQUIOR, 1981, p.83/84)

Na sua personalidade intelectual, as noções de razão e cultura/arte se entrecruzam organicamente. Suas análises dos fenômenos artísticos são fincadas no seu contexto e nos seus antecedentes político/econômicos. Para ele, o modernismo vanguardista tenderia a evitar maiores contatos, de um lado, com a realidade e, de outro, com o público, substituindo a “autonomia da arte” pela “autarquia do estético”, e escancarando sua “apologia do elitismo – e dum elitismo em aberto conflito com a cultura social”. (ROUANET, 1994, p. 36/37)

Em “Sobre a doxa literária” – no livro *Crítica* – Merquior afirma que a estética resultante desse afastamento do social se desdobraria “numa cultura estética que se quer autárquica, e se orgulha de rejeitar globalmente o código de valores da cultura social”. Sobra a arte pela arte, o mero jogo lúdico. (MERQUIOR, 1990, p. 369)

Segundo Rouanet, Merquior entendia que o “modernismo artístico” era hostil à modernidade, rejeitando o progresso e as conquistas da ciência e da técnica. Para ele, a negação radical da modernidade teria levado os artistas do alto modernismo a se afastarem e detestarem a própria sociedade, com o que de mais importante existe nela, o ser humano comum. Repetindo o antigo vício romântico de menosprezar as “multidões despreparadas”, porção significativa da arte de vanguarda se tornara elitista e desdenhosa em relação à dinâmica social. Uma arte “do contra” forjando uma contracultura, uma rejeição romântica ao presente, com forte e inquieto espírito contestatório, mas de viés antiprogressista.<sup>33</sup>

Vale refletir acerca de suas análises expostas no ensaio “A aranha e a abelha”, cujo subtítulo – “Para uma crítica da ideologia pós-moderna” – aponta a abrangência das questões ali tratadas, escrito em maio de 1985. Sublinham-se, aqui, algumas de suas afirmações:

<sup>33</sup> ROUANET, Sergio Paulo. “Merquior – Obra política, filosófica e literária”. In *Merquior - Memorial Crítico*. Instituto Tancredo Neves de estudos políticos e sociais. 1994, Brasília.

[...] o modernismo declarou guerra à modernidade. [...]. Foi a intransigência deste rejeicionismo cultural que acicatou na vanguarda uma visão purista das artes. [...] subjacente a todo este purismo, sempre um puritanismo: o fervor da sua indignação moral contra a cultura burguesa. [...] Em seguida, há a contradição entre a forma auto-referente e sua completa dependência da interpretação. [...]. Temos coisa melhor a fazer do que permitir que nosso pensamento e sensibilidade se escravizem a uma sovada e infundada ideologia de negação e de desespero. (MERQUIOR, 1990, p.397/403)

Ainda conforme Rouanet, para Merquior a consequência no âmbito estético-cultural é uma arte deslocada do público e um discurso sobre a sociedade e o tempo presente que se esmera pela ruína, pelo Apocalipse. Converte-se numa “arte pela arte da revolta”, numa rebeldia em geral muito bem remunerada, posto que sediada nas melhores universidades mundiais – aquilo a que Merquior chamou de o “niilismo de cátedra”, fundado por Michel Foucault e sustentado por seus epígonos – o elitismo de artistas e professores que querem se sobrepor ao público e às obras e que pretendiam tutelar a inteligência (MERQUIOR, 1985, p. 243). São como profetas do Apocalipse, desejosos de exercer a ditadura das ideias, da qual a “seita vanguardista” seria a face mais visível, e tudo a golpes de “manifestos”, ironizava. (ROUANET, 1994, p. 32/34)

E é devido a essa antinomia entre modernismo e modernidade que Merquior investe contra as vanguardas formalistas e, por extensão, contra os intelectuais “fabricantes de modismos” (ROUANET, 1994, p. 32):

E se a ideia de uma crise da cultura moderna, longe de espelhar a realidade histórica, fosse uma ficção da imaginação humanista? Afinal, é mais do que esperado que nós, intelectuais humanistas, declaremos e deploremos a extensão e amplitude da deterioração cultural – pois, se nossa civilização técnico-liberal está indubitavelmente intrinsecamente doente, então quem são seus doutores “naturais”, enquanto seus diagnosticadores e os auto-intitulados médicos? Bem, os intelectuais humanistas, sem dúvida. Assim, nosso interesse de vendedores de teoria-da-crise torna-se penosamente óbvio; e a própria consciência da crise pode muito bem ser, em grande escala, um efeito “iatrogênico”. (MERQUIOR, 1990, p. 402/403)

E profetizou que o radicalismo da vanguarda ficaria sempre restrito aos vanguardistas, engolfados na sua jesuítica pretensão de modelar o mundo. Para ele, a vanguarda na contemporaneidade seria uma espécie de cultura do feriado,

diversão de fim de semana, sem grandes repercussões na sociedade.<sup>34</sup>

Destrinchando o fio condutor dessas críticas, Rouanet, no Memorial Crítico considera que o jovem Merquior centrava sua crítica literária somente no texto. Mais tarde, seu interesse se estende a todas as articulações da vida psíquica e social. Prosseguindo, Rouanet questiona: “Podemos falar numa ruptura entre duas fases?” (ROUANET, 1994, p.31). E retruca:

Evolução, sem dúvida; ruptura nunca. A deslumbrante análise textual de “Canção do Exílio”, depois de escandir os jambos e anapestos da métrica de Gonçalves Dias, desemboca em considerações nada formalistas sobre o amor à pátria. Por meio da análise metódica, verso por verso, da “Máquina do Mundo”, Merquior desentranha em Drummond toda uma visão humanista. Não há dúvida: o menino prodígio de 1965 já era tão antiformalista quanto o quarentão que nos anos 80 declarava guerra às vanguardas estéticas. (ROUANET, 1994, p.31)

#### 4.2.3 Crítica ao marxismo

O contexto no qual Merquior criticou duramente o marxismo é aquele da segunda metade do século XX, no qual os marxistas ainda não haviam realizado as revisões que mais tarde foram forçados a realizar, após o fracasso do “socialismo concreto” como política de governo. Não se pode ignorar que em política, naquele período, os intelectuais de esquerda relativizavam a democracia, propunham a revolução como instrumento de transformação histórica, e idealizavam o proletariado como a encarnação da subjetividade universal.

Seu olhar penetrava na realidade observável da Guerra Fria, desvendando os resultados desastrosos da implantação concreta de um ideário que considerava totalizante e totalitário. Vale (re) lembrar que nos anos 1980, no ocaso da Guerra Fria, a experiência concreta das políticas de cunho marxista, intentadas na URSS, na China, em Cuba, no Camboja, na Coreia do Norte e nos países do Leste europeu, então colonizados pelos soviéticos, apresentavam resultados desastrosos, fossem econômicos, com o fracasso da economia planificada, incapaz de gerar as condições de igualdade e prosperidade sociais prometidas, fossem humanitários,

<sup>34</sup>FREITAS, Marcus Vinicius de. Entrevista disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/09/1-entrevista-gem-marcus-vinicius-de.html>; Acesso em 14/01/18.

com regimes antidemocráticos, promovendo perseguição política, cultural e o extermínio de milhares de pessoas, fatos que vieram a público a partir das revelações de Nikita Khrushchov, e não poderiam mais ser ignorados.

Essa situação levou Merquior a assestar sua crítica contra aquelas ideias por ele consideradas reacionárias, antidemocráticas, elitistas, vetustas e fossilizadas, eis que emanadas e atreladas a conceitos elaborados no século XIX, anteriores à revolução industrial, e que se opunham à transformação da sociedade. No artigo “Renascença dos liberalismos: a paisagem teórica”, publicado na revista *Lua Nova*, chegou a declarar:

Na observação de Ralf Dahrendorf, o liberal raramente precisa se envergonhar das realidades criadas em seu nome. Ou, quando precisa, resta-lhe o consolo de verificar que o iliberal de esquerda (como ainda ontem o iliberal de direita) possui muito mais esqueletos em seu armário.<sup>35</sup>

Na cultura, o marxismo se apresentava na forma de uma denúncia eterna de um suposto caráter alienante da cultura moderna, rejeitando, inclusive, a industrialização. Nesse contexto, podia ser entendido como uma espécie de gnose, cujo traço principal é uma visão una do homem e do Bem, e o estabelecimento de um “Fim Último”. Ou seja, nos moldes de um credo essencialista, fundamentalista. O professor José Luiz Jobim, na apresentação da 2ª edição do livro *Formalismo e tradição moderna*, à p. 24, assinala que “Na verdade, o crítico brasileiro vai dialogar com um pensamento de esquerda muito mais sofisticado do que o ambiente russo das primeiras décadas do século XX: o da chamada Escola de Frankfurt.” (JOBIM, 2011, p. 24)<sup>36</sup>

Na época do lançamento do livro *O Marxismo Ocidental* (1987), dedicado a Leandro Konder, ressaltando que Konder “não concordará com tudo”, Merquior não poupa críticas ao novo marxismo frankfurtiano. O documentário *José Guilherme Merquior - Paixão pela razão*<sup>37</sup> inclui trechos de um debate televisivo rea-

<sup>35</sup> MERQUIOR, José Guilherme. “Renascença dos liberalismos: A paisagem teórica” In Revista *Lua Nova*, v.4, nº13, L&PM Editores SP, 1987.

<sup>36</sup> JOBIM, José Luís. “Relendo José Guilherme Merquior: 40 anos de Formalismo e Tradição Moderna” In *Formalismo e tradição moderna – O problema da arte na crise da cultura*. É Realizações Editora, SP, 2015.

<sup>37</sup> Documentário produzido pela editora É Realizações. *José Guilherme Merquior – Paixão pela razão*. SP, 2015. Trailer disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RrNd8TMHwOg>; Acesso em 01/03/18.

lizado após o lançamento de *O marxismo ocidental* e, em um momento do programa, o próprio Leandro Konder pergunta a Merquior por que ele concentrava suas críticas na esquerda, quando, segundo Konder, no Brasil a direita era muito mais maligna, Merquior então esclarece:

Por uma razão muito simples, Leandro, com toda a sinceridade. [...] Como eu estou me ocupando de ideias, ocorre inevitavelmente o seguinte: é a esquerda, e não a direita, que tem a hegemonia no terreno das ideias no Brasil. Então essa escolha é ditada pela liberdade das relações de poder no campo intelectual. Nesse campo, há muito tempo quem predomina é a esquerda, por isso analiso criticamente ideias de esquerda.<sup>38</sup>

Leandro Konder, seu amigo fraterno de longa data, no fórum em homenagem a Merquior, em 1994, no artigo intitulado “Merquior e a esquerda”, relembra o penúltimo ensaio de *O elixir do Apocalipse*, “Cultura Marxista”, no qual Merquior narra o início de sua convivência intelectual com o marxismo. Nele, em tom levemente nostálgico, temperado por sua peculiar ironia, Merquior relembra o fascínio pelas leituras de Lukács e Benjamin “não por serem marxistas, mas precisamente por soarem tão ‘cultura’, tão sofisticados e vagamente heréticos...”, acrescentando “O marxismo sem grossura – que delícia...” Ainda acrescenta: “Éramos todos mui burgueses, de modo que a descoberta da classe funcionava como uma espécie de transgressão, no fundo puramente literária, do mundo dos mais velhos”. (MERQUIOR, 1983, p.196/197)

Percebe-se o homem adulto em 1983 lançando o olhar por sobre os próprios ombros, rememorando sua jovem geração nos anos 1960: “Pode ser que me engane, mas o marxismo difuso daqueles anos, mais atmosfera que crença [...] Era menos maniqueceu, menos simplista no diagnóstico, menos ingênuo na receita.” E, com sua veia desabusada e irônica, Merquior desfere a fina estocada:

[...] o “nosso” (marxismo) como clima inaugural de geração, creio que foi assim: difuso e confuso, mas em compensação, bem mais perplexo que sectário. E ainda não confundia processo histórico com acesso histórico. (MERQUIOR, 1983, p.196/199)

<sup>38</sup> TRIGO, Luciano. “Documentário e reedições mostram a falta que faz Merquior”. Publicado no site G1, em setembro de 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/documentario-e-reedicoes-mostram-falta-que-faz-merquior.html>; Acesso em 19/12/18.

Em artigo escrito em 2008<sup>39</sup>, dando seguimento à análise das relações de Merquior com Marx, Konder inicia declarando:

A qualidade da intervenção de Merquior na vida cultural brasileira, ao longo do último quarto de século, não pode ser subestimada: ele costuma abordar seus temas com uma base de conhecimentos de inexcedível solidez; e faz observações sempre argutas e instigantes, ainda quando sejam polêmicas. (KONDER, 2008)

A partir da própria condição pessoal de marxista, Konder enuncia a temática de sua intervenção:

Na minha condição de marxista (numa época em que essa condição é cada vez mais tida como “bizarra”), gostaria de me deter, aqui, em algumas considerações, mais ou menos sumárias, a respeito das relações de Merquior com Marx, nas diversas estações do seu percurso “errático”. (KONDER, 2008)

E resenha, em apertada síntese, suas impressões sobre “as relações de Merquior com Marx”, acabando por desaguar em *O marxismo ocidental*, sobre o qual pontua:

Há indícios, contudo, de que nosso ensaísta está atento para o perigo das extrapolações e dos excessos na farta distribuição de cascudos destinados aos “marxistas ocidentais”, sendo sintomático que Gramsci seja poupado. (KONDER, 2008)

Konder acreditava que o percurso da crítica política de Merquior teria se iniciado pelo marxismo e caminhado até ao liberalismo. Todavia, ousando discordar do ilustre filósofo marxista, a obra crítica – seja literária, cultural ou econômica/política de Merquior – parece se originar de algumas raízes que sempre irrigaram seus textos: o humanismo, a racionalidade e o social liberalismo. Desde *A Astúcia da mimese* (1972) verifica-se a rejeição ao estruturalismo e ao formalismo por sua ausência de referencialidade ao homem, ao humano, já contendo, em germe, a gestação da posterior crítica a qualquer teoria totalizante, que ignorasse os dados da realidade e cuja prática desconsiderasse o homem na sua complexidade existencial. Essa linha mestra é, inclusive, ressaltada pelo próprio Konder, no mesmo artigo de 2008, quando afirma:

---

<sup>39</sup> KONDER, Leandro. “José Guilherme Merquior (1941-1991)”. In: Revista *Espaço Acadêmico*, ano 7, nº. 87, PR, 2008.

Vale a pena assinalarmos o fato de que, dando prosseguimento a sua antiga e persistente polêmica com o formalismo na crítica literária, Merquior termina o último ensaio do volume *Crítica* (1964-1989), que a Nova Fronteira está lançando por estes dias, com uma referência a Gramsci: “Como Gramsci, nós, antiformalistas, podemos combater sendo pessimistas pela inteligência mas otimistas pela vontade”. (KONDER, 2008)

Sérgio Paulo Rouanet, outro amigo de toda a vida, palmilhando pedaços da obra política e filosófica do amigo, amparado pelos trinta anos de convívio ininterrupto, dentro e fora do Itamaraty, em análise envolvendo o largo horizonte do mundo intelectual de Merquior, parece ter melhor percebido a principal, quiçá fundamental, objeção de Merquior ao marxismo, afirmando: “Em política, Merquior aderiu sem reservas à democracia liberal. Num meio como o nosso (intelectual), saturado pela tradição socialista, isto significou, em primeira instância, uma vigorosa rejeição do marxismo”. (MERQUIOR apud ROUANET, 2014, p. 361)

Segundo Rouanet, para Merquior “O totalitarismo já está em germe na teoria de Marx”. Nesse sentido, o gulag seria a realização de “uma tendência imanente do marxismo, eis que a tentação totalitária é inevitável numa doutrina que concebe a evolução da humanidade segundo um telos necessário inscrito na própria história.” Nada mais lógico, então, que, a serviço desse objetivo, “a instalação no poder de um mandarinato” que, detendo o saber absoluto da história, guie e oriente a sociedade. (ROUANET, 1994, p.25)

[...] Essa é a imagem mesma do totalitarismo, a implantação de uma comunidade harmônica que mobiliza todos os meios para expulsar a diversidade do organismo social. [...] um estrato de profissionais capazes de decifrar as leis imanentes da história, e de conduzir os homens, pela supressão metódica de toda dissidência, à utopia da vida não-antagônica, em que toda dissidência se tornará supérflua, porque toda divisão estará extinta. (ROUANET, 1994, p.26)

E, ao juízo de Merquior, o totalitarismo leva ao supremo irracionalismo, eis que devorador de cérebros e logocida máximo, conforme por ele elucidado:

É que a nobre tradição da erudição, a livre entrega do saber, que se sabe infinitamente completável, desdobrável e corrigível, pressupõe para prosperar um determinado meio ambiente, a moldura das instituições liberais, a sociedade onde o poder é de fato, por mais imperfeitamente que o seja, dividido e, por conseguinte, neutralizável, em seu potencial de opressão. (MERQUIOR, 1983, p. 68)



Para ele, tanto do ponto de vista político como cultural, o marxismo devia ser descartado como ideologia conservadora e autoritária. Nas páginas finais de *O marxismo ocidental*, Merquior profetizou um melancólico futuro para o que chamou de “romantismo dos professores”:

Agora que sua fase criativa parece esgotada, o marxismo ocidental está em vias de tornar-se uma forma suave de contracultura institucionalizada – o romantismo dos professores– insípido, encharcado de jargão, altamente ritualista – no reino de humanidades aguerridas contra a evolução da sociedade moderna. Para o historiador de ideias, não há nisso maior mistério: em conjunto, o marxismo ocidental (1920-70) foi apenas um episódio na longa história da velha patologia do pensamento ocidental cujo nome é, e continua a ser, irracionalismo. (MERQUIOR, 1987, p. 277)

Rouanet, ao final de seu depoimento, analisa o empenho de Merquior em militar contra a psicanálise, a arte de vanguarda e o marxismo, apontando nessa militância um sinal de inteligência. Na sua avaliação, as razões das investidas de Merquior se deveriam ao fato de que o marxismo “se ossificou num dogma”, a psicanálise “sabota o primado da vida consciente” e a arte de vanguarda situaria “a sensibilidade, a paixão e a intuição num plano superior à inteligência”. (ROUANET, 1994, p.34)

Para Rouanet, o que Merquior estava dizendo, em síntese, é que seu pensamento era vertebrado por três linhas de força, uma reflexão sobre a política, sobre o homem e sobre a arte; que, nessa reflexão, ele tomou o partido do progresso e da modernidade; e que, nessa tomada de partido, ele rejeitava o marxismo, o freudismo e o formalismo estético. Ainda segundo Rouanet, a unidade da obra de Merquior aparece então com muita clareza, eis que

cada um dos três blocos temáticos é um grande “*plaidoyer*” a favor da razão e da modernidade. O marxismo é retrógrado porque tenta destruir o mundo moderno por uma utopia do século 19 e é anti-racional porque se ossificou num dogma. O freudismo é retrógrado porque deslegitima a sociedade moderna, dizendo que ela se funda na repressão, e é anti-racional porque sabota o primado da vida consciente. O vanguardismo estético, o crítico e o filosófico são retrógrados porque contestam a modernidade industrial e científica e anti-racionais porque colocam fora de circuito a razão. (ROUANET, 1994, p.34)

Prossegue Rouanet:

Além disso, em cada bloco transparece a mesma angústia diante da usurpação do poder por uma elite autodesignada. A palavra “vanguarda”, com suas sonâncias militaristas, é apropriada nos três casos. No primeiro caso, surge uma vanguarda leninista, que funda a ditadura do partido único; no segundo, uma vanguarda psicanalítica, que constou inicialmente de Freud e seus discípulos, e hoje exerce seu poder através da Sociedade Internacional de Psicanálise; no terceiro, uma vanguarda estética, que aterroriza os filisteus com seus ukazes, e *épate les bourgeois* a golpes de manifestos.

E finaliza: “No avesso dessa polêmica, aparecem uma política, uma antropologia e uma estética: uma política da liberdade, uma antropologia da consciência e uma estética da responsabilidade.” (ROUANET, 1994, p. 34)

Alguns anos depois, na mesa-redonda em homenagem a Merquior realizada pela Academia Brasileira de Letras no ano de 2001, Rouanet especula:

Passaram-se dez anos. O que aconteceu com os três alvos da crítica de Merquior? A resposta parece fácil: a história sepultou o marxismo, a ciência refutou a psicanálise e o pós-modernismo decretou o fim das vanguardas estéticas. A guerra terminou, e Merquior está no campo dos vencedores. Ele estaria feliz, se ressuscitasse. A menos que... Não, Merquior não defenderia hoje nem Marx nem Freud nem Joyce. Mas, graças à sua verve, à sua cultura e à sua combatividade, teria contribuído para que não sentíssemos tanta falta desses três grandes artífices daquela modernidade que ele tanto admirava.<sup>40</sup>

A menos que...

<sup>40</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Dez anos sem José Guilherme Merquior”. Mesa-redonda realizada na ABL em 4/10/2001. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf>; Acesso em 11/02/18.

## 5

### Terceira Lei de Newton Ação e reação

*Desqualificado o crítico, não vale a pena discutir o que ele diz – e os sectários podem continuar refestelados nas suas dogmáticas certezas de preguiçosos mentais e palmatórias do mundo. (MERQUIOR, As ideias e as formas)*

No período libertário do “amanhecer da Era de Aquarius”, entre as décadas de 1960 e 1980 do século XX, já desde o início dos anos 1960 os primeiros grupos de jovens iniciaram o movimento hippie, valendo trazer aqui, tão só como ilustração das expressões culturais daquela época, o filme Hair<sup>41</sup>, e sua famosa música “Aquarius”<sup>42</sup>, bem como John Lennon com a não menos conhecida “Imagine”<sup>43</sup>. Contudo, nos ambientes intelectualizados no Brasil, imperava a dogmática marxista e as “patrulhas ideológicas”, ainda sem indícios consistentes de derrocada.

Naquela conjuntura, atravessada por anseios múltiplos que se entrecruzavam, interagindo em um ambiente fortemente polarizado, desde os anos 1960 Merquior pautou o debate cultural no Brasil.

O intelectual independente e autônomo angaria impopularidade, sobretudo entre seus pares e/ou contemporâneos. A recusa, por parte de um pensador, a adesões irrestritas, seja a uma escola, doutrina ou abordagem teórica, resulta em ser atacado por todos os lados, eis que não conta com “proteção” corporativa de qualquer grupo. Assim parece ter acontecido com Merquior. Essa é a constatação de Eduardo Cesar Maia, doutor em Teoria da Literatura e professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) em artigo na Revista *Café Colombo* (ROCHA apud MAIA, 2016, p. 15), acrescentando que Merquior “soube guiar seu pensamento em franco diálogo com as diversas correntes teóricas de seu tempo, mas sem submeter sua perspectiva crítica a qualquer forma de dogmatismo metodoló-

<sup>41</sup> Hair, 1979, EUA, dirigido por Milos Forman. 121 min. Trailer disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tC0FRKpuZM4>; Acesso em 15/02/18.

<sup>42</sup> Canção composta por James Rado, Gerome Ragni e Galt MacDermot. Disponível em <https://youtu.be/4Cq8qKk2aSM>; Acesso em 21/02/18.

<sup>43</sup> Canção composta por John Lennon. Disponível em <https://youtu.be/bBW8g64Vzf8>; Acesso em 18/02/18.

gico ou ideológico”.<sup>44</sup>

Merquior não só exercia a defesa veemente de suas ideias e convicções como também daqueles a quem admirava. Em 1980, respondeu enfaticamente às agressões dirigidas pelo jornalista Paulo Francis contra Roberto Schwarz e Antonio Candido. Em artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 05/01/1980 – “Crítico à vista” – incorporado ao livro *As ideias e as formas*, Merquior acicatou o jornalista, chamando seu romance *Cabeça de Papel* de treino para uma autobiografia intitulada *Cabeça de Vento*, e ainda o aguilhoou com ênfase viperina:

Canastrão do articulismo nacional (do articulismo e não do ensaísmo: ele não tem a menor ideia do que seja ensaio), espécie de intelectual para intelectualoides, Francis vive injuriando o que ele não tem condições de compreender, e escrevinha com uma teutônica sem-gracice, que não lhe consente sequer a estética do insulto – quanto mais chegar à sola dos pés da cultura, da sensibilidade em suma, da validade dos que ele tenta atingir. (MERQUIOR, 1981, p. 332)

A resposta de Francis veio na *Ilustrada* de 25/1/1980:

Vejo que o pivete José Guilherme Merquior está avançando corajosamente de cara contra meu punho [...] É justo. Afinal, [...] citei Merquior como o pior caráter da geração literária que agora completa 40 anos. Se vendeu a primeira vez por um chá. A última que soube dele, “esticava lençóis” de certo cavaleiro, que pensava seria ministro de Figueiredo, na esperança de futuras bocas. Sei da vida do pivete.  
45

Outro episódio que ganhou as páginas dos jornais deu-se em maio de 1981, quando Merquior, ecoando os costumes e as práticas de países europeus, demarcou a diferença entre o intelectual e os artistas e, bem ao seu estilo provocador, declarou: “Não compartilho dessa visão pateta do Brasil de que os grandes astros da música popular são intelectuais. Caetano Veloso é um pseudo-intelectual de miolo mole.”<sup>46</sup>

Tempos depois da morte de Merquior, José Mário Pereira relata que ouviu do próprio Caetano que, em uma das apresentações que o artista fez em São Paulo, havia pedido a seu assistente para limitar a afluência ao camarim após o show,

<sup>44</sup> MAIA, Eduardo Cesar. “O humanismo crítico em *A estética* de Lévi-Strauss”. In ROCHA, João Cezar de Castro. “Dossiê Merquior: O Carpeaux dos outros”, Revista *Café Colombo*, ano 2, nº5. 2016, PE;

<sup>45</sup> Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/39631-francis-contra.shtml>; Acesso em 21/02/18.

<sup>46</sup> Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT731654-1666-1,00.html>; Acesso em 21/02/18.

e soube depois que Merquior lá estivera, e fora barrado pelo assessor, que não fazia a menor ideia de quem ele era. Caetano afirmou que gostaria de ter recebido o ensaísta, e repetiu, divertido, a expressão “miolo mole”, afirmando que Merquior estava certo.

Essa declaração é repetida por Caetano Veloso na entrevista que deu à Revista *Cult* nº105, reproduzida no blog *Navegando na Vanguarda*, publicada em 18/02/2010. Falando sobre a crítica ao seu livro *Verdade tropical*, Caetano então afirmou: “Não me preparei nem estou me preparando para ser um ensaísta. Eu me lembro que, quem primeiro falou contra isso de uma maneira contundente e que me impressionou muito bem, foi o José Guilherme Merquior.”

E ainda complementou:

Eu adoro “pseudo-intelectual de miolo mole” [risos]. Ele, Merquior, foi o primeiro que explicitou a questão tão honestamente, defendendo o território. Eu concedi uma entrevista a *Isto É*, na qual fiz uma brincadeira sobre ele, que acabara de sair numa revista posando no meio de livros. Era gozado, porque ele falava mal de Freud e da psicanálise dizendo que não valem nada. Eu disse que detestei aquilo porque ele estava falando mal de narcisismo e ficava posando no meio de livros como um pop star. Ele levou isso como se eu estivesse dizendo que os ensaístas estavam querendo tomar o meu lugar. Fez uma inversão inteligente. Bem sacada, de polemista experimentado.<sup>47</sup>

## 5.1

### Traga-me a cabeça de Zumbi dos Palmares

Das antipolêmicas, que interditam a comunicação de ideias, priorizando o confronto pessoal, Merquior esquivou-se de algumas. Nesse sentido, confira-se a curiosa história relatada pelo jornalista José Mário Pereira, no já anteriormente citado depoimento para o livro *O Itamaraty na cultura brasileira* (2001). Conta ele que Darcy Ribeiro, quando exercia os cargos de vice-governador e de secretário de cultura do Estado do Rio de Janeiro nos idos de 1982 durante o governo de Leonel Brizola, nas reuniões de quinta-feira em seu gabinete – a que chamava de “Culturinha” [sic] – só se referia a Merquior com chavões e insinuações injuriosas. “E o seu amigo de direita?”, perguntava. Ou ainda: “Como vai o protegido de

<sup>47</sup> Disponível em <http://navegandonavanguardia.blogspot.com.br/2010/02/entrevista-especial.html>; Acesso em 22/02/18.

Roberto Campos?”, fazendo comentários maldosos sobre Merquior e sua obra – que não tinha lido. Exercitava práticas comuns a certa esquerda, falando de supostas comissões recebidas por Roberto Campos e depositadas em nome de pessoas íntimas dele, citando Merquior. Interessante é sublinhar que essa animosidade de Darcy Ribeiro contra Merquior é da mesma natureza daquela que Azeredo da Silveira, ministro do governo Geisel nutria, ambos girando em torno de Roberto Campos.

Um dia, continua José Mário, Darcy, com ar aliciante, lhe disse:

Zé Mário, você tem falado com seu amigo reacionário? Preciso de uma ajuda. É o seguinte: o Brizola quer erigir um monumento a Zumbi dos Palmares. Vamos ter que abrir concurso, o que é um desastre, porque pela lei somos obrigados a aceitar a escultura ganhadora, e acho a escultura que se faz hoje no Brasil uma merda. A mais bela estatuária negra que já vi está no Museu Britânico, que possui uma magnífica coleção de estátuas do Benim, na Nigéria. Como ninguém sabe a cara que tinha Zumbi, minha ideia é pôr no monumento desenhado pelo Oscar (Niemeyer) a cópia de uma dessas estátuas, mas para isso preciso de uma reprodução em gesso de uma delas. Fale, por favor, com seu amigo em meu nome, e diga que estou pedindo a ajuda dele.

Levado o pedido por José Mário, Merquior, à época ministro conselheiro da Embaixada do Brasil em Londres, de pronto dispôs-se a ajudar, sem imaginar a confusão burocrática, eis que, ao explicar no Museu Britânico o que desejava, foi informado que a obra era patrimônio nacional da Nigéria, sendo necessário pedir autorização. Merquior cumpriu todas as formalidades, e um dia desembarcou no Brasil trazendo em mãos a tal cópia. Dirigiu-se à vice-governadoria no dia em que Darcy se reunia com seu staff, trazendo a enorme caixa debaixo do braço. Logo Darcy aparece e grita: “Merquior, que prazer vê-lo!”, e dispensa os outros. O final da história está na Avenida Presidente Vargas, no monumento a Zumbi dos Palmares: aquela cabeça é a cópia pedida por Darcy e conseguida por Merquior. Depois disso, prossegue José Mário, sempre que Merquior vinha ao Brasil almoçava com Darcy, que passou a dizer: “Esse camarada é realmente muito inteligente”.<sup>48</sup>

Todavia, nem todos procederam com a inteligência e a elegância de Caetano Veloso, nem com a malícia astuciosa de Darcy Ribeiro, e houve, e ainda há,

<sup>48</sup>PEREIRA, José Mário. “O fenômeno Merquior” In SILVA, Alberto Costa e. (org.) *O Itamaraty na cultura brasileira*. Instituto Rio Branco, Brasília, 2001. Disponível em <http://old.olavodecarvalho.org/convidados/0122.htm>; Acesso em 13/01/18.

os que preferiam investir contra a pessoa, não contra suas ideias, utilizando epítetos que dizem mais sobre quem os lança do que sobre quem são lançados.

## 5.2

### “Terrorismo bibliográfico”

Possuindo a mesma “impaciência com críticos menos perspicazes”, atribuída por Rouanet a Foucault, e avesso a ignorar as críticas no intuito de negar-lhes substância, Merquior não as temia, desde que fossem inteligentes, dizia. Suas críticas à psicanálise, algumas em forma de blague, encontradas em *O elixir do Apocalipse*, e já resumidas no capítulo 4, provocaram furiosa reação na comunidade psicanalítica. O debate público com Eduardo Mascarenhas e Hélio Pellegrino ocupou muitas páginas do Jornal do Brasil e contribuiu, paradoxalmente, para popularizar as ideias de Freud, que Merquior, sem modéstia, assumiu conhecer mais do que os debatedores que o desafiavam.

A contenda era comentada até na praia de Ipanema, point da classe média da zona sul carioca. Num programa de televisão, Mascarenhas mostrou o livro *As ideias e as formas* e não se pejou de acusar Merquior de “terrorismo bibliográfico” por conta da quantidade de referências bibliográficas – que ele se dera ao trabalho de contar – no índice onomástico do livro.<sup>49</sup>

Castro Rocha, intelectual íntimo da produção acadêmica, e com conhecimento dos textos de Merquior, sagazmente sublinhou que a escrita merquioriana se fazia em conformidade aos padrões acadêmicos – inúmeras citações, atualização bibliográfica rigorosa, e escrita clara – “regras do método propriamente universitário”. (ROCHA, 2011, p. 450)

“Com um rigor dificilmente encontrável na universidade”, nas palavras de Castro Rocha (ROCHA, 2011, p. 452), esse cuidado de Merquior com detalhadas referências bibliográficas tinha uma causa – sua vocação pedagógica – e um objetivo: “a ampliação e aprofundamento do debate universitário e extra-universitário” – conforme confessado por ele na “Advertência” do prefácio de *Formalismo e tradição moderna*, em excerto já transcrito no capítulo 4. (MERQUIOR, 1974, p.3)

<sup>49</sup>ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Dez anos sem José Guilherme Merquior” Mesa-redonda realizada na ABL em 04/10/2001. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf>; acesso em 22/02/18.

Certamente, Mascarenhas carecia de intimidade com trabalhos intelectuais consistentes, com o universo da produção acadêmica. E não só Mascarenhas, como se deduz da declaração de Roberto Schwarz na seção Ilustríssima, da *Folha de São Paulo*:

A massa de referências artísticas, teóricas e históricas que Merquior mobilizava em seus estudos fazia dele um caso à parte em nossa crítica. Não estávamos acostumados a ver os nossos autores submetidos a uma reflexão tão numerosa e cosmopolita.<sup>50</sup>

### 5.3

#### “É mentira muitas vezes repetida”

Voz solitária no combate à doxa cultural então vigente, não contando com o apoio do corrimão seguro das filiações corporativistas, Merquior caiu definitivamente em desgraça junto aos intelectuais de esquerda quando, em artigo publicado em maio de 1981 no *Jornal do Brasil*, declarou que lendo o livro *Cultura & Democracia* de Marilena Chauí encontrou algumas dezenas de páginas iguais às que o francês Claude Lefort, amigo da filósofa, havia escrito bem antes, e sem as devidas aspas. Marilena, à época, era considerada como dona de ideias supostamente originais, pretensão, já naquele tempo, contestada por outros intelectuais, inclusive Roberto Romano. Chauí não admitiu o plágio, e partiu para o ataque, afirmando que Merquior, diplomata de carreira, era homem da ditadura – ignorando que, tal como ela, servidora pública da Universidade de São Paulo, ele era agente de Estado e não de governo.

Por fim, Lefort declarou haver entre ele e Chauí uma “filiação de pensamento”. Então, em artigo também publicado no *Jornal do Brasil*, a professora Marilena insinuou existir uma relação mais íntima entre ela e o pensador francês:

Merquior sugere que houve apropriação indébita. Equivocou-se. [...] Esclareço ainda que devo a Claude Lefort muito mais do que o leitor sequer poderia imaginar e que muitas das suas ideias e minhas nasceram juntas, o que me deixa sempre muito à vontade para transitar entre elas.<sup>51</sup>

<sup>50</sup> SCHWARZ, Roberto. “Atrevido, Merquior foi uma figura central”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015.

<sup>51</sup> ALMEIDA, Marco Rodrigo. “O conformista combativo”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 23/08/2015, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>; Acesso em 2/2/18.



Convocou ainda, em sua defesa, outros intelectuais de esquerda, entre eles o filósofo Roberto Romano, que acusou Merquior de ideólogo da ditadura. O mesmo Roberto Romano, professor de Ética e Filosofia na UNICAMP, que, em 16/09/2005, 25 anos depois do episódio e 14 anos após a morte de Merquior, em texto publicado no *Correio Popular* (“Opinião”) – “O silêncio palavroso de Marilena Chauí”<sup>52</sup> – após resenhar um histórico desabonador da professora da USP, conta em detalhes o caso do plágio. Confira-se o final do relato de Romano, *ipsis litteris*, cautela necessária no presente trabalho:

Certo dia, ao ler o jornal, vejo um texto de José Guilherme Merquior acusando um plágio da professora. Movido pela piedade e diante dos lamentos dramáticos por ela encenados, tentei defendê-la. Como não pertencia ao PT, sugeri que os “companheiros” deveriam vir a público. Todos, menos um, declaravam-se “indignados” com Merquior. Logo, afirmavam, escreveriam algo contra ele. Nada aparecia. Vários dentre eles mantinham colunas em revistas do País. O “menos um” indicado, importantíssimo no Panteão da esquerda, disse clara e distintamente: “Ela colou”. Com o silêncio dos intelectuais petistas, em companhia de uma docente da USP escrevi na Folha em defesa de Chauí. Levei merecidas pauladas de Merquior. Numa polêmica é preciso sair ou solicitar desculpas pelo começo. Marilena Chauí exigia que não respondêssemos ao crítico enquanto o objeto do plágio, Claude Lefort, não o desmentisse. Depois de muita espera escrevemos comunicando que não diríamos mais nada sobre o caso. A acusada se lixou para o que ocorreu conosco, uma vez “absolvida” por Lefort. Na época um universitário ligado ao petismo saiu-se com esta: “Marilena é intelectual e militante. Não possui o tempo necessário para leituras. Ela pode agir assim, pela causa”. Adeus às aspas...

Não se sabe se Romano, antes, já pedira desculpas ao próprio Merquior. Quanto à professora em questão, hoje é reconhecida por sua performance em discursos para jovens universitários<sup>53</sup> e em vídeo que circula no Youtube, declarando ódio à sua própria classe social, e à qual pertencem todos os seus pares – a classe média.<sup>54</sup>

Afirma o jornalista José Mário que as críticas de Merquior eram tomadas de posição de cunho teórico, e não pessoais, acrescentando que Merquior fez questão de convidar Marilena Chauí a dar conferência no México – convite recu-

<sup>52</sup> ROMANO, Roberto. “O silêncio palavroso de Marilena Chauí”. Opinião, Correio Popular online, 2005. Disponível em <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/4858/silencio-palavroso-marilena-chauí/>; Acesso em 22/02/18.

<sup>53</sup> Disponível em <https://youtu.be/G3qcCipLOOK>; Acesso em 01/03/18.

<sup>54</sup> Disponível em <https://youtu.be/fdDCBC4DwDg>; Acesso em 01/03/18.

sado por ela.

Esses entreveros, hoje históricos, certamente não se pode nomeá-los de polêmicas no sentido merquioriano, ou sequer de debates. De toda forma, certo é que, naqueles tempos de posições polarizadas, os mesmos que se opunham à censura da ditadura militar, travestiam-se em censores de outras vozes, conforme relatado no livro *Patrulhas ideológicas*.

## 5.4

### A crítica da crítica

[...] a padroeira da crítica talvez seja Artemis – Diana, deusa da esquivaça caçadora. (MERQUIOR, *A astúcia da mimese*)

Merquior foi, principalmente, um crítico. Iniciou como crítico literário e, ainda hoje, segundo palavras do poeta Paulo Henriques Britto, é o maior crítico de poesia<sup>55</sup>. Caminhou para a crítica cultural e a crítica política, e empreendeu a crítica da crítica que se fazia naqueles tempos da Guerra Fria. Em artigo publicado em 1981 no *Jornal do Brasil* – “Tarefas da crítica liberal” – depois integrado ao livro *As ideias e as formas*, Merquior elabora quase uma “carta de intenção”, explicando o que considera o trabalho do crítico independente, esclarecendo, na primeira parte do ensaio, “Ideologia e intolerância”, o porquê da necessidade de uma crítica liberal, haja vista que “no império ideocrático não pode haver independência intelectual”. (MERQUIOR, 1981, p. 30)

Afirma, como consequência, que “só na república das liberdades floresce a autonomia do espírito, a altivez da palavra, a bravura da opinião.” Segundo ele “a missão política da crítica liberal é combater a intolerância ideológica”, que vislumbrava na “sonegação do debate ideológico”, sob a forma da “substituição do debate dos argumentos pelas acusações ou insinuações contra o adversário, seja sobre sua condição social ou sua conduta moral”. E ironiza:

Fulano disse x, beltrana escreve y? Esqueça x e y: fulano não passa de um burguês conformista ou oportunista; não vê que ele trabalha para o governo? – e fulana é condicionada, não é à toa que seu marido é empresário, etc... (MERQUIOR, 1981, p.30)

<sup>55</sup>Disponível em <http://acervo.revistabula.com/posts/vale-a-pena-ler-de-novo/o-filho-rebelde-de-joao-cabral>; Acesso em 2/3/18.

Merquior se insurgia contra o pensamento amasiado ao “realismo socialista”, o real absoluto e inexorável da certeza marxista, fruto do cogito informado pela luta de classes, no qual as regras da política ditam as regras do discurso, de cunho meramente jesuítico. No ensaio “A aranha e abelha: para uma crítica da ideologia pós-moderna”, Merquior, como sugerido no título, empreende uma crítica abrangente do irracionalismo alçado ao nível da epistemologia. Para ilustrar a metamorfose linguística, traz Ludwig Wittgenstein, filósofo austríaco e um dos protagonistas da virada linguística na filosofia do século XX: “O pensamento pós-moderno é o habitat de wittgensteinianos metamórficos, para quem a verdade e o significado são apenas funções ad hoc de jogos da linguagem infinitamente transformáveis.” (MERQUIOR, 1990, p. 402)

Essas críticas permeiam, ora explícita, ora implicitamente, a persistente e contundente condenação de Merquior aos irracionalismos – o colonialismo epistemológico, segundo ele, promovido pela doutrina marxista. *Et pour cause*, àqueles que considerava seus arautos – os intelectuais. Intelectuais têm sido vulgarmente designados por aqueles que pensam. Mas pensar é próprio do homem e, para Merquior, o que separa o intelectual de um “não intelectual” é um tipo de intelecção abrangente, de apreensão das variadas facetas dos fenômenos, uma cognição múltipla e expansiva, capaz de alcançar a compreensão da diversidade e da complexidade político/sociocultural.

Segundo Sérgio Paulo Rouanet, Merquior especulava por que os intelectuais seriam especialmente propensos a formulações irracionalistas. Merquior acreditava que, por exercerem uma função crítica e universalista, sentiam-se desenraizados e, por isso, procuravam compensar seu sentimento de alienação, de ausência de pertencimento, com a adesão imaginária a emoções tribais e comunitárias. Conforme Rouanet, para Merquior “a alienação humanitária é em grande parte mítica – mas a alienação dos intelectuais é uma potencialidade permanente”. (ROUANET, 1994, p. 33)

Contudo, e ainda conforme Rouanet, Merquior não deplorava o desenraizamento dos intelectuais. Ao contrário, dizia que os intelectuais antimodernos não eram “suficientemente viris para levar esse ‘desenraizamento’ às últimas consequências”. Ou seja, se desenraizar de todos os dogmas, inclusive dos dogmas

marxistas. Nas palavras de Rouanet “enquanto a direita criticava os intelectuais por serem modernos demais, Merquior os criticava por não serem suficientemente modernos”. Os intelectuais se mostravam incapazes de defender não só o legado racional do iluminismo como também o legado social e político da Revolução Francesa. Para Merquior o marxismo é retrógrado porque tenta destruir o mundo moderno por uma utopia do século XIX, incensando a usurpação do poder por uma elite autodesignada, que inexoravelmente funda a ditadura do partido único. (ROUANET, 1994, p. 33/34)

No ensaio “Tarefas da crítica liberal”, em *As ideias e as formas*, Merquior lança perguntas que, ainda hoje, tempos do famigerado “politicamente correto”, permanecem sem respostas satisfatórias:

Por que, então, tantos intelectuais se comportam como uma ressentida intelligentsia? [...] Por que – sobretudo – tantos desses radicais adotam posturas perfeitamente sectárias, chegadas ao ritual policialesco do “patrulhamento” ideológico? E não nos venham dizer que se trata de falar em proveito do povão. Em seu sofrido viver, o povão se cansa de dar sinais de ser um bravo reformista, e não um radical, certamente porque seu realismo visceral sabe que a solução está no progresso e não no Apocalipse; e em todo caso os intelectuais em estado (d’alma) de intelligentsia jamais se preocupam em consultar as massas quando enchem a boca com seu sagrado nome. (MERQUIOR, 1981, p. 30)

Fazendo jus à *sua racionalidade concreta*, apontou e reprovou os irracionismos que detectava na adesão dos intelectuais àquelas teorias reacionárias, advertindo ser justamente nessa engrenagem que emerge a *grafocracia* e a figura deletéria do grafocrata. No artigo “*El logocidio occidental*” declarou que Lukács tinha razão ao concluir que o mal contemporâneo é o irracionalismo. Contudo, diferente do que dissera Lukács, o irracionalismo não dera causa à burguesia. Para Merquior, o logocídio ocidental é obra de uma categoria social específica: o grafocrata.<sup>56</sup>

Diferente dos textos de antemão preparados, que pressupõem a meditação, as consultas e as correções, as entrevistas, sejam as de cunho informativo e/ou opinativo, devido ao seu formato essencialmente dialógico, à mescla do discurso

<sup>56</sup> MERQUIOR, José Guilherme. “*El logocidio occidental*”. In *Revista Vuelta*, nº149, México, 1989. Disponível em <http://www.letraslibres.com/vuelta/el-logocidio-occidental>; Acesso em 22/02/18.

direto com a linguagem informal, conjugadas à imediatividade do encontro face a face, constituem oportunidades que propiciam o debate de ideias. E Merquior não se furtava a expor suas críticas nas diversas entrevistas em que foi chamado a se pronunciar, como fez na longa entrevista publicada nas páginas amarelas da revista *Veja*<sup>57</sup>, em 1981, logo após a publicação de *As ideias e as formas*. Ali, ele explicita o que seria a grafocracia:

Criticam-se muito as várias cracias, mas não a grafocracia, termo cunhado pelo marxista austríaco Karl Renner, depois da II Guerra, para designar essa vocação moderna do intelectual para exercer o poder através do que ensina ou escreve. O mal da grafocracia é que, com ela, o humanismo deixa de ser um movimento intelectual para se transformar numa ideologia, no sentido marxista da palavra, isto é, um sistema que reflete os interesses de uma camada intelectual que se comporta como clero.

Na mesma entrevista Merquior esclarece sua percepção acerca dos hábitos da discussão intelectual no Brasil, e detalha os resultados, a seu ver, desastrosos, do baixo coeficiente de análise, de exame concreto da realidade.

Uma das características defeituosas do nosso debate intelectual [...] é a tendência à imediata ideologização. Os problemas são sempre apresentados de maneira abstrata, principista e apriorista. Portanto, o coeficiente de análise empírica, de exame concreto de realidades verificáveis, é muito pequeno.

Questionado se os intelectuais são “ciosos de seus interesses de classe”, Merquior dispara:

Basta ver a prática da excomunhão em meios universitários, como se cassam mandatos intelectuais no Brasil. O AI-5 intelectual nunca foi revogado. É a classe se organizando em corporação. É típica a maneira como se reage no país à polêmica. Quando um intelectual no Brasil se sente incomodado por um crítico, ele não contra-ataca as idéias do crítico, ataca o próprio crítico.

Segundo Merquior, no Brasil haveria uma intelectualidade, mas não uma intelligentsia. A diferença entre uma coisa e outra seria, segundo ele, a mesma que distingue o gênero da espécie.

Como categoria neutra, sem dar à palavra conotações de bem ou mal, sabe-se que a erudição é instrumental, tão só um equipamento para, com ela, tratar de deter-

<sup>57</sup>MERQUIOR, José Guilherme. Entrevista. Revista *Veja*, SP, 1981. Disponível em <https://perspectivaonline.com.br/2015/06/03/merquior/>; Acesso em 17/12/18.

minados problemas. E não existe o erudito que leu o último livro. Ninguém leu o último livro. Essa época acabou na Renascença, quando as grandes bibliotecas tinham apenas cerca de 500 volumes.

Todavia, afirma ele, a erudição ganhou um ar pejorativo, servindo para descartar certas ideias, um certo tipo de pensamento execrado pela “grafocracia reinante”, a pretexto de que “são coisas de erudito”, ou são ideias “de direita”. Essa rejeição à erudição, prossegue, insinua que existe outro saber que, por obra e graça de um “*fiat*” divino, dispensa seus iluminados do trabalho de buscarem o conhecimento. Basta estar na posição “correta”. E formula a pergunta que não quer calar: quem determina a posição correta? Quem dá esse atestado de dispensa da busca do conhecimento? Para ele, a prática do pensamento livre que se autocritica e busca conscientemente sua inconsistência, seu próprio processo de autocriação, talvez seja a contraverdade capaz de cortar a escravidão intelectual. A liberdade de interpretação e de expressão obrigam a ir contra os ordenamentos da ditadura do “pensamento único”, em que a lei magna reza o “proibido pensar”, concluiu Merquior.

Quando da publicação de seu livro *O marxismo ocidental*, em entrevista à *Folha de São Paulo* em 30/08/1987, sob o título “O MARXISMO ESTÁ MORTO”<sup>58</sup>, interpretando os sinais vindos da Europa que apontavam a iminente derrocada do marxismo como sistema de governo, Merquior pondera:

Você não precisa ser marxista para ter preocupações de justiça social, para ter preocupações até humanitárias, enfim, para querer corrigir abusos, onde quer que eles se manifestem, em qualquer estrutura social. O marxismo, afinal de contas nunca teve monopólio dessas posições e não há por que ter daqui por diante. Certamente não é agora que ele sofre um descrédito intelectual bem maior do que no passado que ele vai ter esse monopólio.

Após acentuar o caráter religioso do marxismo, declarou: “Eu acho que o mundo moderno aposentou os sistemas, aposentou toda espécie de tentativa tão grandiosa de abarcar a explicação da história no seu conjunto.”

<sup>58</sup> MERQUIOR, José Guilherme. “O MARXISMO ESTÁ MORTO”. In *Folha de São Paulo*, SP, 1987. Disponível em [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_16set00.shtml](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16set00.shtml); Acesso em 29/12/17.

A resposta da esquerda veio em 17/09/1987, também na *Folha de São Paulo*, sob o título “O MARXISMO ESTÁ VIVO”<sup>59</sup>, através de Francisco de Oliveira, um dos fundadores do PT, sociólogo e economista – a quem, em 1996, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP concedeu o título de Doutor por notório saber – que classificou o pensamento de Merquior como o de um diletante, que “escolhe os temas da moda para ganhar publicidade”.

Abre-se aqui um parêntese para registrar que, afora ser inconteste a projeção internacional e nacional de Merquior nos meios intelectuais, relembre-se que, dois anos depois, na noite de 9 de Novembro de 1989, após grandes manifestações em defesa da liberdade, o Muro de Berlim foi derrubado. E, passados mais dois anos, em dezembro de 1991, a declaração nº. 142-H do Soviete Supremo da União Soviética reconheceu a independência das colônias soviéticas, chamadas de “repúblicas soviéticas” por aquele mesmo soviete supremo.

Voltando ao artigo de Francisco de Oliveira em 17/09/1987, ele ainda afirmou:

Acho que é bom o Merquior prestar atenção a um artigo que o José Arthur Giannotti está fazendo sobre o último livro dele, que deve sair na Revista *Novos Estudos*, onde as questões propriamente filosóficas do Merquior são enfrentadas, a meu ver, de forma irresponsável.

Com efeito, em setembro de 1987, o professor da USP José Arthur Giannotti, esquerdista histórico, também um dos fundadores do PT, publicou na revista *Novos estudos CEBRAP*<sup>60</sup>, um artigo intitulado “O tema da ilustração em três registros”, no qual comentou os livros *Ensaio de filosofia ilustrada*, de Rubens Rodrigues Torres, *As razões do iluminismo*, de Sérgio Paulo Rouanet, e *O marxismo ocidental*, de José Guilherme Merquior – todos então recém-publicados. Quanto a Merquior, Giannotti declarou:

É ser tolo e contraproducente torcer o nariz diante deste fenômeno muito novo que atravessa a cultura de massa contemporânea. Milhares de intelectuais gostariam de ocupar a posição de José Guilherme Merquior no panorama de nossas letras, mas, infelizmente, existe só um Merquior. Antes de combatê-lo como inimigo da cultura, cabe elogiar o trabalho de dissolução que ele faz com maestria,

<sup>59</sup> OLIVEIRA, Francisco de. “O MARXISMO ESTÁ VIVO”. *Folha de São Paulo*, SP, 1987. Disponível em [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_15set00.shtml](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_15set00.shtml); Acesso em 29/12/17.

<sup>60</sup> GIANNOTTI, José Arthur. “O tema da ilustração em três registros” In Revista *Novos Estudos CEBRAP*, SP, 1987. Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/12/jose-arthur-giannotti-uma-polemica-com.html>; Acesso em 29/12/17.

afirmando um liberalismo e uma liberdade de espírito de que a cultura brasileira carece, e muito.

Porém, insinuou existir maior relevância filosófica em trabalhos produzidos dentro dos muros protetivos da academia. Merquior não deixou Giannotti sem interlocução. Três meses depois, a mesma revista publicou “Retórica ex cathedra”<sup>61</sup>, no qual Merquior rebate “a mimosa qualificação de sofista e retórico”, e desqualifica a valoração em favor dos trabalhos acadêmicos levada a cabo por Giannotti, apontando-a como “apenas mais uma peça de auto-advocacia universitária”.

Esses episódios ilustram a sensibilidade prospectiva e preditiva de Merquior e testemunham sua incontestada defesa do Liberalismo – para ele a *ratio et ratio* fundamental.

---

<sup>61</sup> MERQUIOR, José Guilherme. “Retórica ex cathedra” In Revista *Novos Estudos CEBRAP*, SP, 1987. Disponível em <https://docslide.com.br/documents/merquior-retorica-ex-cathedra.html>; Acesso em 29/12/17.



## 6

### Liberalismo social Racio et ratio

*Um liberalismo que seja capaz de compreender e incorporar o próprio enriquecimento das liberdades no universo contemporâneo, particularmente em sua dimensão mais dinâmica – a dos direitos sociais. (MERQUIOR, O argumento liberal)*

Do cotejo do primeiro discurso com a última palestra, como também com as reflexões que expôs no último livro, *O liberalismo antigo e moderno*, pode-se considerar que Merquior abraçou o ideário liberal na sua perspectiva ampla, num largo horizonte, contemplando as esferas filosófica, cultural, política e econômica. Guiado por uma disposição mamútica de leitura, o percurso de seu intelecto pela sinuosa e áspera estrada da busca pelo conhecimento aporta no experiente e maduro crítico político, que detém o pleno entendimento da complexidade e da interconexão das grandes questões socioeconômico-políticas da sociedade moderna, nos planos nacional e internacional.

Visando condensar esse longo percurso de quase três décadas, faz-se crucial trazer a voz de Merquior – precaução ditada pelo propósito de resguardar sua locução dos desvios, ou demolições, não só aqueles que a própria linguagem promove, bem como outros: sejam os de cunho reducionista interpretativo, ou aqueles gerados pela armadilha do círculo hermenêutico. Ouça-se, portanto, sua voz.

#### 6.1

##### Primeiro discurso

Era dezembro de 1963. No Rio de Janeiro, um jovem de 22 anos, primeiro colocado no concurso para o Itamaraty, escolhido o orador da turma de formandos, se dirige ao palco e inicia seu primeiro discurso na solenidade de formatura do Instituto Rio Branco. Os temas, já insinuando a vocação para amplas reflexões históricas e filosóficas, foram abordados com desenvoltura, superando a expectativa em torno de eventos dessa natureza. (MERQUIOR, 1994, p. 139/149)

Logo de início, como exemplo de que a diplomacia pode ser considerada um dos motores da unidade nacional, cita Alexandre de Gusmão – o “avô” da diplomacia brasileira por sua defesa do princípio do *uti possidetis*, utilizado pela diplomacia brasileira para solucionar questões fronteiriças do Brasil. Agora, diz o

jovem orador, a tarefa era a conquista da unidade social, da qual “não participem uns poucos, mas uma síntese vastamente legítima das mais vivas entre as forças da sociedade brasileira” (MERQUIOR, 1994, p.141).

Ressaltou que

[...] a adoção do princípio de autodeterminação dos povos [ficou] justificada pela compreensão de que as modificações sociais e políticas devem reger-se por um movimento interior, endógeno, de dentro – jamais pela imposição, desde fora, de formas ou estruturas de governo ou de vida social. (MERQUIOR, 1994, p. 142)

À luz do contexto geopolítico da época essa declaração consistia na defesa do princípio da autodeterminação, tema que entrara na ordem do dia com o processo de descolonização afro-asiática e com o golpe em Cuba liderado por Fidel Castro e, naquela época, apoiado pelo povo cubano.

A partir do conceito de “movimento social organicista” – o lento caminhar cumulativo dos costumes e tradições, contrário a alterações impostas mecanicamente de fora – Merquior defendeu a intervenção da vontade política naquele movimento, através do que chamou de presença da “vontade ordenadora”:

Compreendemos, isso sim, uma substantiva união entre ambas as coisas: movimento social autônomo e dirigido, querido pelo povo e pelo poder que ele constitua. E assim como no plano internacional advogamos a autodeterminação, assim no plano nacional repelimos a ideia de uma evolução cega inegavelmente desdobrada e exaltamos em seu lugar o valor das decisões políticas que canalizam a inspiração profunda da sociedade, as orientações autênticas do povo, as surpreendidas potencialidades do país. Esse é o nosso tema de movimento orgânico, permeável à vontade política. (MERQUIOR, 1994, p. 142/143)

Apesar do linguajar levemente tintado com alguns jargões próprios do entusiasmo da juventude, percebe-se já o germe do liberalismo social que Merquior viria mais tarde a defender enfaticamente.

Em seguida, Merquior elabora o elogio de San Thiago Dantas, paraninfo da turma, então ministro da Justiça do governo João Goulart, ressaltando, principalmente, sua característica de homem de razão: “Visão e razão; realismo racional; sensibilidade que desperta o querer, e vontade que atende sempre ao concreto.” E detalha o que, já então, entendia como a síntese de realismo e racionalidade “esteio psicológico do político que o Brasil reclama”:

Por que é que a razão, outrora idealista, outrora abstrata, outrora impeditiva do realismo, é atualmente capaz de conviver com a visão do mundo concreto? A resposta está em que a razão moderna alimentada no realismo, é uma racionalidade eminentemente histórica. (MERQUIOR, 1994, p. 144)

Prossegue sublinhando a característica que entende necessária aos intelectuais: “Só os intelectuais que tenham aprendido um fundamental respeito pela História serão habilitados a manejar racionalmente os dados da realidade.” (MERQUIOR, 1994, p. 144)

No jovem orador esboça-se a silhueta do homem da racionalidade concreta, da recusa às categorias fixas e aos apriorismos teóricos, da rejeição dos dogmas e dos paradogmas. Advoga que a realidade social deve ser compreendida não pelo julgamento moral da natureza humana, inflexível e imutável, mas pela “análise da condição humana, variada e dependente de fatores e conteúdos históricos, de estruturas sociais mutáveis, corrigíveis, transformáveis.” (MERQUIOR, 1994, p. 144)

Faz a defesa da liberdade e da democracia:

No contexto de um mundo tão diferenciado como o contemporâneo, a liberdade representa antes de mais nada essa maior elasticidade, que é, em suma, uma maior capacidade de escolha. Eis porque estamos inabalavelmente convencidos de que a liberdade interessa ao verdadeiro ideal de transformação da sociedade – exatamente na medida em que ser livre significa poder fazer, do governo de um povo, uma antena ultravibrátil, pronta a captar os primeiros indícios de toda aspiração coletiva. (MERQUIOR, 1994, p. 145)

Coloca o saber como instrumento contra o obscurantismo, e como meta de uma geração que chamou de “ávida”:

Nós não somos uma geração formal: somos uma geração formadora. E somos uma mocidade ávida. Ávida de saber. Ávida de poder. Ávida, mais do que tudo ávida, de saber poder. Decididos a colocar nossa infatigável curiosidade intelectual na conquista de melhores formas de vida prática. Resolutamente convencidos da união vital entre o saber e o operar. Ciosos defensores de uma ética que se construa com a realidade, e de uma realidade que se domine pela vontade ordenadora e racional. (MERQUIOR, 1944, p. 147)

Explicita a situação do Brasil na tradição do Ocidente – tradição que se caracteriza pelo domínio crescente do homem sobre a natureza. E adentra no gritante

desnível na distribuição das riquezas que o país produzia:

É dentro dessa tradição que queremos situar o Brasil. Dentro dela cabe os nossos ideais de desenvolvimento, de crescimento, de riqueza em todas as dimensões. Dentro dela é que se tem procurado fazer do Brasil uma nação madura, de generosidade equivalente ao volume do que produza. (MERQUIOR, 1944, p. 148)

Sinaliza os efeitos da explosão demográfica do pós-guerra que, em sua esteira, traria a formação e ascensão de novos grupos de pressão, dentre outros fenômenos sociais:

Sentimento que faz de nossa participação no Ocidente, a inserção criadora de um grande povo numa cultura, num Ocidente que é uma aberta e dinâmica concepção de vida, e não um baluarte cegamente armado contra a convivência, nas vésperas de um alargamento físico demográfico do mundo, por si tornando ridículas as pretensões ao isolamento. (MERQUIOR, 1944, p. 148)

Caminhando para concluir, apresenta seu credo humanista:

Nosso amor à nacionalidade é, no fundo, a melhor forma de sermos humanos. Mas para nós ser humano é realizar-se produtivamente. É exercer o poder de construção. É abrir-se ao mundo objetivo, para moldá-lo indefinidamente. Por isso reconhecemos sempre na realidade a marca do homem, o dedo, a obra do homem. (MERQUIOR, 1994, p. 148)

E finaliza com uma declaração de propósitos:

“Assim nos queremos: objetivos e racionais”, prescrevendo até a insolência como arma na luta por concretizar esse humanismo: “Não trepidaremos em aparentar uma insolência, em muitas das vezes em que lutaremos por essa verdade.” (MERQUIOR, 1994, p. 149)

Mesmo considerando a juventude do orador, seu discurso pode ser compreendido como uma carta de intenções de um jovem intelectual engajado na defesa de alguns temas que, já ali, se descortinavam e se mostrariam caros ao pensamento e à crítica política do intelectual adulto, permeando sua obra: a liberdade como valor a ser defendido, a racionalidade, a recusa à perspectiva niilista da história, a inserção do Brasil no grande arco histórico da cultura ocidental, a prática do liberalismo em conjunto com a atuação do Estado. E a inegável predisposição para participar e influir no debate das ideias.

## 6.2 Último livro

*O bom combate liberal não é contra o Estado – é contra certas formas de apropriação do Estado.* (MERQUIOR, *As ideias e as formas*)

Em 1994, no já citado Fórum Merquior, promovido pelo Instituto Tancredo Neves, o ex-presidente do Banco Central, ex-ministro do Planejamento e ex-ministro da Fazenda nos governos militares, Mário Henrique Simonsen, já no ocaso de sua vida pública, iniciou sua participação questionando se Merquior sabia que *O liberalismo antigo e moderno* “seria o seu testamento intelectual”, acrescentando “O fato de o livro ter sido escrito em apenas quatro meses sugere que sim. A organização lógica do texto sugere o contrário” (SIMONSEN, 1994, p. 70).

Com o uso de palavras de conotação ambígua, Simonsen inicia por declarar que as principais características do livro são “[...] a sua ordenação didática” e que o livro “[...] se entende com extrema facilidade”. Prossegue em tom chistoso, ao dizer que Merquior “[...] ao invés de definir, prefere descrever o liberalismo.” (SIMONSEN, 1994, p. 70). E, após afirmar que “filosofia social é tema bem mais ameno do que epistemologia e metafísica”, ainda declara, com indubitável menosprezo “só que, entrando no mesmo campo, Merquior é leitura bem mais suave do que Bobbio”. (SIMONSEN, 1994, p. 71)

Fica evidente, subjacente ao conjunto dessas afirmações, o conteúdo de sarcasmo, a intenção corrosiva de menoscabo. E, mais adiante, Simonsen desnuda o sentimento que o anima e corrói – a vaidade arranhada, a defesa do próprio território – quando desfere várias setas pontiagudas, intercaladas com irônicas referências:

Não fossem tantas citações, o livro de Merquior se leria como um romance do liberalismo. Só que a probidade intelectual de Merquior não lhe permitia usar uma ideia de outro pensador sem o citar. A torrente de citações, vez por outra, chega a ser enfadonha, dando a falsa impressão de que Merquior chega a brincar com a sua erudição. [...] A reclassificação do pensamento liberal pelas ideias, que é a obra do último livro de Merquior, dependia de um software que só existia na cabeça do autor. [...] De qualquer maneira, a transformação de um conjunto de ideias num conhecimento sistêmico é uma forma de originalidade. (SIMONSEN, 1994, p. 71/72)

E após essa guerrilha de ego com o homenageado emudecido pela morte, Simonsen ocupa o palco da Ciência Econômica, terreno que lhe era íntimo e no qual transitava com desenvoltura e, reconheça-se, sem quaisquer pruridos, expondo sua própria versão da história do liberalismo ... econômico! Em dez páginas! (SIMONSEN, 1994, p. 72 a 82). *Vanitas vanitatum et omnia vanitas...*

Tratando-se aqui de buscar o semblante de um intelectual voltado à crítica das ideias, sobre literatura, sobre cultura e sobre política, parece mais apropriado ressaltar de seu último livro aquilo que pode ser indicativo, ou mesmo desdobramento dos campos de força de sua trajetória, e que permitam apreender esse intelectual em ação. Mais afeto a esse objetivo, Celso Lafer, advogado, professor da Faculdade de Direito da USP, membro da Academia Brasileira de Letras e ex-ministro das Relações Exteriores do governo Fernando Henrique Cardoso, em rápida resenha<sup>62</sup> do livro *O liberalismo antigo e moderno*, afirma logo de início: “[...] é meu desejo dizer para um público da área das ciências sociais por que considero esta obra de José Guilherme a mais equilibrada e madura de sua fecunda e instigante trajetória intelectual.”

Em seguida, Lafer analisa a “competência analítica (e) sua capacidade de síntese”, sublinhando o encontro, no livro, de *virtù* e *fortuna*:

Antecipo o meu juízo, que vou buscar substanciar nesta nota em poucas palavras, observando que neste livro *virtù* e *fortuna* encontraram-se, dando a José Guilherme oportunidade de, em função do tema, harmonizar os seus múltiplos talentos e com alto senso de proporção combinar sua competência analítica, sua capacidade de síntese e sua argúcia crítica – todas servidas por uma excepcional e sedimentada erudição – num texto elaborado que fez justiça à multiplicidade de suas virtudes e ao vigor do seu intelecto.

E aponta que foi o Merquior “crítico literário e historiador da literatura” quem sublinhou a dimensão da liberdade contemplada pela doutrina liberal como a “vocação da liberdade como *bildung* – como auto-realização da pessoa”. Daí, segundo Lafer, a comunhão entre liberalismo e romantismo na valorização do indivíduo, o que teria levado à “afirmação de Victor Hugo, evocada por José Gui-

<sup>62</sup> LAFER, Celso. “Resenha de *O liberalismo antigo e moderno*”. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_17/rbcs17\\_resenhas.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_resenhas.htm); Acesso em 16/07/17.

lherme: ‘o romantismo é o liberalismo na literatura’”.

Do mesmo modo, teria sido o Merquior “que manjava os códigos das diversas disciplinas das ciências humanas em múltiplas tradições culturais, e que tinha o sentido das diferenças,” quem realçou as causas da rica diversidade conceitual do liberalismo clássico, ao identificar “porque, no século XIX, os liberais ingleses foram basicamente economistas, epistemólogos e filósofos da moral; os franceses, historiadores e analistas políticos; e os alemães, juristas.”

Foi o Merquior “estudioso da política comparada que explica porque, nos Estados Unidos, a dimensão continental, a diversidade e a economia exigiram uma reelaboração da tradição republicana dos pequenos estados” visando “contemplar o bem das partes componentes do todo” e que resultou na “construção de instituições adequadas para a moral de uma sociedade comercial”.

Teria sido também o Merquior “historiador das ideias e escritor de talento que traçou, nesse livro, perfis intelectuais tão interessantes e explicitou em poucas palavras, sempre ‘aquém do jargão’ e ‘além do chavão’, o essencial”.

Lafer afirma ainda que a garimpagem analítica de Merquior não se perdeu em “dispersão centrífuga”, mas foi por ele associada a uma “centrípetica capacidade de síntese”, mesclando essas “duas grandes virtudes intelectuais”, com muito equilíbrio na trama da redação do livro, “que assim oferece, ao seu leitor, a percepção tanto das árvores quanto da floresta da doutrina liberal.”.

Lafer esclarece que

A tradição da razão como instrumento de uma visão crítica não conformista à qual José Guilherme estava filiado – pois afirmou o antiformalismo contra o formalismo, a racionalidade contra o irracionalismo e a modernidade contra o imobilismo da tradição – pode levar a leituras de obras, autores e períodos que ora são mais “a favor” e ora são mais “contra”.

E destaca que, a seu juízo, no

percurso de José Guilherme, a dimensão do “contra” prepondera nos livros que antecedem *Liberalism – old and new*, como é o caso de *O marxismo ocidental, De Praga a Paris – uma crítica ao pensamento estruturalista e pós-estruturalista* e *Michel Foucault ou o nihilismo de cátedra*.

Para Lafer, essa “dimensão contra” preparou “a dimensão a favor” que

permeia seu último livro. Complementa afirmando que o livro

exprime a sua visão madura das coisas e do mundo, uma vez que o pluralismo um tanto centrífugo da doutrina liberal [...] ajustou-se à multiplicidade dos seus interesses, dando consistência aos temas recorrentes de seu excepcional percurso intelectual.

E conclui apontando que

este livro é a grande expressão da generosidade intelectual de José Guilherme Merquior. Nele, com toda lealdade, teve, à maneira de Stuart Mill, por ele qualificado em justo perfil como um “santo libertário”, a “calma para ver e a honestidade para informar” o que os liberais, no trato da modernidade, realmente são, nos seus acertos e desacertos.

Antes, no texto intitulado “O liberalismo militante de José Guilherme Merquior”, em 1994, no Fórum Merquior promovido pelo Instituto Tancredo Neves, Lafer já afirmara:

Ora – e este é o meu argumento – só uma erudição abrangente – que dominava a linguagem da política, da filosofia, da literatura, do direito e da economia – e à vontade em múltiplas tradições culturais, como foi a que singularizou José Guilherme Merquior, poderia lidar com o senso de complexidade inerente ao liberalismo e à liberdade, sem incidir em reducionismos. (LAFER, 1994, p. 35/43)

O que ressuma, afinal, é que o último livro de Merquior – *O liberalismo antigo e moderno* (1990), concluído pouco antes de sua morte – expõe a maturidade do historiador, do analista, do estudioso, do pensador da Política em seu mais alto grau de abstração e complexidade.

### 6.3 Última palestra

Era dezembro de 1990. Em Paris, um homem de 49 anos, extremamente magro, embaixador do Brasil junto à Unesco, convidado para proferir a palestra de abertura do ciclo “O Brasil no Limiar do Século 21”<sup>63</sup>, se dirige ao palco. E inicia sua última palestra e derradeira aparição pública. Falou por quase uma hora,

<sup>63</sup>Também disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200107.htm>; Acesso em 01/03/18.



em francês, sem texto escrito. Percorreu a história do Brasil e a interpretou segundo os diversos projetos de Brasil, delimitando cada período: projeto da Regência, projeto do Império, o da Primeira República, o projeto de Getúlio Vargas, o de Juscelino, projeto do período militar, chegando à polarização dos projetos do PT e de Collor. A linguagem, transcrita da gravação então efetuada, é coloquial. (MERQUIOR, 1994, p.150/168)

No presente trabalho, o recorte se faz a partir da era Getúlio Vargas, quando Merquior lança a pergunta: “O que ocorreu, em última análise, sob o regime de Vargas?” Questão que enfrenta e responde:

A expansão de Estado, sobretudo a organização burocrática: os poderes do Estado se tornam, finalmente, tentaculares, do ponto de vista do controle burocrático, início da industrialização, enfim, esforços – já no fim de seu consulado – de industrialização onde certas preocupações sociais estavam presentes, pelo menos no início, e eram mais ou menos um denominador comum entre os Tenentes e os liberais, os mais à esquerda da Revolução de 30. Os senhores têm aí três traços que muito relembram Napoleão III, que é hoje em dia, uma figura histórica, submetida a uma certa reavaliação. Não se vê mais Napoleão III somente pela caricatura que dele fez Victor Hugo, vê-se-o como um bom Saint-Simoniano, certamente autoritário, mas com preocupações sociais e modernizadoras que eram pelo menos reais. (MERQUIOR, 1994, p. 162)

Aponta a participação do “império dos fazendeiros” no financiamento da renovação cultural do movimento modernista de 22:

A Antiga República, o império dos fazendeiros, para retomar a expressão de Sérgio Buarque de Holanda, foi a outra época fraca, no sentido de que uma elite agrária muito bem sucedida do ponto de vista de lucro permitida pela renda agrária, é finalmente capaz, seja de financiar os inícios da industrialização (porque é preciso descartar, absolutamente, as teses de um marxismo vulgar, que consistiam sempre em apresentar a industrialização como um fenômeno burguês, contra o patriciado agrário, uma vez que a metade, ou (pelo, se não mais do financiamento da industrialização inicial brasileira vinha precisamente da renda agrária), seja, por outro lado de financiar também nossa renovação cultural, porque o modernismo e tudo aquilo no Brasil dos anos 20 vem das elites de São Paulo que tinham ainda a hegemonia social e política no meu país. (MERQUIOR, 1994, p. 163)

Após, adentra no período democrático depois da queda de Vargas – governo no Juscelino *Kubitschek*:

E como definir esse centro nitidamente sinalizado pelo governo enérgico, brilhante e criativo de Kubitschek. Bem, trata-se, finalmente, de uma espécie de “bis-

marckismo mitigado”. Na época, certos jovens intelectuais muito brilhantes empregavam a palavra. Quer dizer que necessitávamos de um Estado, uma espécie de pacto de dominação modernizante cujo modelo teria podido ser um Estado promotor de desenvolvimento com as características japonesas e alemãs, se pensa naturalmente, no século passado, na Revolução Meiji e na época bismarquiana. (MERQUIOR, 1994, p. 163)

Faz a crítica contundente do efeito perverso do *bismarckismo juscelinista*:

Mas infelizmente para este efeito ao bismarckismo (e é por isso que eu falo de bismarckismo muito mitigado) foi financiado pela inflação. Finalmente, ele colocou de pé este elemento diabólico que desde então naturalmente, nos assombra e nos esgota, a inflação. O nascimento da inflação crônica do Brasil data pelo menos deste período, porque era necessário fazer de forma que nenhuma das classes dominantes no jogo político da época pagasse a conta. A inflação era a fórmula mágica que permitia que nem os operários, nem os empregadores, nem mesmo o Estado naturalmente, pagasse a conta. Isso representava senão o sacrifício de outras camadas; pelo menos o de outras possibilidades de desenvolvimento, como por exemplo um desenvolvimento agrário muito mais expressivo. Mas isto foi uma fórmula irresistível e, infelizmente, ela se enraizou e nós sabemos até que ponto. (MERQUIOR, 1994, p. 164)

Penetra no período que chama de “a modernização autoritária do período seguinte, a partir de 1964”. E coloca uma questão, ainda hoje, controversa:

Uma questão historiográfica de primeira importância: esta modernização autoritária teria nascido da luta de classes, como propôs em vários escritos, várias interpretações, seja a época, seja um pouco mais tarde? Ou, ao contrário, de um impasse político que tinha seus condicionamentos sociais, seguramente, mas que se caracterizava sobretudo por uma falência do modelo democrático[...]? (MERQUIOR, 1994, p. 164)

Não se furta em dar sua visão acerca daquele período:

[...] no fracasso total do populismo lamentavelmente epigônico de João Goulart, que experimentava as fórmulas que Vargas havia utilizado, seja porque ele tinha genialidade política, seja porque o meu Brasil era completamente outro; mas que não tinha nenhum sentido, serem repetidos trinta anos mais tarde em um Brasil já semi-industrializado e muito mais urbanizado da época de Goulart. (MERQUIOR, 1994, p. 164)

E aporta naqueles “dias atuais” – dezembro de 1990 – mais uma vez questionando: “Hoje em dia, e essa é certamente a minha última pergunta, o que há como esboço de projetos nacionais?” E faz a crítica do que chama de “república sindicalista”:

Atualmente nós temos em uso um projeto de República sindicalista que é a resposta de certos meios – de homens políticos, de sindicalistas, e de muitos renomados intelectuais, ao capitalismo de elites, ao capitalismo tal qual ele se apresentou até nossos dias no contexto brasileiro. (MERQUIOR, 1994, p. 165)

Apresenta, então, o projeto alternativo, um projeto

[...] em direção a um neo-capitalismo produtivo que é o contrário do capitalismo sobretudo especulativo que a cultura da inflação estava fazendo enraizar entre nós. Portanto, se trata de buscar um neo-capitalismo produtivo e, não mais sobretudo especulativo, que significa aliás o esgotamento de um Estado produtor, de um Estado cuja presença na economia sempre foi muito forte em todas essas décadas de industrialização e que deve também significar necessariamente o fim do “Cartorialismo”: esta relação simbiótica entre o “senhorialismo” capitalista e o Estado patrimonial que sempre deformou a expansão de nosso capitalismo. (MERQUIOR, 1994, p. 165)

Lança o olhar para a frente, apresentando perspectivas imediatas:

Primeiramente o futuro exige uma refuncionalização do Estado. Eu diria que no Estado, onde o papel na prática e não na retórica oficial foi sobretudo até aqui o papel de um Estado diretamente produtor em vários setores, deve-se falar de um outro modelo onde o Estado seja sobretudo não mais produtor, não mais produtor direto, mas ao mesmo tempo promotor e protetor. (MERQUIOR, 1994, p. 165)

“Promotor do quê? Protetor de quem?” Ele esclarece:

Promotor certamente de estratégias globais de desenvolvimento, porque há uma enorme diferença entre os sonhos neo-liberais de quase eliminação do Estado e das funções na minha opinião, ainda mais evidentes e tão necessárias do mesmo Estado e certas definições estratégicas quanto ao futuro de nossa Economia e de nossa sociedade. Não se pode simplesmente demolir o Estado e eu não falo simplesmente do Estado enquanto ordem jurídica, enquanto ordem legal. Eu falo também do Estado enquanto que Estado Dux [...]. (MERQUIOR, 1994, p. 165/166)

Faz a diferenciação entre o estatismo e o Estado Dux, explicitando o que seria o Estado Promotor:

[...] nós não podemos renunciar ao Estado Dux, o que nós devemos descartar é o Estatismo, que é um outro fenômeno. Mas a abolição do Estatismo (e aí eu declaro francamente, sem ser partidário nem advogado desta idéia) não tem nada a ver com a simples e sumária eliminação, aliás quimérica do Estado Dux, quer dizer, Estado estrategista. Consequentemente Estado promotor, sim. Estado produtor? Não. Mas Estado protetor destas imensas camadas da população brasileira que

ainda vivem sem teto, sem alimentação apropriada, sem escola e sem acesso à Justiça. (MERQUIOR, 1994, p. 166)

Acerca da Justiça, seu diagnóstico, passados vinte e sete anos, traduz uma ferida ainda hoje aberta no corpo da Nação:

[...] temos, é bem verdade, um sistema judiciário tão desenvolvido quanto os demais – mas o acesso real, prático e eficaz da população a este sistema continua sendo uma mentira – portanto estas quatro dimensões devem ser imediatamente salientadas nos grandes desafios sociais brasileiros, e isto não pode ser feito sem o Estado. Ainda uma vez, os recursos que foram, não somente empregados, mas desperdiçados pelo Estado produtor (produtor aliás, em grande parte ineficaz) devem ser redistribuídos, reorientados no sentido do Estado protetor. (MERQUIOR, 1994, p. 166)

Intellectual preocupado com a Cultura, seu olhar se amplia e contempla aspectos que extrapolam o meramente político, em direção a outros espaços, no entendimento largo da integração entre as Nações:

Eu direi para terminar que nós saímos (se permitiam, é uma observação cultural para fechar tudo o que acabo de falar) ao final deste primeiro século de República, de um grande tema cultural, entre nós como entre nossos vizinhos da América espanhola, quer dizer a problemática da identidade nacional, que era tão normal e legítima há uma certa época e que era mesmo necessária para nos dar a consciência de nossa realidade, seja étnica, seja cultural, seja religiosa, filosófica. Em termos de psicologia coletiva, era absolutamente necessária, mas isso correspondia a um momento determinado de nossa formação como nação modernizante. E agora, digamos um meio século mais tarde, porque os principais esforços daquela época correspondem a obras como as de Gilberto Freyre, nós estamos a ponto de deixar esta problemática, de deslocá-la simplesmente em direção a uma nova problemática que já é a problemática não mais da identidade, mas da integração. (MERQUIOR, 1994, p. 167)

E finaliza por fazer a junção das ideias liberais com a preocupação social, no desiderato do social liberalismo que tão constante e enfaticamente defendeu:

[...] e integração a que e de quê? Bem, integração das massas a níveis de conforto e de prosperidade, tarefa que não se pode mais adiar. Integração regional, quer dizer, latino-americana que felizmente se encaminha cada vez mais para resultados finalmente concretos e integração às grandes correntes e aos dinamismos da economia “Mundo”, para empregar uma palavra braudeliana, quer dizer da economia internacional. Eu vejo estes três níveis que naturalmente precisam ser articuladas como os três grandes domínios onde o esforço de integração (e não mais a busca de identidade) vai determinar o que há de melhor nas preocupações e mesmo nas angústias do espírito brasileiro neste momento. (MERQUIOR, 1994, p.167/168)

A vocação para as amplas reflexões históricas e políticas, em germe no jovem orador da turma de formandos do Instituto Rio Branco, se aperfeiçoara, refinara, se cumprira. E se mostrava no intelectual maduro, naquele painel de Brasil: no plano da política em confronto com a realidade, Merquior expôs as doutrinas e filosofias que engendraram o Brasil, num exercício de análise e síntese que poucos ousaram empreender. Segundo o professor Castro Rocha “uma inesperada autobiografia intelectual”, ou “No fundo, seu testamento”. (MERQUIOR apud ROCHA, 2014, p. 322)

#### **6.4** **Liberalismo merquioriano**

À vista do acima exposto parece evidente sua temporã inscrição ao ideário liberal. E seus posteriores estudos, bem assim sua experiência vivida, o conduziram ao refinamento desse ideal, o escoimando dos arroubos juvenis, percebendo e adentrando em suas filigranas e nuances, detectando e eliminando eventuais restos de quaisquer origens. Devido às características de seu raciocínio, não se deixava capturar por dogmatismos, nem se encantar por qualquer ideia que rescendesse a um pensamento mágico, utópico. Sua adesão ao liberalismo social passa, inevitavelmente, pelo seu apego à racionalidade, seu conhecimento da história, pela capacidade de perceber a realidade empírica concreta, os fatos observáveis, sem tentar constringer-los a qualquer dogma, e pela habilidade de deles extrair conclusões lógicas e inteligíveis.

Segundo Rouanet, Merquior considerava que uma doutrina econômica/política – que afinal decide o destino das populações mais desvalidas – não pode se sustentar em pré-conceitos sem qualquer arrimo na realidade observável ou na experiência dos povos, engendrada e defendida por uma elite sonhadora e ávida pelo poder. Para ele, o capitalismo era sim superior, em seus resultados históricos, à alternativa socialista/comunista, que então apresentava – e não mudou – resultados pífios, sejam econômicos, sejam na esfera das liberdades e dos direitos individuais. Todavia, procurava equilibrar a ênfase na liberdade (do cidadão e do mercado), preconizada pelo capitalismo liberal, e a ênfase na igualdade social, defendida pela utopia marxista, na tentativa de não permitir que a política nacional recaísse no estatismo das ditaduras comunistas – URSS, Cuba, Coreia do Norte,

China –, mas tampouco no darwinismo social de um Estado de intervenção mínima. (ROUANET, 1994, p. 27/28)

Ainda conforme Rouanet, na grande revolução europeia da década de 1980/90, cuja face mais aparente foi a queda do muro de Berlim logo seguida pela debacle da URSS, Merquior não viu essencialmente uma luta a favor do capitalismo, mas sim contra a tirania totalitária. (ROUANET, 1994, p. 28)

Para Merquior, no mundo inteiro a esquerda lúcida e moderna já havia entendido que as políticas sociais só são possíveis graças à criação de riqueza, riqueza somente sustentável com o bom funcionamento do capitalismo. A falta de liberdade econômica, afirmava, conduz inevitavelmente ao autoritarismo, à ineficiência e à pobreza. (ROUANET, 1994, p. 26/27/28)

Vê-se que suas críticas são confirmadas pela história da antiga URSS, pela reviravolta na China comunista, e, ainda hoje, se aplicam a certos governos da Ásia, da América Latina e da África – vide Coreia do Norte, Cuba, Venezuela e Zimbábue.

Conforme relata Rouanet, Merquior considerava essencial a democracia política. E partilhava a preocupação com a igualdade – de liberais modernos como Norberto Bobbio e John Rawls – afirmando ideias e posições por vezes ignoradas por alguns liberais, quais sejam: a uma, que sacrificar a liberdade política para assegurar a economia de mercado, como se fez no Brasil durante a ditadura militar e no Chile de Pinochet é uma grosseira falsificação do liberalismo; e, a duas, que a liberdade política será sempre precária sem a efetiva busca pela igualdade de oportunidades. (ROUANET, 1994, p. 27/28)

Em *As ideias e as formas*, em 1981, já assim se posicionava:

Num país com as nossas carências de capitalização e de serviços sociais, o anties-tatismo sistemático não tem como ser um combate liberal, pelo simples motivo de que sua aplicação atrofiaria ou imobilizaria no Estado um dos principais, senão o principal instrumento de criação efetiva de liberdades – de oportunidades concretas de vida e de avanço para a maioria esmagadora da população. A crítica “liberal” que não tem olhos para ver isso não é crítica – é preconceito; não visa a promover a liberdade – visa a preservar o privilégio. [...] De muitos neoliberais modernos se poderia dizer que julgam bom tudo que se faça contra o estado – sem lembrar que precisamos do estado, inclusive para criar uma robusta sociedade civil. O bom combate liberal não é contra o estado – é contra certas formas de apropriação do estado. (MERQUIOR, 1981, p. 29)

Todavia, sua proposta de *liberalismo social* para a superação das dificuldades estruturais brasileiras foi relegada à vala das “ideias fora do lugar” no pensamento social brasileiro. Quem sabe devido a uma opção ideológica, adotada por intelectuais e atores sociais a partir da ditadura militar, que se sentiram obrigados a uma atuação mais como reguladores do que provedores do saber. Celso Lafer, no *Memorial crítico*, afirma

[...] Durante muitos anos e isto é sabido – O esforço da esquerda para organizar a cultura a partir da expansão hegemônica de sua perspectiva – misoneisticamente estruturada em torno da obra de Marx – teve como subproduto a forte presença na discussão pública de uma “vulgata” marxista. (LAFER, 1994, p. 35)

E assim, os mais variados sofismas herdados do maniqueísmo político que se formou naquele período deixaram como herança, no ideário popular, muitos vícios de raciocínio mediante a propagação taxativa de clichês de impacto ideológico. O eco das meia-verdades de aparência coerente alimentou, e ainda alimenta, as discordâncias e impede abordagens mais consistentes. Contudo, o saber (lógica do conhecimento) e a história (lógica da experiência) não podem ser negados indefinidamente. Nesse diapasão, as palavras de Heidegger na citação inicial feita por Merquior no livro *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin* (1969): “Nenhuma época se deixa afastar por uma simples negação. A negação elimina apenas o negador”.

Agora, em 10/12/2015, passadas mais de três décadas daqueles anos de 1981, o professor José Arthur Giannotti foi entrevistado no programa *Diálogos com Mário Sérgio Conti*,<sup>64</sup> exibido pelo canal de TV cabeada GloboNews. O assunto em foco foi a política brasileira, nesses tempos conturbados, em que tramitava o processo de *impeachment* contra a presidente Dilma Rousseff, as investigações e julgamentos das chamadas operação “Lava-Jato” e “Zelotes”, com a economia nacional padecendo uma de suas piores crises no século atual. E Giannotti se autoidentificou como voz de certa esquerda que não comunga do populismo latino-americano, em fase de franco esgotamento nos últimos anos. Para Giannotti-

<sup>64</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=JTz1\\_1kdJS0&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=JTz1_1kdJS0&feature=youtu.be); Acesso em 27/01/18.

ti, as políticas sociais, necessárias em países como o Brasil, só são possíveis graças à criação de riqueza, e apenas sustentáveis, hoje, com o bom funcionamento do capitalismo.

Mais recentemente, em 04/09/2017, na *Folha de São Paulo*, Giannotti declarou: “Outro dia vi o programa do PSOL e pensei que estivesse no século 19. [...]. Não temos estrutura para produzir a tecnologia necessária para o capitalismo moderno.”<sup>65</sup>

O alinhamento das atuais posições de José Arthur Giannotti com as pretéritas reflexões de Merquior já desde os anos 1980 parece confirmar aquela “vocação para as coisas mentais” assinalada por Antonio Candido, e sugere a pertinência e a atualidade do liberalismo social defendido por Merquior, sinalizando a trilha por onde se encaminha o pensamento ocidental no debate da política e da economia na atualidade.

---

<sup>65</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1915556-o-psdb-morreu-nao-e-mais-um-partido-diz-giannotti.shtml>; Acesso em 23/02/18.



## 7

### Um semblante intelectual

*O autor compõe. O público interpõe. O crítico decompõe. Mas a obra dispõe. (MERQUIOR, 1972, A astúcia da mimese)*

Finalizados os primeiramente, hora de iniciar os finalmente: elaborar um perfil intelectual de Merquior. Tarefa complexa. Se uma vida fosse tão somente os dados anotados na identidade e no currículo, poder-se-ia exibi-los e afirmar “Eis o intelectual”. Todavia, na intertextualidade que o tempo atrai, constrói e sedimenta, ao caminhar da longa e sinuosa estrada, uma vida se estilhaça e ubíqua-se. Na solidão povoada dos cacos de si mesmo, cada homem caminha ao ritmo do mover incessante do solo existencial, irrigado por todos os livros já lidos, pelos lugares percorridos, e pelas inúmeras outras vidas que com ele se cruzam e entrecruzam.

O presente trabalho, divorciado das certezas acadêmicas de antemão já consagradas, sobrevoou variados marcos da trajetória do intelectual Merquior: alguns dados biográficos, o início da jornada na pele do púbere crítico literário, o desembarque do juvenil diplomata na Europa, a forma e algumas ideias do desabusado crítico cultural, polêmicas de ideias e embates ideológicos, passeou pelas reflexões do estudioso da política e pelas maduras previsões do defensor do liberalismo social. Ou seja, o traço de sua “persona” intelectual poderia se dar sob diversos ângulos, decalcado sob variadas e múltiplas facetas, através de inúmeros eixos narrativos. E sempre se poderá dizer que o ângulo escolhido serve a uma determinada tese. Certamente, aqui não será diferente.

Na incerteza de qual via adotar, faz-se pertinente o prudente conselho de Raymond Aron. Disse o historiador francês que, na hipótese de haver dúvida quanto à própria genialidade, o melhor para compreender um autor é começar pelo modo como ele, o autor, se definia.

Naturalmente, pode-se sempre dizer que um grande pensador se equivocou a respeito de si mesmo, e que os textos essenciais são justamente os que ele não teve interesse em publicar. Mas é preciso estar muito seguro da própria genialidade para ter certeza de compreender um grande autor de modo tão superior ao do próprio autor. Quando não se está tão certo da própria genialidade, é melhor começar compreendendo o autor do modo como ele próprio se compreendeu. (ARON, 1993, p. 134)

E assim, unindo a sensatez à cautela, nessa “biografia intelectual” acolhe-se a orientação de Aron, e inicia-se dando a palavra ao próprio Merquior, eis que seus prefácios e apresentações são como instantâneos fotográficos e, ainda que em preto e branco e amarelecidos pelo tempo, neles se podem detectar “fragmentos autobiográficos”, como, por exemplo, em *A natureza do processo* (1982):

[...] o autor não deixa de considerar este livro um reflexo de algumas das preocupações mais vivas de sua geração – uma geração condenada a aprender, na velhice do século, as lições que a história contemporânea já permite extrair da longa emulação de sistemas sociais no nosso tempo. (MERQUIOR, 1982, p.10)

Também o faz em abril de 1981, no discurso de agradecimento pelo prêmio recebido do PEN Club, cerimônia à qual não pôde comparecer, mas lido em seu nome pelo colaborador José Mário Pereira:

Ensaísta que procura não fugir às necessárias tomadas de posição, e insiste em exercer a escrita como discurso eminentemente crítico e autocrítico, não posso deixar de receber a distinção tão expressiva com o sentimento de que o combate por uma literatura menos formalista, mais racional e mais humana, não é uma luta vã – embora seja travada contra várias das mais poderosas mitologias da nossa época.<sup>66</sup>

Em 11/3/1983, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, após relatar que seu pai recitava aos filhos os versos de I-Juca Pirama, de Gonçalves Dias, Merquior produz umas de suas “tiradas”, reveladora de um humor fino e irreverente: “Já vedes portanto, que minha entrada em Literatura se deu na fase oral; não exatamente naquela conceituada por Freud e, no entanto pejada da mesma carga afetiva...”

Ao final daquele discurso na ABL, rascunha mais uma de suas facetas ao interrogar afirmativamente “Mas, afinal, que seria das academias, se elas não nos proporcionassem as ocasiões por excelência para os encontros da mente ao longo do tempo?”.

E, no encerramento, apresenta um pleito sob a forma de confissão. Que, hoje, pode repercutir como um repto:

<sup>66</sup> PEREIRA, José Mário. “O fenômeno Merquior” In SILVA, Alberto Costa e. (org.) *O Itamaraty na cultura brasileira*. Instituto Rio Branco, Brasília, 2001. Disponível em <http://old.olavodecarvalho.org/convidados/0122.htm>; Acesso em 13/01/18.

Venho a vós na certeza de que o diálogo, mesmo na eventual divergência, é a via régia do conhecer e da paixão que me anima: a paixão de compreender. O prêmio da vida acadêmica não é a discordância sem discórdia?<sup>67</sup>

Em outra ocasião, respondendo ao crítico literário Wilson Martins, Merquior explica e ironiza a própria erudição:

Minha famigerada erudição, já cansei de insinuar, mal passa de uma ilusão de ótica. Na maioria das vezes em que é indigitada, ela parece refletir apenas a ignorância dos que a acusam. Será minha culpa se, em nosso meio intelectual, volta e meia ainda se valoriza mais a sacação do que a fundamentação, o palpite de que o argumento, a alegre usurpação de idéias alheias do que o cuidado em identificar tradições de pesquisa e linhagens de pensamento?<sup>68</sup>

Nas páginas introdutórias de *Crítica*, em 1990 – que reviu no México e lhe provocava recordações dos primeiros anos de atividade – declarou: “Meu trajeto ideológico foi passavelmente errático até desaguar, nos anos oitenta, na prosa quarrentona de um liberal neo-iluminista.” (MERQUIOR, 1990, p.1)

Em seguida, admite as mudanças que o tempo e a maturidade introduziram em seu sistema de valores:

[...] Meu quadro de valores mudou muito, especialmente no que se refere à atitude frente às premissas estéticas e culturais do modernismo europeu, berço da doxa humanística de nosso tempo. (MERQUIOR, 1990, p. 2)

Rigorous e crítico sobre o próprio trabalho, expõe-se ao expor o porquê da não inclusão naquela coletânea dos textos da juventude, sua “juvenília”: “Barrei sem remorso a minha juvenília. Como dizia meu saudoso amigo Murilo Mendes, precisamos ser contemporâneos, e não apenas sobreviventes, de nós mesmos.” (MERQUIOR, 1990, p.1)

Ainda sobre seus antigos ensaios, revela-se um pouco mais:

Na época, os artigos nada indulgentes de minha coluna de crítica no SDJB, “Poesia para amanhã”, incomodavam bastante vários versejadores. Hoje receio que

<sup>67</sup>Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jose-guilherme-merquior/discurso-de-posse>; Acesso em 23/12/17.

<sup>68</sup>Disponível em <http://www.rdpizzinga.pro.br/livros/zzzmerquior/zzzmerquior.htm>; Acesso em 22/02/18.

eles incomodem principalmente o próprio autor, menos pela contundência que pela sua superficialidade. (MERQUIOR, 1990, p.1)

Em novembro de 1990, já ciente do câncer que o mataria, Merquior redigiu seu último texto, uma homenagem ao jurista e filósofo Miguel Reale. A análise que então fez da cultura na contemporaneidade reafirma sua convicção na necessidade do diálogo como forma de resolução de conflitos:

Como a sociedade, a cultura vive em conflito – até certo ponto, do conflito [...]. O sonho neocatólico de uma re-harmonização dos valores não se afigura capaz de enraizamento na cultura moderna. O pluralismo, que Reale sublinha, não leva ao consenso; a dissonância é inerente à sociedade aberta e, tudo indica, à alma contemporânea.<sup>69</sup>

No último artigo publicado no jornal *O Globo*, “O sentido de 1990”, em 30 de dezembro daquele ano, criticava o famoso ensaio de Francis Fukuyama, e sua equivocada tese do “fim da história” por conta da queda do Muro de Berlim, e pode ser lido como a confissão da crença de Merquior na imprevisibilidade da história:

No epílogo das cinco estações entre o verão setentrional de 1989 – a chamada “revolução de 1789” – e o aprofundamento da crise do Leste europeu, a que se veio somar o conflito do Golfo, a fermentação política desse inquietante virar-a-década soa como um desmentido brutal à tese do ex-diretor-adjunto de planejamento no Departamento de Estado, Francis Fukuyama, sobre “o fim da história”. E que desmentido, se considerar a presunção profética desse harvardiano transformado em tecnocrata das relações internacionais! A história continua quente, nem há dúvida – quente, explosiva e imprevisível. Em vez de assistirmos ao seu fim, o que estamos é testemunhando a agonia do historicismo: a morte – já vai tarde! – das arrogantes teorias de uma lógica da história.<sup>70</sup>

Como qualquer outro intelectual, não era infenso às influências e simpatias, e utilizava seu inegável domínio da língua para “recusar admirando”, técnica que amiúde usou em relação a Walter Benjamin, de que é exemplo a mais terna e delicada referência ao pensador alemão em *O marxismo ocidental*:

[...] ele foi, toda a vida, um solitário, um desajustado entre os eruditos e um re-

<sup>69</sup>MERQUIOR, José Guilherme. “Situação de Miguel Reale”. In LAFER, Celso e FERRAZ JR., Tércio Sampaio (coords.). *Direito, política, filosofia, poesia: estudos em homenagem ao professor Miguel Reale*. São Paulo: Saraiva, 1992. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25562/27306>; Acesso em 23/02/18.

<sup>70</sup>ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. “Dez anos sem José Guilherme Merquior” Mesa-redonda realizada na ABL em 04/10/2001. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf>; acesso em 22/02/18.

belde entre os radicais – uma espécie de *poète maudit* do pensamento, cuja prosa lúcida e sedutora brilha como uma joia rara em meio à prolixa papelada do marxismo ocidental. (MERQUIOR, 1987, p.166)

Essa curta passagem demonstra não só a complexidade de seu espírito e a generosidade intelectual com aqueles a quem apreciava, como também espelha um lirismo tímido e recatado.

Tentando reconstituir a mobilidade e a interação do intelectual quando vivo, parece pertinente trazer o que dele disseram aqueles que, intelectuais também, o orientaram em alguns trabalhos, bem como aqueles por quem nutria especial admiração: “Merquior foi um dos espíritos mais vivos e mais bem informados de nosso tempo.” (Claude Lévi-Strauss) <sup>71</sup>.

A sua erudição era de fato extraordinária: a sua grande paixão era a história das ideias e o desenvolvimento do pensamento acerca do homem e da sociedade, e, nestes campos, ele fez questão de se assegurar que tinha lido e compreendido tudo. É de duvidar que algo lhe tenha escapado. (Ernest André Gellner) <sup>72</sup>.

Necessário ouvir aqueles que com ele conviveram desde a juventude:

[...] a literatura e as ideias para ele contavam mais que o resto. A sua conversa inesgotável, sempre interessante e civilizada, que jorrava como uma força da natureza, era um espetáculo memorável. (Roberto Schwarz) <sup>73</sup>

[...] quase nunca me aconteceu de ter mencionado um livro que ele não houvesse lido [...] Acho que ele foi o primeiro crítico conservador do marxismo no Brasil que efetivamente leu Marx [...] Sinto falta dele. (Leandro Konder) <sup>74</sup>

No mesmo artigo, as palavras de Carlos Nelson Coutinho: “Com a morte de Merquior, nós, marxistas, perdemos um ótimo interlocutor”.

Sobre sua figura humana, e seu humor, versa o depoimento de José Mário Pereira, na mesa-redonda realizada pela Academia Brasileira de Letras. <sup>75</sup> “Quem o via esgrimindo em público, ou lia suas muitas diatribes, não tinha a menor idéia

<sup>71</sup>Disponível em <http://estudante.ufpe.br/2016/05/12/jose-guilherme-merquior-e-tema-de-debate-e-exibicao-na-editora-ufpe/>; Acesso em 01/03/18

<sup>72</sup> Disponível em <http://www.rdpizzinga.pro.br/livros/zzzmerquior/zzzmerquior.htm>; Acesso em 25/02/18.

<sup>73</sup> SCHWARZ, Roberto. “Atrevido, Merquior foi uma figura central”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671790-atrevido-merquior-foi-uma-figura-central.shtml>; Acesso em 01/03/18.

<sup>74</sup>SINGER, André. “O enigma Merquior”, *Mais, Folha de São Paulo*, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200105.htm>; Acesso em 15/02/18.

<sup>75</sup> Disponível em ([www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf](http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf))

do homem gentil, afetuoso e dado a boas gargalhadas (“riso erasmiano”, como notou Sérgio Paulo Rouanet) que ele era.”

Colhe-se também o amistoso agradecimento de Murilo Mendes, datado de Roma (19.11.72), pelo recebimento do novo livro de Merquior, *A astúcia da mímese*<sup>76</sup>.

Querido José Guilherme,  
Tenho tanto que lhe agradecer, muito, muito, muito, e tantas desculpas que lhe pedir, pela falta de cartas. [...]  
Gratíssimo pelo cartão e pelo grande livro que é *A astúcia da mímese*, pelo magnífico estudo sobre o “Texto délfico” e o outro, idem, sobre a “Pulga parabólica” [...] Estou muito feliz pela atenção que você dá aos meus papéis: isto representa para mim um diploma, vindo de quem vem.  
Gratíssimo, íssimo, íssimo.

O testemunho de Luiz Costa Lima, professor da PUC-Rio, em e-mail enviado a José Mário Pereira, em 23/04/2001, deve integrar esse esboço/mosaico:

José Guilherme foi a primeira pessoa com quem tive contato pessoal, ao chegar do Recife, cassado em outubro de 1964. Embora soubéssemos, um e outro, que nossa situação era mutuamente delicada, nunca evitamos nenhuma conversa ou tivemos qualquer atrito. Lamentavelmente, o país que o repudiava levianamente, sem saber aproveitar o talento raro que era o seu, continua, apenas com outros nomes, no mesmo clima de superficialidade. E, assim, eu que durante muito tempo lamentei que José Guilherme tivesse seguido a carreira do Itamaraty, vejo que não teríamos intelectualmente ganho mais com ele caso ele tivesse seguido uma profissão outra<sup>77</sup>.

Do mesmo modo, forçoso é incluir trechos do emocionado depoimento de Sérgio Paulo Rouanet, na mesa-redonda da ABL em 2001, contando “causos”, histórias de coxia e bastidores, úteis para o delineamento do contorno intelectual de Merquior.

Lembro-me de que, antes mesmo de eu conhecer o Leandro, José Guilherme já falava muito dele. Quando houve o golpe militar de 64, eu e José Guilherme estávamos preocupados com o que pudesse nos acontecer no Itamaraty: comissões de inquérito, expurgos, etc. Lembro-me de uma conversa que tivemos na casa de Renato Archer. Eu disse a José Guilherme: – Você não conhece alguém que possa te ajudar? Você conhece tanta gente, tem uma facilidade comunicativa tão grande, você é tão gregário. Certamente você conhece muita gente de esquerda, mas deve conhecer também muita gente conservadora, que nesse momento pode ser extremamente útil. Ele, então, respondeu assim: – Você sabe que o meu azar é

<sup>76</sup>Ibidem nota 75 deste capítulo.

<sup>77</sup> SCHWARZ, Roberto. “Atrevido, Merquior foi uma figura central”. Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671790-atrevido-merquior-foi-uma-figura-central.shtml>; Acesso em 01/03/18.

este. Um dos hábitos das famílias brasileiras, das famílias grandes, tradicionais, é que uma ala é conservadora e a outra é uma ala de esquerda. Pois eu só conheço a ala de esquerda dessas famílias conservadoras. Então eu perguntei: – Que família, por exemplo? E ele: – Por exemplo, a família Konder. Eu gostaria de conhecer o Konder Reis (que depois veio a ser governador de Santa Catarina pela Arena). Em vez disso, eu sou amigo do Leandro Konder. Veja você o meu azar.

Rouanet revela uma das divertidas “tiradas” merquiorianas:

Fui iniciado em Gramsci por José Guilherme, mas foi Leandro que iniciou José Guilherme no filósofo italiano. Ao me explicar a importância de Gramsci, José Guilherme, rindo muito, disse: “Este meu amigo (Leandro) tem uma frase assim: é preciso gramscianizar o Brasil. Evidentemente o que ele quis dizer com isso é que é preciso gramscianizar o Comitê Central.”

E conta um “pecadilho”, penitenciando-se através da “confissão”:

Com relação a alguns episódios do meu convívio intelectual com José Guilherme, já me referi à nossa polêmica sobre Foucault. Mas isso foi muito depois da entrevista que nós dois fizemos com o filósofo de *Les mots et les choses*. A entrevista foi idéia de Eduardo Portella. Ele nos tinha feito uma encomenda específica, que procurássemos Foucault e realizássemos uma entrevista para ser publicada na revista *Tempo Brasileiro*. Lembro-me perfeitamente que eu estava nervosíssimo, o meu francês bastante inseguro, e o francês de José Guilherme, absolutamente impecável. Ele e Foucault falaram o tempo todo, disse as coisas mais brilhantes e mais impressionantes, enquanto eu balbucieiei meia dúzia de coisas ininteligíveis. Mas, depois, como coube a mim a tarefa de *editing*, eu arrumei tudo de uma maneira tão tendenciosa que dei a impressão de que as minhas perguntas tinham sido tão inteligentes quanto as de José Guilherme. Foi uma falsificação, porque as únicas coisas inteligentes da entrevista foram as ditas por Foucault e por José Guilherme Merquior.<sup>78</sup>

Um perfil de Merquior não pode prescindir da colaboração preciosa de Leandro Konder, fraterno amigo desde a juventude, em depoimento na mesma mesa-redonda da ABL aos dez anos de falecimento de Merquior:

Então, acho que foi o único período de minha vida em que fiz sugestões de leitura a José Guilherme Merquior, indicando livros que ele não tinha lido. A partir daí todas as vezes que eu falava num livro, ele já o tinha lido. Nessa ocasião fiquei muito impressionado com a erudição dele. Ele escrevia artigos de crítica de poesia, onde era imbatível. Escreveu sobre um poeta da Geração de 45 dizendo que ele pretendia ser um canto de cisne dessa geração, mas na verdade era um “canto de marreco” da Geração de 45. Era uma das muitas maldades brilhantes que ele fez.

<sup>78</sup>Disponível em [www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf](http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf)

Konder relembra os anos anteriores a 1964, início de sua amizade com Merquior, e o “pós” 64, quando ambos foram chamados a “se” explicar:

Então eu lhe disse: – Você tem que dar um curso de Estética. E o lugar disponível era o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros, que funcionava em Botafogo. Depois, em 1964, foi devidamente fechado. Abriram um IPM e eu fui chamado para depor.

Prossegue sempre questionando a relação de Merquior com o marxismo:

Era muito curioso vê-lo, de repente, acusado de comunista, porque ele não era comunista, nunca foi. Mas, de repente, esse interesse dele pelas idéias de Marx e por alguns autores marxistas – aí tenho até uma dúvida, não sei se concordo inteiramente com a abordagem feita aqui pelo meu querido José Mario Pereira, quanto à relação de José Guilherme com o marxismo. É claro que ele se afastou do marxismo, que assumiu uma postura mais crítica, mas ao mesmo tempo é sintomático que ele volte a ler autores marxistas. No último livro publicado em vida dele, uma antologia que saiu pela Nova Fronteira, a última citação, na última página, é de um autor marxista, que é Antonio Gramsci.

Voltando ao passado, Konder relembra a “efervescência natural, verdadeira”, do amigo: “A última vez que nos encontramos foi em Munique. Havia nele sempre aquela efervescência natural, verdadeira.” Também aponta o que chama de “saudáveis aventuras espirituais”, pontuando o quão eram instigantes e desafiadoras:

Ele encontrou um desaguadouro natural na perspectiva liberal, como ele próprio explicita em seus últimos anos de vida, que o ajudou a organizar as idéias com uma coerência, uma consistência mais densa. A busca o deixava muito propenso a saudáveis aventuras espirituais, mas ao mesmo tempo dificultava a leitura do que ele escrevia, na medida em que havia essas mudanças de perspectiva, com reflexo na avaliação crítica que ele fazia de determinadas idéias e de determinados autores. Eu mesmo tinha dificuldade de acompanhar isso, mas acompanhava e percebia que a cada aventura correspondia um enfoque novo, instigante, desafiador. Isso me fascinava muito.

Pontua a intolerância maniqueísta das “patrulhas ideológicas”:

Freqüentemente fui interpelado, naquele clima patrulheiro que nós conhecemos. Diziam: – Você é amigo desse cara?! É um direitista! – Eu dizia: – Não sei se é um direitista ou não. Sei que é um crítico extraordinário e eu aprendo muito com ele. Aprendo mais do que com autores com os quais eu concordo.

E traz também uma história de coxia, relatando o que chama de “minha úl-



tima crise de leninismo agudo”:

Lembro-me de que tive minha última crise de leninismo agudo numa ocasião em que estávamos em Bonn, eu era um exilado de sobrevivência dificultosa, com falta de dinheiro, e José Guilherme estava lá, na Embaixada, e me convidava generosamente para comer a comida da D. Hilda, que era uma coisa extraordinária. Eu ia e, para mostrar que não me deixava corromper, comia a comida da D. Hilda, bebia o uísque escocês do Dr. José Guilherme e continuava fazendo meu discurso radical. Uma vez estava o Fernando Pedreira de passagem por lá. José Guilherme disse-me: – Vem cá. O Fernando Pedreira tem um papo muito divertido, interessante. – Fui para lá jantar e tive essa crise de leninismo agudo, quando percebi que os dois começaram a falar da importância de Marx. Aí pensei: estão roubando o meu tema. E disse: – Vocês livram a cara de Marx porque ele é um filósofo, vocês o leram e o conhecem bem. E Lenin, que destruiu a classe de vocês, o revolucionário que fez a revolução? – Aí José Guilherme não se scandalizou absolutamente. A cada vez que eu esvaziava o meu copo, ele o enchia galantemente, e me deixou tomar o meu pileque leninista sem nenhum constrangimento.

Colaboram também no tracejo de seu perfil as palavras daqueles intelectuais, raros, aliás, raríssimos, que leram e criticaram negativamente a obra, e não a pessoa de Merquior: Nelson Asher, crítico e editor, e Luiz Costa Lima, professor da PUC-Rio. Nelson Ascher, em “A canonização do bom reça”, publicado na seção Ilustríssima, na *Folha de São Paulo* em 23/08/2015, após elencar algumas “virtudes duradouras” de Merquior, expressou o que via como deficiência:

Mas é verdade, também, que sua abordagem nem sempre ia além e quando, após a construção de tão elaborado trampolim, esperava-se o grande salto ornamental [...] Nada. Ou muito pouco. [...] Quanto a seu livro sobre Drummond (escrito década e meia antes da morte do poeta), esse tampouco é em essência diferente. A obra do poeta e seus poemas específicos são muito bem esmiuçados, mas as análises elaboradamente descritivas pouco têm de realmente iluminador ou instigante, menos ainda de nuançadamente valorativo e nada de muito surpreendente. Quase nenhum grande paralelo é traçado, por exemplo, entre o mineiro e outros poetas mundo afora, e há diversas perguntas interessantes que nem sequer são feitas.<sup>79</sup>

Luiz Costa Lima, em julho de 2001, no artigo “A crítica total”, afirma que irá considerar “apenas a matéria de três de seus livros: *Razão do poema* (1965), *A Astúcia da mímese* (1972) e *Formalismo e tradição moderna* (1974). E sua análise

<sup>79</sup>ASCHER, Nelson. “A canonização do bom reça”, Ilustríssima, *Folha de São Paulo*, 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671789-a-canonizacao-do-bom-reaca.shtml>; Acesso em 25/02/18.

é de conteúdo similar àquela feita por Nelson Ascher:

Algumas observações são tão agudas que se lamenta não terem sido desenvolvidas. [...] A leitura que então faz do significado do acaso seria impecável caso, em certo momento, não o tomasse como sinônimo de inspiração.<sup>80</sup>

Evita-se trazer as palavras daqueles que, sem ler qualquer dos livros de Merquior, recorreram ao emprego de certos clichês, de conteúdo injurioso e difamatório, usados em relação à pessoa dele, evitando-se reproduzir e amplificar um maniqueísmo político-ideológico datado e improdutivo.

No esboço de seu perfil faz-se útil trazer o depoimento de intelectuais da nova geração que, ao tomar contato com as ideias e reflexões merquiorianas, nelas encontram, antecipadas, a análise e a crítica profundas de questões culturais e estéticas só mais tarde sobrevindas ao debate. Dentre esses, inclui-se João Cezar de Castro Rocha, pesquisador, Doutor em Literatura Comparada pela Stanford University, professor de Literatura Comparada da UERJ e coordenador da biblioteca José Guilherme Merquior, cujo depoimento é contundente:

Minha geração não leu Merquior, autor de livros fundamentais como *Formalismo e tradição moderna* (1974), que antecipou algumas questões estéticas só discutidas na década seguinte, de 1980.<sup>81</sup>

Para o professor Castro Rocha, com formação intelectual igualmente múltipla e diversificada, Merquior foi um pensador autônomo e anarco-experimentalista, conferindo-lhe a qualificação de “nosso mais autêntico pensador oswaldiano”. No ensaio *A visão de mundo de José Guilherme Merquior*, Castro Rocha declara que no pensamento merquioriano “valoriza-se a autonomia frente a dogmas, estimulando-se o experimentalismo frente a tradições cristalizadas”. (ROCHA, 2014, p. 319)

De igual teor é o depoimento do professor Marcus Vinicius de Freitas, titular de Teoria da Literatura na UFMG. Em entrevista ao site “Quanto mas, Mer-

<sup>80</sup> LIMA, Luiz Costa. “A crítica total”, Mais, *Folha de São Paulo*, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200110.htm>; Acesso em 25/02/18.

<sup>81</sup> FILHO, Antonio Gonçalves. “Uma coleção para o polemista maior.” *Cultura*, *Estado de S. Paulo*, 2001. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,uma-colecao-para-o-polemista-maior,819480>; Acesso em 25/01/18.

quior”, declara

Fui iniciar minha leitura do Merquior em 1997, por conta própria, quando fazia doutorado na Brown University, e quem me apresentou o autor foi David Hirsch, no livro *Deconstructing Literature: criticism after Auschwitz*, uma demolidora crítica da filosofia e da teoria literária francesas pós-68, livro esse em que Merquior constitui uma referência central.<sup>82</sup>

Ao final desses vários depoimentos, é inescapável lembrar a história dos cegos que, chamados a descrever um elefante, cada um o faz tateando uma de suas partes – tromba, orelhas, patas, dorso – sem apreender a inteireza do magnífico espécime à sua frente. Por sorte, quaisquer fantasias de interpretação de partes da obra e/ou da persona intelectual de Merquior, provenham de quem quer que seja, deixam intactos seus próprios textos, que sobrevivem a todos e a quaisquer comentários, favoráveis ou desfavoráveis. Como bem dito pelo próprio pensador brasileiro na parte *in fine* da epígrafe do presente capítulo – “Mas a obra dispõe”.

De todo modo, sobre Merquior, talvez tenha sido o mestre Antonio Candido quem mais se aproximou de uma descrição que abarcasse a totalidade do universo intelectual merquioriano, valendo repetir suas palavras:

A sua acentuada vocação especulativa e a vasta erudição que a nutria lhe permitiram fazer do trabalho crítico uma investigação que não se satisfazia em descrever e avaliar os textos, mas desejava descobrir o sentimento entesourado e em seguida ligá-lo a outros produtos da cultura. Daí um cruzamento fertilizador, característico do seu trabalho: o pensador José Guilherme Merquior era capaz de expor os seus pontos de vista com a expressividade de um escritor versado na melhor literatura, enquanto o crítico José Guilherme Merquior era capaz de interpretar os textos ou traçar a articulação dos movimentos com a capacidade dialética de discriminar e integrar, própria da mente filosófica.<sup>83</sup>

De fato, sua vida foi permeada por interesses e influências múltiplas, elaboradas por um espírito que não se continha na crítica literária e expandia-se numa reflexão filosófica abrangente. Seu ensaísmo não se esgotava na coragem de

<sup>82</sup> FREITAS, Marcus Vinicius de. Entrevista. Site *Quanto mas, Merquior!* Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/09/1-entrevista-gem-marcus-vinicius-de.html>; Acesso em 15/02/18.

<sup>83</sup> PEREIRA, José Mário. “O fenômeno Merquior” In SILVA, Alberto da Costa e (org.). *O Itamaraty na cultura brasileira*. Instituto Rio Branco, Brasília, 2001. Disponível em <http://old.olavodecarvalho.org/convidados/0122.htm>; Acesso em 15/01/18.

assumir com voz autoral a crítica urdida tão só pelo autoconhecimento, mas se expandia em análise e confronto das ideias, uma persona desdobrada em genealogista, historiador e problematizador da realidade. E persistia em cada um a constância do olhar fóssil e da inteligência míssil. Tudo isso, aliado ao poder de análise e de síntese, concretizava o esplêndido *ménage* entre o domínio das questões, o conhecimento da linguagem, e o manejo da ironia mais ferina e pontiaguda.

Na interseção de um espírito intenso e assertivo, cevado pela voracidade e capacidade mastodônticas de leitura e metabolização de ideias, atualizado na experiência cotidianamente vivida nos grandes centros produtores e irradiadores de conhecimento e de maior efervescência cultural e política, com têmpera atrevida e sentenciosa, Merquior exerceu “a defesa intransigente da liberdade em todas as esferas do fazer humano”, expressão utilizada pelo professor João Cezar de Castro Rocha, no trailer do documentário *José Guilherme Merquior – Paixão pela razão*, produzido pela É Realizações Editora<sup>84</sup>

Precocidade, vocação para as “coisas mentais”, duas graduações, dois doutorados, vivência e convivência com pensadores das mais diversas origens e matices, trocas intelectuais consistentes e altamente qualificadas com nomes do panteão da intelectualidade. Tudo comendo, digerindo, metabolizando! Antropofagicamente!

Suas ideias, suas palavras, seus textos, o que ele diz sobre o quê e sobre quem, e sua repercussão maior ou menor, nacional e internacional, são janelas abrindo-se para o promontório do largo horizonte de sua produção. A silhueta do pensador desenha-se por suas amizades, seus afetos, desafetos, quem diz o quê sobre ele. A harmonia dissonante, a cacofonia das opiniões nos círculos sociais e culturais em que transitava, esboçam seu contorno. Citado, elogiado, vilipendiado, tudo ecoa, reverbera, traceja, significa, compondo uma “arqueologia” de seu intelecto – ausência de preconceito ideológico, certeza de que não existem livros malditos nem leituras proibidas, o ceticismo organizado, a dúvida permanente, e a busca incessante, não pela verdade, mas pelo conhecimento.

E tudo se passa como se

<sup>84</sup> *José Guilherme Merquior – Paixão pela razão*, É Realizações Editora, SP, 2015. Trailer disponível em <https://youtu.be/RrNd8TMHwOg>; Acesso em 6/02/18.

entre o jovem discursando na formatura do Instituto Rio Branco em 1963 e o homem que em 1990 falou em público pela última vez e, sem nenhuma anotação à sua frente, discorreu durante mais de uma hora sobre os vários projetos de Brasil, insculpiu-se o intelectual José Guilherme Merquior.

## 8

### Conclusão

#### A chave de Benjamin

*A leitura filosófica é violenta e surda: é uma audição parcial, muito mais próxima da interrogação do que da exegese.* (MERQUIOR, *A astúcia da mímese*)

Final do percurso, meta de chegada. Faz-se hora de perguntar: seria esse estudo apenas mais um exercício acadêmico destinado a mofar nas prateleiras dos trabalhos inúteis, destituído de qualquer préstimo ou serventia ao corpo da sociedade? Será que num mundo sacudido por assustadoras convulsões, e tomando as palavras atribuídas por Platão a Sócrates em Fedro, as questões aqui tratadas são “demasiado frívolas”, e levam a uma “sabedoria inadequada”?

Na procura de possíveis respostas, convém voltar e voltear ao redor do pensador alemão Walter Benjamin. Num texto que chamou de “A chave de Benjamin”, introdutório ao livro *O elixir do Apocalipse*, Merquior afirma que Benjamin propôs pensar na obra poética “como uma espécie de chave, confeccionada sem a menor ideia da fechadura na qual, um belo dia, ela poderia ser introduzida”. (MERQUIOR, 1983, p. 9)

Para Benjamin, continua Merquior

[...] a obra se revestiria de uma significação substancialmente nova, a partir da leitura de cada nova geração. [...] Benjamin acreditava, num surto de otimismo, que os leitores, em consequência, não se privariam daqueles esforços de análise que os familiarizassem com essa pertinência atual do texto poético (MERQUIOR, 1983, p. 9)

Ainda segundo Merquior,

[...] com sua imagem da chave sem fechadura conhecida, Benjamin propunha a reorientação da leitura crítica para o sentido do atual [...] Afinal, seu cuidado era tão-só impedir que a chave da crítica enferrujasse por excesso de historicismo, isto é, de um apego à história de cunho unilateralmente retrospectivo (MERQUIOR, 1983, p.12/13)

Nos idos de 1965, o então jovem ensaísta brasileiro já analisara a universalidade da obra no livro *A Razão do poema*, no qual declara que o artista (o autor) participa da realidade cultural, e o simples ato de contemplá-la (ou descrevê-la ou

criticá-la) já contém significados e significações que ultrapassam a experiência historicamente datada. “[O artista] Sabe que participa da realidade quer queira quer não – e que no simples ato de contemplá-la já se esconde a presença de uma crítica e de uma política.” (MERQUIOR, 1996, p. 239)

Acrescenta que são diferentes, ou podem ser, os significados conscientemente declarados pelo autor biográfico e os sentidos que permitem à obra significar culturalmente, trazendo Baudelaire como ilustração:

De que nos serve afirmar um Baudelaire dândi, flaneur, “aristocrático”, um Baudelaire fundamentalmente decepcionado com uma revolução (a de 48) e mesmo com a própria hipótese de toda e qualquer revolução, se o poeta Baudelaire, se a visão que surge dos poemas, levantam para nós o primeiro grande retrato-denúncia da vida moderna na grande cidade industrial? Há uma ideologia do artista e uma visão-do-mundo da obra. (MERQUIOR, 1996, p. 239/240)

A essas reflexões, aglutinam-se suas palavras na introdução em *De Anchieta a Euclides* (escrito em 1971)

[...] a organização formal de cada texto ou tipo de texto é uma classe de signos intrinsecamente alusivos, carregados de referências à realidade social e cultural de determinada época e, através desta, aos aspectos universais da condição humana. (MERQUIOR, 1996, p. 8)

Em *A astúcia da mímese*, Merquior também analisa a capacidade que uma obra literária (independente do gênero) tem de, por meio da representação de particulares, referir ao universal – ou seja, a significados que transcendem a experiência (historicamente datada) relatada. Em suas palavras

Mediante a representação não servil de particulares é que se busca transmitir significações de ressonância universal. Por uma espécie de astúcia da mímese, a representação do singular logra significação universal (MERQUIOR, 1972, p.8)

Sem pretender minudenciar todo o encadeamento lógico elaborado por ele acerca do poder de universalidade da obra, cabe recolher, em linhas gerais, algumas questões que teceu em *A astúcia da mímese* e, pela reflexão hermenêutica, compreendê-las para além do texto poético, abarcando a noção de texto como discurso escrito.

Nesse sentido, conforme Merquior, uma obra permanece significativa não só por sua “transistoricidade constitutiva” (a experiência da linguagem, a vivência do homem, a criação de clãs ou de grupos sociais e sua experiência particularíssima enquanto conscientemente mortal) ou por suas “transistoricidades das constantes culturais” (a sobrevivência de algumas regras sociais), mas também pela transistoricidade “constituída pela experiência dos povos históricos”. (MERQUIOR, 1972, p. 35). Segundo ele

[...] certas culturas – os chamados “povos históricos” – caracterizam-se pela aceleração da transformação social. Para estes, o histórico domina como lei a realidade do mundo. A partir de determinado momento de sua evolução, os povos históricos desenvolveram o senso da historicidade: o interesse agudo pelas manifestações humanas alheias à experiência do presente. (MERQUIOR, 1972, p. 35)

Como consequência, as obras do passado são “como reservas de significado enriquecedoras da experiência atual” (MERQUIOR, 1972, p. 35). Assim, a distância entre o contexto presente e contextos passados não é obstáculo à interpretação, mas uma possibilidade de constante produção de novos sentidos.

Para o crítico brasileiro, o texto seria então um espaço semiótico pluridimensional, uma rede de relações, uma estrutura de significados potenciais, que guarda relação tanto com o contexto de produção quanto com o contexto que a ressignifica, sendo capaz de ultrapassar tempo e espaço, e interessar e falar aos homens em qualquer lugar e tempo. Apesar de não referido por Merquior, conferindo ubiquidade à obra.

Merquior consorciava a crônica e a crítica. Plantado em um espaço historicamente circunscrito, ele presentifica sua época e, ao mesmo tempo, em múltiplas camadas e instâncias históricas, num jogo intrincado e complexo de referências, conecta autores, temas e reflexões colhidos na miríade de sentidos de diversas eras. Um cronista que, através do cotidiano de seu tempo, tece a notícia e o relato das ideias que, num largo horizonte, se movem e rodopiam do passado ao presente, deslizam e escorregam por conteúdos que abarcam as dimensões filosófica, ética, sociológica e política, os lançando ao escrutínio do futuro. Atravessa espaços e tempos pretéritos, caminha pelos anos 1960/70/80, cruza a queda do muro, deságua no presente, e desemboca no agora. Nesse contexto, sua obra pode ser



vista sob a perspectiva da “chave de Benjamin”.

E, tal como ocorreu com o próprio Benjamin (resgatado pelos estudiosos após mais de 30 anos de ostracismo), Merquior, apesar de não integrar o cardápio dos ensinamentos literários nem dos estudos culturais, recentemente passou a ser objeto de estudo e reconstituição histórica, como aqui, nesse trabalho.

Pensador inquieto e impetuoso, cronista sagaz, crítico severo e atrevido, enquanto vivo impunha sua voz, influenciando e pautando o debate cultural desde os primeiros textos no lendário “Caderno B” do *Jornal do Brasil*. Porém, suas “narrativas” não lhe atrasaram a morte, e a vida lhe foi pouca. Morto, permaneceu silenciado, esporadicamente ressuscitado/injuriado pela mídia. Agora, todavia, espontaneamente, vem se expandindo na academia a procura e o estudo da obra de Merquior, ultrapassando o bloqueio e o silenciamento a ele impostos.

Manifestação expressiva dessa expansão, o professor Marcus Vinicius de Freitas, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em entrevista ao site *Quanto mas, Merquior*<sup>85</sup>, relata que desde o segundo semestre de 2015, ministra, no doutorado da Faculdade de Letras da UFMG, uma disciplina que tem por referência central o pensamento de Merquior – “Crítica Liberal” – cujo texto condutor é o artigo intitulado “Tarefas da crítica liberal”, do livro *As ideias e as formas*.

Ao googlear seu nome, depara-se com mais de 84 mil resultados, em apenas 0,43 segundos. Pesquisas efetuadas pela web retornam trabalhos acadêmicos – dissertações, teses, artigos – versando aspectos específicos de sua obra, expondo a diversidade de temas e de horizontes abarcados pelos seus textos. Somente a título de ilustração, podem ser citados: “Universo em dissolução”, de Rodrigo Petronio<sup>86</sup>; “Murilo Mendes: a merquioroscopia de um visionário”, do Prof. Dr. Adriano Lima Drummond (UESPI)<sup>87</sup>; “As ideias de volta ao lugar: o liberalismo social encontra o outro Ocidente na obra de José Guilherme Merquior”, de Gui-

<sup>85</sup>FREITAS, Marcus Vinicius de. Entrevista. Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/09/1-entrevista-gem-marcus-vinicius-de.html>; Acesso em 01/03/18.

<sup>86</sup>PETRONIO, Rodrigo. “Universo em dissolução” In Revista *dEsEnrEdoS*, ano IV, nº15, PI, 2012. Disponível em <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-Ens-Petronio-Drummond-Merquior.pdf>; Acesso em 7/02/18.

<sup>87</sup>DRUMMOND, Adriano Lima. “Murilo Mendes: A merquioroscopia de um visionário” In Revista *Araticum*, v.13, nº1, MG, 2016. Disponível em <http://www.periodicos.unimontes.br/araticum/article/view/223/168>; Acesso em 22/02/18.

lherme Stolle Paixão e Casarões (FGV-SP/ESPM-SP)<sup>88</sup>, “‘Astúcia da mimese’: a dinâmica entre realidade e poesia lírica na obra de José Guilherme Merquior”, de Maria Luísa Carneiro Fumaneri (UFPR)<sup>89</sup>; “Relendo José Guilherme Merquior: 40 anos de *Formalismo e tradição moderna*, de José Luís Jobim (UERJ).

Nos Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC – realizado em 19 a 23 de setembro de 2016 – encontram-se trabalhos acadêmicos tratando de aspectos da obra de Merquior: “Notas sobre as variações de um percurso”, de Josias de Paula Jr. (UFRPE)<sup>90</sup>; “As contribuições de José Guilherme Merquior para a canonização da poesia modernista brasileira: geração 22”, de Thaís Amélia Araújo Rodrigues (UESPI) e José Wanderson Lima Torres<sup>91</sup> (UESPI); “A crítica literária como crítica da cultura em José Guilherme Merquior”, de Kaio Felipe (IESP/UERJ)<sup>92</sup>. Também de Kaio Felipe o artigo “Esboço de uma teoria estética em José Guilherme Merquior”<sup>93</sup>.

Dentre os herdeiros merquiorianos, Kaio Felipe, Mestre em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) e graduado em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB), vem apresentando variados estudos adentrando na crítica política elaborada por Merquior, como os trabalhos que apresentou no IX Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política - ABCP- (Área Temática – Pensamento Político Brasileiro), realizado em Brasília de 4 a 7 de agosto de 2014 “A ideia de

<sup>88</sup> CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. “As ideias de volta ao lugar: o liberalismo social encontra o outro Ocidente na obra de José Guilherme Merquior” In Revista *Estudos Políticos*, v.6, nº2, RJ, 2015. Disponível em <http://revistaestudospoliticos.com/wp-content/uploads/2016/10/321-341.pdf>; Acesso em 9/02/18.

<sup>89</sup> FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. “‘Astúcia da mimese’: a dinâmica entre realidade e poesia lírica na obra de José Guilherme Merquior”. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, PR, 2011. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26831/FUMANERI%20c%20Maria%20Luisa%20Carneiro%20-%20Biblioteca.pdf?sequence=1&isAllowed=y> ; Acesso em 12/02/18.

<sup>90</sup> PAULA JUNIOR, Josias de. (UFRPE) “Notas sobre a variação de um percurso” In *Anais eletrônicos XV encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)*. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491245639.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491245639.pdf); Acesso em 10/02/18.

<sup>91</sup> RODRIGUES, Thaís Amélia Araújo; TORRES, José Wanderson Lima. (UESPI) “As contribuições de José Guilherme Merquior para a canonização da poesia modernista brasileira: geração 22” In *Anais Eletrônicos XV encontro ABRALIC*. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491245482.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491245482.pdf); Acesso em 15/02/18.

<sup>92</sup> FELIPE, Kaio. (IESP/UERJ) “A crítica literária como crítica da cultura em José Guilherme Merquior” In *Anais Eletrônicos XV encontro ABRALIC*. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491433456.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491433456.pdf); Acesso em 25/02/18.

<sup>93</sup> FELIPE, Kaio. (IESP/UERJ) “Esboço de uma teoria estética em José Guilherme Merquior”. In *Anais do Simpósio de estética e filosofia da música da UFRGS*. Disponível em <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/download/472/361>; Acesso em 15/02/18.

liberalismo social no pensamento político de José Guilherme Merquior”<sup>94</sup> “Merquior, um liberista? Uma comparação entre o pensamento liberal de José Guilherme Merquior e Friedrich von Hayek”<sup>95</sup>, apresentado no 1º Seminário Internacional de Ciência Política – Estado e Democracia em Mudança no Século XXI, na UFRGS, em Porto Alegre, realizado de 9 a 11 de setembro de 2015, “Da nostalgia crítica à apologia do progresso: o pensamento social de José Guilherme Merquior”<sup>96</sup>, Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política, realizado de 14 a 16 de maio de 2014 em Curitiba – PR.

A revista *Café Colombo*<sup>97</sup>, publicação bimestral nascida na Universidade Federal de Pernambuco, em sua 5ª edição, em 2015, traz um dossiê de dezesseis páginas dedicadas a José Guilherme Merquior, com os seguintes artigos: “O Carpeaux dos outros”, de João Cezar de Castro Rocha, “O humanismo crítico em *A estética de Lévi-Strauss*”, de Eduardo Cesar Maia, “Reler o passado sem abandonar o presente”, de Fábio Andrade, “A inteligência integrativa”, de Peron Rios, e “Lições sobre o liberalismo para os liberais de agora”, de Joel Pinheiro Fonseca.

O olhar que a nova geração de intelectuais lança sobre a obra de Merquior não resta contaminado por qualquer vínculo havido com ele, seja de companheirismo, de amizade, de inveja, nem sequer de ranço ideológico. Não o conheceram em vida, com ele não privaram nem estabeleceram laços que os motivassem ou constrangessem por conta de eventuais críticas positivas ou negativas. Passados 27 anos de sua morte, o inegável distanciamento histórico permite o intercâmbio de ideias, livre das paixões que embotam a razão e impedem a reflexão ponderada. No dizer de Cecília Prada

<sup>94</sup> FELIPE, Kaio. (IESP/UERJ) “A ideia de liberalismo social no pensamento político de José Guilherme Merquior” In IX Encontro da ABCP. Disponível em <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/03/ideia-liberalismo-social-pensamento-politico-jose-guilherme.pdf>; Acesso em 21/02/18.

<sup>95</sup> FELIPE, Kaio. (IESP/UERJ) “Merquior, um liberista? Uma comparação entre o pensamento liberal de José Guilherme Merquior e Friedrich von Hayek” In 1º Seminário Internacional de Ciência Política – Estado e Democracia em mudança no século XXI – UFRGS. Disponível em <https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/Kaio-Felipe-Merquior-um-Liberista.pdf>; Acesso em 19/02/18.

<sup>96</sup> FELIPE, Kaio. (IESP/UERJ) “Da nostalgia crítica à apologia do progresso: O pensamento social de José Guilherme. In *Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política*. Disponível em [http://www.academia.edu/7074496/Da\\_nostalgia\\_cr%C3%ADtica\\_%C3%A0\\_apologia\\_do\\_progresso\\_o\\_pensamento\\_social\\_de\\_Jos%C3%A9\\_Guilherme\\_Merquior](http://www.academia.edu/7074496/Da_nostalgia_cr%C3%ADtica_%C3%A0_apologia_do_progresso_o_pensamento_social_de_Jos%C3%A9_Guilherme_Merquior); Acesso em 20/02/18.

<sup>97</sup> Revista Café Colombo. Dossiê Merquior. Ano 2, nº5, PE 2016.

Hoje, em dias que felizmente já não são tão dilacerados por ideologias oportunistas e cobrança de posições dogmáticas, a figura singular de José Guilherme Merquior ressurge das cinzas do ostracismo e do “patrulhamento”, para vir entregar seu legado de saber às novas gerações.<sup>98</sup>

Observa-se, então, o fenômeno chamado por Sirinelli de cadeia de influências, formações e trajetórias. Ou seja, o legado de Merquior produzindo ecos e ressonâncias nas futuras gerações, irrigando e fermentando o estudo do presente e a reflexão sobre o futuro.

O professor Castro Rocha, da UERJ, coordenador do projeto “Biblioteca José Guilherme Merquior” da É Realizações Editora, que vem se destacando na hermenêutica da crítica literário/cultural das obras de Merquior, em depoimento à seção Ilustríssima, da *Folha de São Paulo* em 23/08/2015, afirma

A produção da cultura ocidental foi marcada por uma distinção rígida entre direita e esquerda. Nós precisamos ler o Merquior hoje reconhecendo um fato elementar: a queda do Muro de Berlim. Se o fizermos, vamos descobrir coisas interessantíssimas. Ele foi um dos maiores intelectuais do século 20.<sup>99</sup>

Realmente, seus textos são transdisciplinares, sua obra entrelaça um vasto universo de conhecimento – crítica e teoria literária, estética, filosofia, sociologia, economia – com articulações entre o político e o cultural, atravessando as fronteiras entre o erudito e o popular, o tradicional e o hodierno, em amplo e múltiplo diálogo com incontáveis vozes de uma imensa galeria de poetas, filósofos, escritores, antropólogos, linguistas e críticos, não só do passado remoto e do pretérito recente, como também do presente, como se constata agora com seus pares da nova geração.

Nele, a história e a cultura deixam de ser o lugar dos perceptos desbotados, meros epifenômenos do social, escorados na ideologia do momento. Ao revés, se

<sup>98</sup> PRADA, Cecília. “Paixão, talento e autenticidade – Caio Fernando Abreu e José Guilherme Merquior: semelhanças transcendem destino comum” In Revista *Problemas Brasileiros*, Sesc SP, nº378, SP, 2006. Disponível em [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3998\\_PAIXAO+TALENTO+E+AUTENTICIDADE](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3998_PAIXAO+TALENTO+E+AUTENTICIDADE); Acesso em 25/02/18.

<sup>99</sup> ROCHA, João Cezar Castro de. “A direita diplomática – Perfil: trajetória intelectual de um liberal precoce” In Ilustríssima, *Folha de São Paulo*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/230427-a-direita-diplomatica.shtml>; Acesso em 25/02/18.

apresentam como o *locus* das percepções nascentes, desnudando o que nelas jaz submerso. Despido da arrogância de quem se imagina dono de um saber absoluto e inabalável, apostava na crença de que o debate é o espaço *sine qua non* da livre circulação e do confronto das ideias, e o mais lúcido e eficaz caminho na direção do conhecimento.

Antenado e interagindo em tempo simultâneo com os polos mundiais de cultura, transitando do plano individual ao coletivo, a leitura de mundo de Merquior ultrapassa o francocentrismo da Academia, integrando autores desde a Grécia antiga até àqueles mais recentes, tudo levado ao debate de forma clara, no mais das vezes provocadora, exigindo a participação intelectual do leitor, temperando o saber “sabido” e repetido, com visões e conclusões outras, discordes daquelas tornadas unanimidades na crítica.

Trouxe visão refinada de pretéritos pensadores, e suas análises da obra de Walter Benjamin, principalmente nos livros *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin* (MERQUIOR, 1969, p. 99/146) e *O marxismo ocidental* (MERQUIOR, 1987, p. 166/188) mergulham na compreensão do autor alemão, indo além da mera visão da superfície, adentrando na profundidade do pensamento benjaminiano.

Em suave e constante intercâmbio de temas e influências filosóficas, as reflexões de Terry Eagleton se encadeiam harmonicamente às de Merquior. Ambos exercitam um olhar agudo e crítico acerca da Cultura, cada qual transitando em seu peculiar campo ideacional, elaborando análises contestatórias com fortes traços siameses, que repercutem no cenário intelectual das discussões atuais. E, presente em ambos, a clareza ao expor suas reflexões, o manejo da ironia, rascante e ácida no brasileiro, fina e cortante no inglês, regada e cevada pela inegável intimidade que exibem com os filósofos que geraram a cultura judaico-greco-romana, e a alimentam ainda hoje na modernidade expandida.

Com Norberto Bobbio, liberal social, filiado ao Partido Socialista Italiano (PSI), Merquior compartilha não só o liberalismo social, como também a coragem de confrontar o senso comum que se erige em torno de qualquer construção teórica, a extrema racionalidade aliada à prática da dúvida metódica, formulando, tal como Bobbio o fez enquanto vivo, questões que, ainda hoje, intrigam a todos que sobreviveram à queda do Muro de Berlim.

A correlação das ideias de Merquior com as reflexões de Boaventura de Sousa Santos em *Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes* mostra-se evidente. Os dois pensadores, cada um a seu tempo e mirando em diferentes espaços, apontam que, assim como as culturas, as epistemologias também estão sujeitas à hierarquização e à supressão por força do processo de colonização. E ambos enfatizam a necessidade do diálogo para o resgate do saber e do conhecimento suprimidos pela colonização, sejam as empreendidas no século XVI ou as da Guerra Fria.

Do mesmo modo, faz-se patente a congruência das questões literárias trazidas hoje por Jacques Rancière – a “política da literatura e a partilha do sensível” no romance – com as análises elaboradas por Merquior nos idos de 1970/80 no século XX, mais largas e abrangentes, analisando os processos miméticos na poesia e na literatura.

O reconhecimento por José Arthur Giannotti da importância do bom funcionamento do capitalismo para o incremento das práticas sociais nos tempos de hoje, já relatada no capítulo 6, indica a agudeza das críticas e análises merquiorianas, quase previsões, servindo de régua e compasso para medir a pertinência e a atualidade das suas reflexões político/econômicas que, já desde os idos de 80, sinalizavam a derrocada do pensamento hegemônico e o fracasso do “Estado Provedor Homogêneo Universal”.

A consanguinidade das reflexões desses intelectuais com as de Merquior, apesar da diversidade de seus paradigmas conceituais, evidencia seu acasalamento e/ou complementariedade, e aponta, no labirinto dos diversos e incontáveis debates da pós-modernidade, um possível lugar de encontro. Quiçá, o lugar do conhecimento pós-abissal, da ecologia dos saberes de que fala Boaventura, e do retorno do exercício da Política em seu sentido pleno – seus debates, suas trocas, concessões e alternância de posições – *locus* do convívio com as diferenças e da livre manifestação e intercâmbio dos diferentes anseios e necessidades humanas.

De personalidade intelectual multidisciplinar e polifacetada, Merquior não compartimentalizava o conhecimento e não dicotomizava o homem: corpo, espírito, energia formam o indivíduo que, através do uso da razão pode fazer escolhas, e deve fazê-las, eis que é o único animal capaz para tanto. *Et pour cause*, não lhe escapava a complexidade da existência humana. Compreendia e utilizava

o passado sem demonizá-lo, talvez convicto de que qualquer análise crítica no presente é como qualquer presente, tempo fluido, volátil e fugaz, bailando entre a memória, o desejo e a premonição. E seu exercício de inferência do futuro repousava na convicção de que quaisquer teorias reducionistas do poder dos sujeitos em se conduzir, têm sido atropeladas pela história – essa rebelde volúvel – sempre disposta a pregar peças nos pretensiosos.

Ambiguidades e contradições? Sim, próprias que são dos espíritos ágeis, curiosos e intensos. E como qualquer pensador, sua prática intelectual não era axiologicamente neutra. Contudo, não a sofismava nem a constrangia à dimensão de qualquer dogma ideológico, conforme comprovam suas constantes e elaboradas críticas ao liberalismo, vistas no capítulo 7. Seus eventuais deslocamentos de posições, revisitando conceitos e reelaborando convicções, além de confirmar a análise de Flora Süssekind, apontando a autorreflexão como sua *marca distintiva indescartável*, atestam a coragem moral e intelectual de mudar quando sua inteligência assim lhe ordenava, sempre guardando uma substancial coerência com as concepções liberais, na arte, na cultura, na política.

Conforme afirmado por Sérgio Paulo Rouanet no *Memorial Crítico*, essa postura, identificada ao longo de sua trajetória, consiste em “uma política da liberdade, uma antropologia da consciência e uma estética da responsabilidade”, desnudando os verdadeiros destinatários de sua verve: a denúncia e o combate da alienação, dos irracionalismos, da opressão e do totalitarismo, em todas as áreas do fazer humano. (ROUANET, 1994, p.34)

Ora, no mundo contemporâneo, a ciência e a arte – o conhecimento e a produção estética – são caleidoscópicas, sincrônicas, flexíveis. O universo da modernidade expandida, de contornos democráticos, é heterogêneo, campo de encontro dos contrários, seara do dialogismo. Diante desse cenário, é razoável afirmar que a obra merquioriana mostra-se acorde e concorde com os movimentos do espírito pós-moderno, suas inquietações, desconfianças, aspirações e combatividade crítica.

E assim, aqui e agora, após reunidos vários e diversos depoimentos e enfoques acerca do intelectual Merquior, ouvindo seus contemporâneos, seus pares hodiernos de mesma estatura, e observando seus herdeiros, pode-se dizer que, por dentre a névoa do tempo, sobre os escombros do pensamento

hegemônico, surge, mais do que um perfil, uma voz, ativa e assertiva, que dialoga com Jacques Rancière, com Terry Eagleton, com Boaventura de Sousa Santos, com José Arthur Gianotti, e com a nova geração de intelectuais, seus interlocutores no hoje, polemizando as grandes questões e desafios do tempo presente. Bem ao seu gosto, com a inteligência e a coragem das concordâncias e das discordâncias racionais, transdisciplinares, dialógicas, adomáticas...

### Nota final

[...] tive quase um choque físico ao revê-lo. Estava devastado pela doença; sua cor, seu olhar, seus traços faciais, sua extrema fragilidade e magreza pareciam de alguém que tivesse retornado da casa dos mortos. No entanto, quando começou a falar, sem texto escrito, sem notas, num francês límpido como água da fonte, o auditório se desligou do drama a que assistia. Durante quase uma hora, acompanhamos como a história do Brasil se renovava sob os nossos olhos por meio da sucessão e do entrechoque dos diversos projetos que os brasileiros sonharam para o país desde a independência. Terminada a palestra, foi a vez de Hélio Jaguaribe falar. Exausto com o esforço descomunal, José Guilherme cruzou os braços sobre a mesa e neles repousou a cabeça, no gesto de um menino debruçado sobre a carteira da sala de aula.

Esse é o relato feito pelo diplomata Rubens Ricupero sobre a participação de José Guilherme Merquior na abertura do ciclo “O Brasil no Limiar do Século 21”, em Paris, no dia 17 de dezembro de 1990 – 23 dias antes de sua morte.

Ao lê-lo, me dei conta dos fragmentos do homem, dos cacos e migalhas que o desenham na sua falibilidade e impermanência: o menino que lê durante um jogo de futebol, o adolescente imberbe que carrega o busto de Voltaire, a coragem pubescente de se lançar em combativa crítica literária, a ousadia de se anunciar para aulas de estética, o arrojo da opção por uma carreira que o levaria como andarilho pelo mundo, o amor e a vida compartilhados com uma única mulher.

E a força natural, espontânea e perturbadora da empatia se fez presente, convolvando o sujeito objeto de estudo em um ser humano, impondo maior respeito, recato e reserva com a verdade dessa vida, com a complexidade da existência humana.

Por vezes, o supratexto do humano se fazia intenso e veemente. Nesses momentos, somente os limites determinados para a dissertação acadêmica me impediam de transmudá-la num texto que só os eventuais amantes do drama da existência humana poderiam compreender.



Porém, persisti no esboço de um intelecto, amalhando um certo número de fatos passados, através das lembranças tomadas de empréstimo do mundo interior de outrem, já filtradas e decantadas pelo tempo. Memórias de segunda mão, que o refletem obliquamente. E sabia, todo o tempo, que, como em todas as histórias, nessa também haverá insuficientes pormenores e alguns enganos, tão próprios da amizade, das simpatias, dos desafetos, do roldão do tempo que escorre, da urgência da vida que segue.

Durante o percurso, permaneceu ao fundo, como amálgama, o respeito e a admiração pela inteligência, pelo apetite de conhecer, pelo destemor de alçar sua voz e expor suas ideias, pela rara coragem de arrostar a concordância meramente tribal, caminhando segundo e seguindo tão só aos ditames de sua consciência.

E, ao fim, restou a inquietante convicção de que

entre o menino que lia durante um jogo de futebol, e aquele outro, em quem se aninhou o devastado orador de 49 anos buscando descanso e alívio para sua dor, existiu tão apenas um homem, continente e conteúdo, forma e substância do intelectual José Guilherme Merquior. Uma pessoa que, como todos nós, viveu as emoções secretas da decepção e do desânimo, a experiência da enfermidade, da impermanência do amor, da fugacidade da vida.

Sentiu raiva, bebeu vinho, amou...

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dez anos sem José Guilherme Merquior**. Mesa-redonda realizada na ABL em 4/10/2001. Disponível em [www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf](http://www.academia.org.br/abl/media/depoimentos5.pdf); Acesso em 11/2/18.

ALMEIDA, Marco Rodrigo. O conformista combativo. In: Ilustríssima, **Folha de São Paulo**. São Paulo: agosto de 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671785-merquior-o-conformista-combativo.shtml>; Acesso em 2/2/18.

ARENDT, Hannah, **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

\_\_\_\_\_. **Origens do totalitarismo**. Disponível em [www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_arendt\\_origens\\_totalitarismo.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_arendt_origens_totalitarismo.pdf); Acesso em 02/03/18.

ARON, Raymond, **Paz e guerra entre as nações**. Disponível em [http://funag.gov.br/loja/download/43Paz\\_e\\_Guerra\\_entre\\_as\\_Nacoes.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/43Paz_e_Guerra_entre_as_Nacoes.pdf); Acesso em 2/3/18.

\_\_\_\_\_. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Democracia e totalitarismo**. Disponível em <https://docslide.net/documents/democracia-e-totalitarismo-raymond-aron.html>; Acesso em 2/2/18.

ASCHER, Nelson. A canonização do bom reaca. In: Ilustríssima, **Folha de São Paulo**. São Paulo: agosto de 2015. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2015/08/1671789-a-canonizacao-do-bom-reaca.shtml>; Acesso em 14/02/18.

BADINTER, Elisabeth. **As paixões intelectuais**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2007-2009, 3v.

\_\_\_\_\_. 1 **Desejo de glória**, 2007.

\_\_\_\_\_. 2 **Exigência de dignidade**, 2007.

\_\_\_\_\_. 3 **Vontade de poder**, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2011;

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política**. Disponível em [http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario\\_De\\_Politica.pdf](http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/Dicionario_De_Politica.pdf); Acesso em 02/03/18.

\_\_\_\_\_. **As ideologias e o poder em crise**. Brasília: Ed. UNB, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais e o Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

BONET, Carmelo M. **Crítica literária**. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

BRITTO, Paulo Henriques. O filho rebelde de João Cabral. Entrevista concedida a Euler Belém, Carlos Willian Leite e Francisco Perna para a **Revista Bula**, 2004. Disponível em <http://acervo.revistabula.com/posts/vale-a-pena-ler-de-novo/o-filho-rebelde-de-joao-cabral>; Acesso em 2/3/18.

CAMPOS, Roberto. **Discurso de posse**, Academia Brasileira de Letras. 1999. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/roberto-campos/discurso-de-posse>; Acesso em 15/01/18.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e. As ideias de volta ao lugar: o liberalismo social encontra o outro Ocidente na obra de José Guilherme Merquior. **Revista Estudos Políticos**, v.6, nº2. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As Grandes Obras Políticas de Maquiavel a nossos dias**. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1980.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural** – Imaginário e Cultura. Disponível em <http://docs12.minhateca.com.br/287313208,BR,0,0,720---dicion%C3%A1rio-cr%C3%ADtico-de-pol%C3%ADtica-cultural---teixeira-coelho.pdf>; Acesso em 2/3/18.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

DAHL, Robert. **A moderna análise política**. Rio de Janeiro: Ed. Societas, 1970.

DIPLOMATIZZANDO. Site. Disponível em <http://diplomatizzando.blogspot.com.br/>; Acesso em 02/02/18.

DRUMOND, Adriano Lima. Murilo Mendes: a merquioroscopia de um visionário. **Revista Araticum**, v. 13, nº1, MG, 2016. Disponível em <http://www.periodicos.unimontes.br/araticum/article/view/223/0>; Acesso em 22/02/18.

EAGLETON, Terry. **Ideologia, uma introdução**. São Paulo: Editora Boitempo, 1997.

\_\_\_\_\_. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Depois da teoria**: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. **A Morte de Deus na cultura**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016.

ECO, Umberto. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1984.

FELIPE, Kaio. A crítica literária como crítica da cultura em José Guilherme Merquior In: **Anais Eletrônicos XV encontro ABRALIC**. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491433456.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491433456.pdf); Acesso em 25/02/18.

\_\_\_\_\_. A idéia de liberalismo social no pensamento político de José Guilherme Merquior. **IX Encontro da ABCP**. Disponível em <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/03/ideia-liberalismo-social-pensamento-politico-jose-guilherme.pdf>; Acesso em 21/02/18.

\_\_\_\_\_. Da nostalgia crítica à apologia do progresso: O pensamento social de José Guilherme. In: **Anais do V Seminário Nacional Sociologia & Política**. Disponível em [http://www.academia.edu/7074496/Da\\_nostalgia\\_cr%C3%ADtica\\_%C3%A0\\_apologia\\_do\\_progresso\\_o\\_pensamento\\_social\\_de\\_Jos%C3%A9\\_Guilherme\\_Merquior](http://www.academia.edu/7074496/Da_nostalgia_cr%C3%ADtica_%C3%A0_apologia_do_progresso_o_pensamento_social_de_Jos%C3%A9_Guilherme_Merquior); Acesso em 20/02/18.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria estética em José Guilherme Merquior. **Anais do Simpósio de estética e filosofia da música da UFRGS**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/download/472/361>; Acesso em 15/02/18.

\_\_\_\_\_. Merquior, um liberista? Uma comparação entre o pensamento liberal de José Guilherme Merquior e Friedrich von Hayek. **1º Seminário Internacional de Ciência Política – Estado e Democracia em mudança no século XXI – UFRGS**. Disponível em <https://www.ufrgs.br/sicp/wp->

content/uploads/2015/09/Kaio-Felipe-Merquior-um-Liberista.pdf; Acesso em 19/02/18.

FILHO, Antonio Gonçalves. Uma coleção para o polemista maior. Cultura, **O Estado de São Paulo**, 2001. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,uma-colecao-para-o-polemista-maior-imp-,819676>; Acesso em 25/01/18.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Disponível em [http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfisica\\_do\\_Poder\\_\\_Michel\\_Foucault.pdf](http://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfisica_do_Poder__Michel_Foucault.pdf); Acesso em 2/2/18.

FREITAS, Marcus Vinicius de. Entrevista. Site **Quanto mas, Merquior!** Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/09/1-entrevista-gem-marcus-vinicius-de.html>; Acesso em 15/2/18.

FUMANERI, Maria Luísa Carneiro. **Astúcia da mímese: a dinâmica entre realidade e poesia lírica na obra de José Guilherme Merquior**. Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, PR, 2011. Disponível em <http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26831/FUMANERI,%20Maria%20Luisa%20Carneiro%20-%20Biblioteca.pdf%3Bsequence=1>; Acesso em 12/2/18.

GIANNOTTI, José Arthur. O tema da ilustração em três registros. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 1987. Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/12/jose-arthur-giannotti-uma-polemica-com.html>; Acesso em 29/12/17.

GIANNOTTI, José Arthur. **Diálogos com Mario Sergio Conti**. Globo-News, 10/12/2015. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=JTz1\\_1kdJS0&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=JTz1_1kdJS0&feature=youtu.be); Acesso em 27/01/18.

GIANNOTTI, José Arthur. **Poder. Folha de São Paulo**. 04/09/2017. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/09/1915556-o-psdb-morreu-nao-e-mais-um-partido-diz-giannotti.shtml>; Acesso em 23/02/18.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, Ed. Civilização Brasileira.

GONZALEZ, Horácio. **O que são intelectuais**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

HOBBSAWN, Eric. **Revolucionários**– Ensaaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Era dos extremos** – O breve século XX: 1914-1991. Disponível em <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/hobsbawm-a-era-dosexremos.pdf>; Acesso em 1/3/18.

JACOBY, Russell. **Os Últimos Intelectuais**: a Cultura Americana na Era da Academia. São Paulo: Trajetória Cultural, USP, 1990.

JOBIM, José Luís. Relendo José Guilherme Merquior: 40 anos de Formalismo e tradição moderna. **Formalismo e tradição moderna** – O problema da arte na crise da cultura. São Paulo: É Realizações Editora, 2015.

JOUVENEL, Bertrand. **O Poder**: história natural de seu crescimento. São Paulo: Editora Peixoto Neto, 1998.

JUNIOR, Gelson Fonseca. Depoimento, 2008. **CPDOC**, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista1658.pdf>; Acesso em 05/02/18.

JUNIOR, Josias de Paula. (UFRPE) Notas sobre a variação de um percurso. **Anais eletrônicos XV encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC)**. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491245639.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491245639.pdf); Acesso em 10/02/18.

KONDER, Leandro. **Merquior – Memorial Crítico**. Brasília: Instituto Tancredo Neves, 1994.

\_\_\_\_\_. José Guilherme Merquior (1941-1991). **Revista Espaço Acadêmico**, ano 7, nº 87, agosto/2008.

KRAUSE, Enrique. El esgrimista liberal. **Revista Vuelta**, no. 182, 1992.

LAFER, Celso. **Merquior – Memorial Crítico**. Brasília: Instituto Tancredo Neves, 1994.

\_\_\_\_\_. **José Guilherme Merquior, diplomata**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 1993.

\_\_\_\_\_. **Resenha de O liberalismo antigo e moderno**. Disponível em [http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs\\_00\\_17/rbcs17\\_resenhas.htm](http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_17/rbcs17_resenhas.htm); Acesso em 16/07/2017.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na idade média**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

LENIN, Vladimir Ilyich. **Que fazer**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>; Acesso em 2/2/18.

LIMA, Luiz Costa. A crítica total. Mais, **Folha de São Paulo**, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200110.htm>; Acesso em 8/2/18.

MAIA, Eduardo Cesar. O humanismo crítico em A estética de Lévi-Strauss. ROCHA, João Cezar de Castro. Dossiê Merquior: O Carpeaux dos outros. **Revista Café Colombo**, ano 2, nº5, 2016. PE.

MCMAHON, Robert. **Guerra Fria**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

\_\_\_\_\_. **Saudades do carnaval** - Introdução à crise da cultura. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1972.

\_\_\_\_\_. **A astúcia da mímese**: ensaios sobre lírica. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1972.

\_\_\_\_\_. **Formalismo e tradição moderna** - O problema da arte na crise da cultura. 1ª ed; Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1974.

\_\_\_\_\_. **A estética de Lévi-Strauss**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.

\_\_\_\_\_. **Rousseau e Weber**: dois estudos sobre a teoria da legitimidade. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1980.

\_\_\_\_\_. **As ideias e as formas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

\_\_\_\_\_. Entrevista. Rio de Janeiro: **Revista Veja**, 1981. Disponível em <http://perspectivaonline.com.br/2015/06/03/merquior/>; Acesso em 2/3/18.

\_\_\_\_\_. **A natureza do processo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

\_\_\_\_\_. **O elixir do apocalipse**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **O argumento liberal.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. **Discurso de posse** na Academia Brasileira de Letras, em 11/3/1983. Disponível em <http://www.academia.org.br/academicos/jose-guilherme-merquior/discurso-de-posse>; Acesso em 1/1/18.

\_\_\_\_\_. **Michel Foucault ou o niilismo de cátedra.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **O MARXISMO ESTÁ MORTO. Folha de São Paulo,** São Paulo: 1987. Disponível em [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_16set00.shtml](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_16set00.shtml); Acesso em 29/12/17.

\_\_\_\_\_. **O marxismo ocidental.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_. Renascença dos liberalismos: a paisagem teórica. **Revista Lua Nova**, v.4, nº13. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

\_\_\_\_\_. Retórica ex cathedra. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, 1987. Disponível em <https://docslide.com.br/documents/merquior-retorica-ex-cathedra.html>; Acesso em 29/12/18.

\_\_\_\_\_. El logocidio ocidental. **Revista Vuelta**, nº149, México, 1989. Disponível em <http://www.letraslibres.com/vuelta/el-logocidio-occidental>; Acesso em 22/02/18.

\_\_\_\_\_. **Crítica 1964-1989** – Ensaios sobre Arte e Literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

\_\_\_\_\_. **De Praga a Paris.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

\_\_\_\_\_. Situação de Miguel Reale. LAFER, Celso; JUNIOR, Tércio Sampaio Ferraz (coord.). **Direito, política, filosofia, poesia: estudos em homenagem ao professor Miguel Reale.** São Paulo: Saraiva, 1992.

\_\_\_\_\_. **Razão do poema** - Ensaios de crítica e estética. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

\_\_\_\_\_. **De Anchieta a Euclides:** breve história da literatura brasileira I. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

\_\_\_\_\_. **Formalismo e tradição moderna** – O problema da arte na cri-



se da cultura. 2ª ed. ampliada. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Razão do poema** - Ensaios de crítica e estética. São Paulo, É Realizações Editora. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Liberalismo, Antigo e Moderno**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. O Brasil no limiar do século 21. **Mais, Folha de São Paulo**, 2001. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200107.htm>. Acesso em 02/03/18.

MIDELAAR, Luuk Van. **Politicídio** - O assassinato da política na filosofia francesa. São Paulo: É realizações Editora, 2015.

OLIVEIRA, Francisco de. O MARXISMO ESTÁ VIVO. **Folha de São Paulo**, SP, 1987. Disponível em [http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras\\_15set00.shtml](http://almanaque.folha.uol.com.br/leituras_15set00.shtml); Acesso em 29/12/17.

PEREIRA, Carlos Alberto; HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Patrulhas Ideológicas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

PEREIRA, José Mario. O fenômeno Merquior. In: SILVA, Alberto Costa e. **O Itamaraty na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2001.

PETRONIO, Rodrigo. Universo em dissolução. **Revista dEsEnrEdoS**, ano IV, nº15, PI, 2012. Disponível em [desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-Ens-Petronio-Drummond-Merquior.pdf](https://dominiotemporario.com/doc/15-Ens-Petronio-Drummond-Merquior.pdf); Acesso em 7/02/18.

PRADA, Cecília. Paixão, talento e autenticidade – Caio Fernando Abreu e José Guilherme Merquior: semelhanças transcendem destino comum. **Revista Problemas Brasileiros**, Sesc SP, nº378, SP, 2006. Disponível em [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3998\\_PAIXAO+TALENTO+E+AUTENTICIDADE](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/3998_PAIXAO+TALENTO+E+AUTENTICIDADE); Acesso em 25/02/18.

QUANTO MAS, MERQUIOR! Site. Disponível em <http://joseguilhermemerquior.blogspot.com.br/2015/12/jose-arthur-giannotti-uma-polemica-com.html>; Acesso em 29/12/18.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2012.

REALE, Miguel. Merquior, paladino da racionalidade concreta. **Figuras da inteligência brasileira**. São Paulo: Siciliano, 1994.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Crítica literária: em busca do tempo perdido?** Chapecó: Editora Argos, 2011.

\_\_\_\_\_. Palestra de lançamento da nova edição de **Formalismo e tradição moderna**, de José Guilherme Merquior. Disponível em <https://youtu.be/xOR7HOk3zow> e em [https://youtu.be/zs9ejVx\\_\\_0c](https://youtu.be/zs9ejVx__0c); Acesso em 01/03/18.

\_\_\_\_\_. Dossiê Merquior – O Carpeaux dos outros – Correspondência, vida intelectual e pensamento. **Revista Café Colombo**, nº5, ano 2. Pernambuco, 2016.

RODRIGUES, Thaís Amélia Araújo; TORRES, José Wanderson Lima. (UESPI). As contribuições de José Guilherme Merquior para a canonização da poesia modernista brasileira: geração 22. **Anais Eletrônicos XV encontro ABRALIC**. Disponível em [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016\\_1491245482.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491245482.pdf); Acesso em 15/02/18.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e Ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

RICUPERO, Rubens. Dez anos sem José Guilherme. **Opinião Econômica. Folha de São Paulo**, 2000. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3112200006.htm>; Acesso em 01/03/18.

ROMANO, Roberto. O silêncio palavroso de Marilena Chauí. **Opinião, Correio Popular**. 2005. Disponível em <http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/4797/silencio-palavroso-marilena-chauí/>; Acesso em 02/03/18.

ROUANET, Sérgio Paulo. **Merquior – Memorial Crítico**. Brasília: Instituto Tancredo Neves, 1994.

\_\_\_\_\_. Um roteiro intelectual. **Folha de S. Paulo**, 15/07/2001; Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1507200108.htm>; Acesso

em 02/03/2018.

\_\_\_\_\_. **Mal-estar na modernidade**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **As razões do iluminismo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**- Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004); Acesso em 1/3/18.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.

SINGER, André. O enigma Merquior. Mais, **Folha de São Paulo**, 2001.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SCHWARZ, Roberto. Atrevido, Merquior foi uma figura central. Ilustríssima, **Folha de S. Paulo**, 23/08/2015.

SOWELL, Thomas. **Os intelectuais e a sociedade**. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Conflito de visões**. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. In: **Papéis colados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

TRIGO, Luciano. Documentário e reedições mostram a falta que faz Merquior. **Site G1**, setembro de 2015. Disponível em <http://g1.globo.com/pop-arte/blog/maquina-de-escrever/post/documentario-e-reedicoes-mostram-falta-que-faz-merquior.html>; Acesso em 2/03/18.

VELOSO, Caetano. PSEUDO-INTELECTUAL DE MIOLO MOLE. **Navegando na Vanguarda**, 18/02/2010. Disponível em <http://navegandonavanguardia.blogspot.com.br/2010/02/entrevista-especial.html>.

VETTRAINO, Giovanna. **As autobiografias quase-romance de Caetano Veloso**. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/169072/342188.pdf?sequence=1&isAllowed=y>; Acesso em 2/2/18.

VIEIRA, Marcus Vinicius de Araújo. José Guilherme Merquior, um diplomata de 900 anos. **Revista Juca**, disponível em <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/.../REVISTA%20JUCA%2005%20%20final.pdf>; Acesso em 6/2/18.

WINOCK, Michel. **Século dos intelectuais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000.